



**JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA**

**DE VOLTA  
A CUBA  
A ILHA QUE RESISTE**

**Reedito  
Pensar**

**EDITORA REPENSAR**  
**CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Dr. Carlos André Birnfeld

Prof. Dr. Felipe Franz Wienke

Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. Hector Cury Soares

Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues

Prof<sup>a</sup>. Dra. Liane Francisca Hüning Pazinato

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sheila Stolz



**DE VOLTA**

**A CUBA**

**A ILHA QUE RESISTE**

**Copyright**© 2024 by Editora Repensar  
Projeto livrosparaomundo.com  
Editor Responsável: Mara Vahl  
Projeto Gráfico e Diagramação: Mara Vahl  
Capa: Mara Vahl

As ideias e opiniões expressas neste livro são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião desta Editora, que não as aprova, nem reprova.

*É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, físico ou digital, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais, sem autorização da editora.*

*Nos termos do projeto @livrosparaomundo.com, desde que mantida a absoluta integralidade da obra, fica excepcionalmente autorizada a reprodução e distribuição em caráter não comercial, em formato digital PDF.*

A violação de direitos autorais constitui crime, sujeitando quem praticá-la à sanções penais, busca e apreensão e indenização pelos danos morais e materiais. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Repensar conforme respectivos termos de cessão e o projeto livrosparaomundo.com.

JOSÉ RICARDO CAETANO  
COSTA

**DE VOLTA  
A CUBA**

A ILHA QUE RESISTE

**Pelotas  
Editora  
REPENSAR  
2024**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

C837c Costa, José Ricardo Caetano

De volta a Cuba a ilha que resiste / José Ricardo  
Caetano Costa. – Pelotas/RS: Editora Repensar, 2025.

2.100 KB; PDF ; 270p. 15x21

ISBN : (livro digital) 978-65-984182-4-3

ISBN (livro físico): 978-65984182-5-0

1. Cuba 2. Socialismo. 3. Justiça social. I. Título

CDU: 308.729.1

CDD: 306

*Agradecimentos*

*À Universidade Central “Marta Abreu” de Las Villas,  
na pessoa de meu orientador de pós-doutorado,  
Prof. Dr. Edgardo Ricardo Romero;  
À minha segunda família em Cuba, representada  
pelo Prof. Jaime Garcia Ruiz, pelo acolhimento  
e o carinho com que me recebeu.*

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

*“Chamo de socialismo todas as tentativas que dizem que o homem tem que caminhar para a Igualdade, que ele é o criador das riquezas e que não pode ser explorado.”*

*Antônio Candido*

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

*A pandemia me confinou em Cuba.  
Bastou alguns minutos para minha mente aflorar e se libertar.  
As palavras lavraram a terra quase que infértil,  
A semente germinou e produziu estas crônicas.  
Não há pandemia, isolamento ou confinamento  
Que vedará a liberdade de pensamento.  
Gramsci já dizia que não se aprisionam as ideias.  
Ele tem autoridade para dizer isso. Escutei sempre Gramsci!  
Cuba, esta Ilha que Resiste, acerta nas medidas sanitárias  
Na crença de que somente a Ciência pode nos salvar  
E na tentativa de trilhar um caminho alternativo ao capitalismo.*

*Re* *edit*  
*o*  
*r*  
*Pensar*

## SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR.....	15
INTRODUÇÃO.....	17
1 A ILHA QUE DESAFIA.....	21
2 PREPARATIVOS DE UMA VIAGEM EM TEMPOS DE COVID-19 .....	27
3 OUVINDO OS SINAIS E ACIRRANDO OS SENTIDOS.....	31
4 DE HAVANA À SANTA CLARA: UMA VIAGEM NO TEMPO PRESENTE.....	37
5 OPS! A PANDEMIA AINDA NÃO ACABOU.....	45
6 E TINHA UMA “MAGRELA” PARA TRILHAR NOVOS CAMINHOS.....	49
7 UMA CIDADE QUE RESPIRA E INSPIRA A REVOLUÇÃO.....	53
8 MARTA ABREU DE ESTÉVEZ: BENFEITORA E PATRONA DE SANTA CLARA.....	61
9 UNIVERSIDAD CENTRAL “MARTA ABREU” DE LAS VILLAS .....	65
10 E TINHA UMA EMPILHADEIRA NO MEIO DO CAMINHO.....	71
11 O MUSEU E MEMORIAL DE CHE GUEVARA EM SANTA CLARA.....	77
12 DEMOCRACIA, RESISTÊNCIA E PODER POPULAR EM CUBA .....	85
13 O PROCESSO CONSTITUINTE DE 2018 E A CONSTITUIÇÃO CUBANA DE 2019.....	91

14 O SISTEMA DE SEGURIDADE E SEGURANÇA SOCIAL A PARTIR DO MODELO SOCIALISTA CUBANO.....	95
15 DESMISTIFICANDO OS MITOS.....	103
16 UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA E HUMANISTA.....	113
17 CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO: UMA ILHA QUE SE ATREVE A DESENVOLVER SUAS VACINAS CONTRA A COVID-19.....	121
18 A ÚLTIMA MANHÃ NA CIDADE DE MARTA ABREU E DE CHE GUEVARA E O RETORNO AO BRASIL.....	125
19 AS VÁRIAS “HAVANAS”: UMA CIDADE CONTRADITÓRIA E MARAVILHOSA.....	137
20 OBA! CONHECI A PRAIA EM HAVANA.....	149
21 FAZENDO UM <i>TOUR</i> POR LA HABANA.....	155
22 UMA CRÔNICA PARA JOSÉ MARTÍ.....	165
23 A EDUCAÇÃO LIBERTA: SEGUINDO OS ENSINAMENTOS DE JOSÉ MARTÍ.....	203
ANEXOS.....	207
A ASSOCIAÇÃO CULTURAL JOSÉ MARTÍ DO RIO GRANDE DO SUL (ACJM/RS).....	269

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

### **SOBRE O AUTOR**



José Ricardo Caetano Costa é Bacharel em Direito (UFPEL) e Filosofia (UCPEL); Mestre em Direito (UNISINOS) e Desenvolvimento Social (Doutor em Serviço Social UCPEL), Doutor em Serviço Social (PUC/RS), com estágio pós-doutoral em Educação Ambiental (FURG) e na Universidad Central "Marta Abreu" de las Villas (Cuba). É professor da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Direito e Justiça Social na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e coordenador do Programa de pesquisa-ação Cidadania, Direitos e Justiça (CIDIJUS) e Coordenador, juntamente com a Profa. Dra. Jara da Fontoura, do Projeto “Atendendo ao Povo das Águas” e Advogado. E-mail: jrcc.pel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1586-9492> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4216805718676021>

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



## INTRODUÇÃO

Após um ano de minha estada em Santa Clara (fevereiro de 2022), retorno à Cuba para a V Conferencia Jurídica Internacional da UCLV, que ocorreria de 13 a 17 de novembro de 2023 em um lugar paradisíaco denominado Cayo Santa Maria.

Há, iria conhecer até que enfim as lindas praias do Caribe. Mas isso merecerá uma crônica de viagem específica, *por supuesto*.

Aproveitando o importante evento patrocinado pela “Universidad de Che”, como carinhosa e respeitosamente é denominada, programei minha viagem para permanecer por uma semana em Havana, Capital.

Talvez eu tenha feito o caminho inverso que todos os turistas fazem. Primeiro conhecem a histórica capital de Cuba (que completou 504 anos), para depois irem para o interior. Eu fiz exatamente o oposto: passei quase um mês em Santa Clara, o que resultou da primeira versão do livro que tão bem foi recebido pelos mais variados públicos.

Heráclito de Éfeso já dizia, sabiamente, que ninguém pode banhar-se duas vezes nas águas de um mesmo rio. Seja porque você já não é o mesmo, seja porque a água não será a mesma,

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

seja porque o contexto não será igual. Tudo está em constante mutação. O que vale dizer que a dialética da vida venceu. Novamente!

Mas não somente por este ponto de vista que encontro uma Santa Clara diferente, quando do retorno, como se verá nas crônicas que se seguem nesta nova versão do livro “Cuba: a Ilha que resiste”.

Com efeito, tinha uma grande inquietação de aprofundar o dia a dia de Havana, esta instigante Capital de cinco séculos. Precisava responder a tantas críticas, confesso que no bom sentido que esta palavra apresenta, feitas a partir de minha narrativa em Santa Clara. Foram muitas e muitas vezes que fui interpelado: “mas não há pobreza em Cuba?” Falavam-se também da prostituição elevada, e assim por diante.

Não vi, em Santa Clara, no primeiro momento em que banhei-me em suas águas, tal como Heráclito, sinais nem de pobreza e nem de prostituição. Minha narrativa foi fiel ao observado empiricamente. Com toda a honestidade intelectual que um observador e escritor deva utilizar.

Desta feita, percebi em minha curta estada de apenas cinco dias, sinais de pobreza, o que vale dizer mais pessoas nas ruas principais do centro da cidade, pedindo auxílio financeiro, ou vendendo pequenos produtos cujo valor é bastante simbólico (cigarros, bebidas, isqueiros e até livros, entre outros).

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

A explicação que busquei residiu essencialmente na seguinte resposta: a crise econômica agudizada pelo insano bloqueio que a Ilha sofre há mais de seis décadas, agrava a situação de todos na Ilha.

Talvez a maior prova desta crise eu possa estabelecer, sem ter qualquer conhecimento acadêmico em economia, na seguinte constatação: quando da primeira estada na Ilha, o dólar paralelo estava de U\$ 1 por 100 pesos cubanos. Passado um ano apenas este câmbio desta de U\$ 1 para 250 pesos cubanos, em média.

Com efeito, vi em Havana muitos pedintes. E também algumas “ticas” oferecendo seus acompanhamentos aos turistas. Não posso afirmar, mas, com certeza, esse cenário deve ter também acirrado de 2022 para *adelante*. Tal como ocorreu em Santa Clara e, quiçá, em todo o país.

Feito este necessário registro, quero, nesta segunda versão do livro, incorporar algumas crônicas escritas desde Havana, bem como disponibilizar, ao final, um anexo de fotos ilustrativas referentes a esta histórica e monumental cidade.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## 1 A ILHA QUE DESAFIA

Cuba sempre esteve no ideário de toda minha geração, especialmente quando nos referimos a uma geração que acreditava/acredita no socialismo em suas múltiplas facetas: social, econômica, política, organizacional etc. E cada vez que ouvíamos o argumento de que o socialismo não deu certo, de imediato indagávamos ao interlocutor em que parte do mundo o capitalismo deu certo?

Paradoxalmente, o capitalismo apresenta seus piores resultados, sob o ponto de vista humano, justamente nos Estados Unidos da América, que representa seu maior expoente. Bem ali na sua frente, dividida por um gigante oceano, encontramos a pequena, mas valente Cuba que resiste a esta modelagem desde a Revolução de 1959.

Fruto deste processo de resistência ao nefasto sistema capitalista, a pequena Ilha caribenha sofre um bloqueio que não é somente econômico, como buscarei demonstrar no decorrer estas crônicas.

Com efeito, há de se ressaltar que a ideia central deste pequeno livro não é realizar nenhum trabalho acadêmico, desses em que perfilamos centenas de autores para justificar nossas teses. Nada disso! Quero trazer, em forma de crônicas,

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

um pouco do cotidiano desse povo que ainda diz um sonoro NÃO ao capitalismo.

Essa possibilidade foi aberta no começo de 2021, quando a pandemia trazida pelo Covid-19 passou a ter seus primeiros casos no Brasil, diante do meu aceite para realizar estudos de pós-doutoramento na Universidad Central “Marta Abreu” de Las Villas, em Santa Clara.

Por coincidência, ou não, foi justamente em Santa Clara que ocorreu a última batalha que consagrou a Revolução Cubana, sob a liderança de Camilo Cienfuegos e Che Guevara. Os restos mortais de Che Guevara encontram-se aqui, como demonstrarei em crônica destinada aos monumentos da Revolução.

Se a pandemia abriu espaço para um estudo híbrido, também impossibilitou a primeira ida à Cuba em 2020, para participar da *IV Convención Científica Internacional* da UCLV, quando o evento teve o formato remoto devido à pandemia.

Hoje, em 10 de fevereiro de 2022 estou chegando em escala no Panamá, com destino à Santa Clara para cumprir com a parte presencial de meus estudos, tempo este que aproveitarei para também escrever estas crônicas.

Em voo da Copa Airlines, repleto de brasileiros com seus dólares e tarjetas eletrônicas, eu disto-o deste público. Na conversa com alguns compatriotas indaguei o seu destino. Sempre o mesmo: Miami. Eu, muito tímido, mas orgulhoso, respondia em contrapartida que iria para Cuba. Sem dólares,

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

com poucos euros, sem tarjetas eletrônicas e sem participar de uma viagem guiada por agências turísticas. Graças à gentileza do Prof. Jaime Garcia Ruiz, professor de economia da Universidad Marta Abreu, que me abriu espaço em sua habitação para que possa viver, juntamente com sua família, vou me permitir experimentar o dia a dia deste povo.

Sabia, desde o começo, que se fosse na condição de um turista, na expressão que esta palavra representa, não poderia colher as impressões que busco na presente investigação. As visitas seriam previamente estabelecidas e guiadas. O acesso aos bens e serviços seriam diferenciados. O tratamento que um turista recebe deve, por certo, ser em outro padrão, até mesmo para fomentar esse setor que representa um expressivo ingresso de divisas para a Ilha. Não é isso que queria, com certeza.

Por outro lado, incertezas de quem faz uma viagem sozinho, sabendo que também a internet deixará de funcionar e o contato externo escasseará brevemente.

O longo percurso, que está possibilitando o nascimento destas primeiras linhas, envolve uma breve pausa no Panamá para troca de aeronave, bem como, chegando à Havana, mais cinco horas de ônibus até meu destino final em Santa Clara.

Fiz uma opção, diante do pouco tempo que tenho (exatos 14 dias), em permanecer integralmente no interior da Ilha. Penso que a província de Santa Clara, o qual dedicarei uma das crônicas, é intermediária entre um centro como Havana, capital, e outra cidade de pequeno porte.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Não há dúvidas que meus compatriotas que buscam o acesso material aos bens e produtos produzidos pelos trabalhadores e ofertados abundantemente em Miami, mediante sua compra, estão em uma posição oposta à minha.

Meu interesse, ao contrário, é buscar uma compreensão mínima desse sistema não capitalista que desafia há décadas o capitalismo bem à sua frente. E as indagações são muitas e diversas. Percorrem desde o funcionamento do próprio sistema de justiça até às questões ecológicas, de gênero etc.

A lista pode começar com as seguintes indagações pontuais:

- A começar pelo combate à pandemia trazida pelo Covid-19 e as medidas sanitárias adotadas, como Cuba está tratando essa pandemia que assola toda a humanidade, podendo inclusive devastá-la?

- Ainda sobre a pandemia, ainda em curso no mundo ao tempo em que escrevemos estas crônicas (segunda semana de fevereiro de 2022), interessa-me investigar o papel da ciência cubana pela busca de vacinas próprias, bem como o papel da própria medicina neste contexto;

- Como funciona o sistema cubano no que respeita a produção e comércio dos bens e serviços, uma vez que o lucro e a acumulação não são os pontos que movem o sistema?

- Como opera e se organiza o sistema de justiça?

- Como ocorre o acesso à informação e a liberdade de expressão nesse sistema?

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

- Interessa-me investigar como se dá o processo de representação democrática, bem como a forma de remuneração dos exercentes de cargos políticos;

- De que forma o bloqueio norte-americano vem afetando a vida do povo cubano, entre outros temas.

Não tenho o interesse, porém, de investigar todos estes pontos a partir de um estudo acadêmico, como eu disse antes. Pretendo, de forma mais suave e branda, adentrar no cotidiano vivido para, a partir da realidade própria, apresentar a narrativa em forma de crônicas.

Esta perspectiva só é possível porque o Prof. Jaime Garcia Ruiz e sua família me recebem em sua habitação, permitindo que eu possa fazer estas incursões.

Acredito que minhas impressões, por sua vez, possam contribuir para um olhar mais fiel da realidade cubana, especialmente quando o absurdo e autoritário bloqueio estadunidense não implica somente em restrições econômicas. Uma boa parte das notícias que nos chegam da Ilha caribenha não condizem com a verdade dos fatos. Há uma nítida distorção e uma intenção de desmoralizar o sistema cubano.

Se conseguir, por meio destas narrativas em forma de crônicas, lançar um olhar mais fiel à realidade que pretendo investigar, por meio de uma experiência vivida intensamente, creio me dar por satisfeito.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## **2 PREPARATIVOS DE UMA VIAGEM EM TEMPOS DE COVID-19**

Passou a ser um imenso desafio realizar uma viagem internacional diante da pandemia mundialmente estabelecida. Para os brasileiros, entretanto, os dissabores são ainda maiores. Com um governo que desacredita na ciência, propagando medicamentos comprovadamente ineficazes para combater o Covid-19, o cumprimento das mínimas regras sanitárias passa por um enorme desafio.

A começar pela obrigatoriedade da vacinação completa. Se por um lado o desastroso governo de Jair Bolsonaro prega a faculdade da vacinação, por outro o mundo inteiro passou a exigir a vacinação até para frequentar lugares públicos. Isso implica que para viagens internacionais, o sistema obriga a apresentação do passaporte vacinal ou de documento similar em que conste a vacinação completa.

Tal como o Uruguai, que exige o comprovante de vacinação e o teste de PCR nas 72 horas antes da viagem, Cuba igualmente mantém este procedimento.

Já vacinado com as três doses, por acreditar que somente a ciência dá as respostas para as doenças e patologias, mormente em se tratando de uma pandemia global, busquei a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para as

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

informações corretas. Para surpresa, descobri que a única agência na nossa região é em Rio Grande, zona portuária ao sul do Rio Grande do Sul.

A ANVISA ganhou não somente notoriedade, como também um mínimo de respeito, no processo ainda em curso da pandemia no Brasil. Soube ser firme, embora contrariando os interesses palacianos, quando necessitou ser. Esperava, portanto, ter a agência em minha cidade de Pelotas, mas me contentei, diante do cenário de terra arrasada legada pelo governo neo-reacionário-liberal atual para com todas as políticas públicas, em ir até a vizinha Rio Grande para obter as informações. Minhas expectativas foram frustradas. Aliás, sabemos da seriedade com que os governos tratam das políticas públicas quando lá na ponta, justamente no atendimento ao público, temos a sua real dimensão.

Com efeito, acreditando encontrar uma grande e eficiente estrutura, o *google maps* me conduziu a um prédio com aparência de abandonado, na zona central portuária de Rio Grande. Lá, na entrada, um senhor de meia idade, mal acomodado em uma pequena mesa de madeira à sombra de uma frondosa árvore que o protegia dos raios solares, sorriu e orientou-me a seguir as escadas que davam ao segundo andar. Lá encontraria um servidor que me passaria as informações solicitadas. A aparência do prédio não condiz com a grandeza e a importância que se espera desta Agência, especialmente em uma zona portuária em que a saúde e o cumprimento das regras sanitárias são fundamentais. O servidor, por sua vez, atende-me

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

com uma gentileza e educação exemplar. Empenha-se em responder minhas indagações, mas não consegue avançar um palmo sequer. O Atestado Nacional de Vacinação ou Profilaxia, para demonstrar a vacinação contra a febra amarela, não pode ser emitido por ele. Descobri, na conversa amigável que se instaurou, que a agência possui somente mais outro funcionário. O que vale dizer que, na região sul inteira, a ANVISA possui dois servidores públicos para dar conta desse universo, ampliado ao infinito diante da pandemia que ainda não acabou. Agradei a forma como fui atendido, muito embora sem nada resolver, enaltecendo o papel da ciência e dos servidores públicos neste momento pandêmico.

Retornando no dia seguinte à Rio Grande, consegui no Posto IV, do SUS, a emissão deste Atestado, cujo servidor municipal que gentil e competentemente me atendeu, me forneceu o documento que necessitava para viajar no dia posterior. Também me informou que em um raio de 400 km ele é o único a realizar esse procedimento. Inacreditavelmente.

Pensando que estava tudo certo, em termos de documentação, para a sonhada viagem à Cuba, busquei o CONECTSUS para imprimir meu cartão vacinal. Já sabendo dos ataques hackers ao sistema, meu receio se transformou em pesadelo: simplesmente tinha sumido do sistema a segunda dose da vacina da AstraZeneca, permanecendo a primeira e a dose de reforço. Com isso aparece no sistema que a imunização está incompleta e não é emitido o documento comprobatório.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

É de todo lamentável esta incompetência da gestão compartilhada do SUS (Estado, União e os Municípios), mormente quando é impossível que um cidadão tome uma primeira dose, não faça a segunda e consiga fazer a terceira destinada ao reforço. Ato simples, uma vez inserida no sistema, com os dados fornecidos pela Carteira do SUS, tudo certo para imprimir o atestado e permanecer com a documentação em dia.

Não tinha a dimensão de que estes documentos seriam fundamentais para que pudesse ingressar e permanecer em Cuba, diante do rígido controle sanitário que a Ilha impôs deste o começo da pandemia, aliada a produção de vacinas próprias (Abdala, Soberana, etc.), que a conduziram a índices excelentes no controle do Covid-19.

Menos noção teria de que minha entrada no País Socialista seria tão tranquila, diante de todos os documentos sanitários exigidos, mas que teria mais adiante outra exigência decorrente da pandemia.

### 3 OUVINDO OS SINAIS E ACIRRANDO OS SENTIDOS

Quando viajamos somos diferentes. Ou talvez passemos a ser o que somos e não demonstramos. A falta de tempo, como se não tivéssemos a opção em estabelecer a ordem prioritária de nossas preferências e ações, a correria absurda para manter-se em um sistema capitalista cujas necessidades criadas são inatingíveis, torna-nos não receptíveis aos sinais, aos movimentos, aos afetos, aos sentimentos.

A observação, por sua vez, é uma atividade que aguçamos quando estamos a esperar. A esperar na fila, o ônibus que não chega, à hora de ser chamado. Atento aos sinais, observei na rodoviária de Pelotas, cidade em que resido há quase quatro décadas, uma quantidade grande de andarilhos, que ao contrário dos demais que tem um rumo e direção, só possuem como referência aquele ponto de paragem. Todos passam. Eles permanecem. As vezes desaparecem. Aparecem de novo. Assim sucessivamente até sumirem de vez.

Mas não somente andarilhos e sem direção encontramos. A crise econômica pela qual passamos, especialmente pelo desmantelamento de um Estado Social, incipientemente desenhado nos governos de matiz petista, agravou o quadro da população mais vulnerável. A pandemia, por sua vez, aguça

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

intensamente este cenário. É nesse contexto que encontrei um artista que estava oferecendo a venda de seu CD. Vestido a rigor no traje de gaúcho, de alparcatas, bombacha e lenço vermelho maragato no pescoço, ofertava seu trabalho artístico. Outro artista, tatuado e de cabelos compridos, oferecia em um mural improvisado os brincos e adornos que ele mesmo produzira, quebrando a lógica do capital que se baseia na exploração do trabalho humano e da mais-valia acumulada. Muitos, mas muitos pedintes que buscam qualquer centavo que seja. Estes, diferentes dos primeiros andarilhos que no mais das vezes sequer possuem força física para pedirem ajuda, se despem de qualquer sentimento e curvam-se para pedirem as miseráveis moedas, entoando frases prontas com efeitos místicos: “que Deus lhe dê em dobro”; “Deus o ajude”; “em nome de Jesus...”. Nunca, Deus e Jesus Cristo foram tanto citados em um mundo capitalista tão desumano e selvagem.

Antes de embarcar, já de mala em direção ao ônibus cuja fila crescia, um cidadão pediu minha atenção. Pela fala inicial, de pedido de desculpas pelo incômodo, percebi a língua espanhola fortemente marcada, por trás de um portunhol que desesperadamente tentava uma comunicação exitosa. Humildemente, o cidadão que atendia pelo nome Ramirez me disse que vinha de outra cidade (a qual não recordo o nome), indo para Rio Branco (cidade fronteira à Jaguarão, a qual nasci nos idos de 1965), tendo lhe faltado R\$ 9,00 para a passagem do ônibus. Disse a ele que procurou a pessoa certa, por ser natural de Jaguarão e até hoje ter contato com a cidade pelo

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

exercício da advocacia privada. Passei uma nota de dez reais, com um sentimento de que fiz o menos, pois poderia também o ter auxiliado a comprar algum alimento. Sabemos que quando falta dinheiro para uma passagem, e vi quando ele foi ao balcão para comprar a mesma, também falta para outros bens materiais de primeira subsistência. O capitalismo não perdoa nada, nem mesmo o direito básico de ter uma alimentação diária para manter-se vivo. De qualquer modo, pelo menos estará em casa em poucas horas, e isso aliviou meu pesar.

Quem teve a paciência de ler até agora esta crônica, deve estar se indagando o que tem a ver esta narrativa da vida real, tal como ela se apresenta, com Cuba. Afinal, este é o moto de minhas reflexões a partir da viagem de estudos empreendida pela Ilha que Resiste.

Por certo que há uma ligação, pelo menos que eu traço em minha mente, a partir de tudo que li do modo de organização societária em Cuba.

No avançar destas crônicas, a partir das temáticas que irei abordar, penso que poderemos estabelecer uma conexão entre os modos de vida que enfatizo. Até mesmo porque eu não sei as respostas para as várias indagações que tenho ao escrever estas crônicas. Tal como nossos projetos acadêmicos de pesquisa em que estabelecemos o problema ou a hipótese inicial, somente no curso do trabalho de pesquisa é que teremos a confirmação ou refutação da nossa ideia inicial.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Seguindo atento aos sinais, percebi ao longo da viagem que a língua espanhola, a mesma que encontrei no cidadão uruguaio que me pedira ajuda, se fazia presente em músicas alegres e festivas escutadas pelo cidadão que estava sentado atrás de minha poltrona, ao lado direito da janela do ônibus.

Se aquela música para mim soava como um prenúncio da “Salsa” e do “Son” que esperava encontrar na Ilha Socialista, para alguns outros passageiros parecia incomodar, especialmente quando intencionavam dormir esplendidamente na viagem até Porto Alegre.

Eu, já curioso, pensei que estava diante de mais um cidadão uruguaio, ou talvez argentino, que saudoso de suas origens as vezes cantava junto os refrões das músicas. Por vezes, até conseguia avançar e cantá-las em sua integralidade. A música, assim como a poesia e as artes em geral, possui uma magia inexplicável racionalmente. Por vezes não ouvimos uma música há mais de décadas. Basta escutar um começo que nossa mente prodigiosamente desenrola o novelo inteiro, com alguns espasmos naturais. Isso não ocorre com as teorias que estudamos. São no mais das vezes um artigo necessário para passarmos nas provas. Tão logo as usamos elas simplesmente somem de nossa mente.

Quando chegamos em Porto Alegre percebi que permaneceu somente eu e o cidadão cantante no ônibus. Isso porque, por regra da zelosa empresa Expresso Embaixador, se

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

tiver um passageiro que tenha por destino o aeroporto Salgado Filho o ônibus deixa neste destino.

Como não perco uma boa oportunidade de aproximação e no afã de fazer novos amigos, puxei também meu portunhol e estabeleci uma comunicação inicial. Por certo que falei da música com ele, indagando que ritmo era aquele. Claro que foi uma estratégia, bem-sucedida, pois saberia por meio desta informação qual era sua origem. Dito e feito! Suposição equivocada, não era uruguaio ou argentino, mas era latino-americano, de Colômbia, precisamente de Bogotá.

Como de costume quando nós nos abrimos ao “outro” que se nos apresenta, em sua outridade e estranheza, passou a narrar sua vida. Foi contratado pela empresa portuguesa Porto 5, para trabalhar na construção civil em Pelotas, junto com outros dez colombianos, estando há nove meses em minha cidade. Deixou em Bogotá uma esposa com dois filhos pequenos, sendo que o último, de quatro meses, ainda não o conhecia. Mostrou-me no celular a foto dos pequeninos, enfatizando as fotos muito fofas do filho que ainda não conheceria.

Se chamava Jorge Luiz, estando de partida de Pelotas devido à baixa remuneração, consequência da desvalorização do real e do aumento do custo de vida em nosso País. Justificou-me que não conseguia mais manter-se e, ao mesmo tempo, enviar algum dinheiro para sua família na Colômbia.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

A vida de Jorge é a de milhares de trabalhadores imigrantes, que deixam seus lares e, como ele, por vezes nem conhecem seus filhos, em busca de trabalho e dignidade.

E Jorge me acompanhou até o Panamá, quando nos despedimos saudosamente e já amigos no Facebook. Curiosamente, pegamos o mesmo voo, o que permitiu tomarmos alguns cafés a preço de ouro (os quais fiz questão de pagar como cortesia, pois sabendo das dificuldades do simpático rapaz), dando continuidade a uma boa conversa.

Do Panamá à enigmática e instigante Cuba. Expectativas e apreensões, confesso. A escolha feita que fugiu do esquema turístico, traz nestes momentos várias incertezas e medos. Sempre frisei ao amigo Prof. Jaime Garcia Ruiz, que não queria conhecer a Ilha de forma artificial. Por isso rechaçaria o uso dos pacotes turísticos, os quais direcionam deste a passagem aérea como o Hotel e os lugares a serem visitados.

Meu caminho foi o oposto disso. Comprei as passagens pela 1,2,3 Milhas. Aceitei gentilmente a estada com a família do Prof. Jaime, de modo que me propus a ajudar (contra sua vontade) nos custos gerados, ciente da grave crise financeira que atingiu também Cuba, especialmente quando a pandemia restringiu drasticamente o turismo que era sua principal fonte de ingresso de divisas. A longa ida de Havana à Santa Clara, que duraria em torno de cinco horas, seria de ônibus pela empresa VIAZUL. Assumi, por conta e risco, a produção de todos os formulários e procedimentos impostos pela pandemia.

## 4 DE HAVANA À SANTA CLARA: UMA VIAGEM NO TEMPO PRESENTE

Ingressar em Cuba por conta e risco próprio, embora tenha impresso um comprovante emitido pela Universidade Central “Marta Abreu” de Las Villas, dando conta de meus estudos de pós-doutoramento, não diminuiu minhas expectativas e temores de algo dar errado.

A começar pelo esquecimento prévio, sanado pouco antes da viagem, de preencher o formulário de turista, obrigatório para ingresso no País, bem como o pagamento da “Tarjeta del Turista”, pago no aeroporto Salgado Filho antes do voo.

Afora isso, tinha recebido dos colegas professores cubanos uma encomenda de vários medicamentos que estão em falta, especialmente devido ao insano bloqueio norte-americano que coíbe o acesso aos insumos para o fabrico de medicamentos. Sabia, de antemão, que a política aduaneira é de permitir a entrada de medicamentos, com isenção inclusive de impostos. Ainda, despachei na mala maior alguns artigos de higiene pessoal e outros grãos (café em pó, nós moscada, chocolate em pó), itens também difíceis de encontrar.

Quando, no mundo ocidental, ouvimos falar do bloqueio desde 07 de fevereiro de 1962, patrocinado pelos EUA e seguido por vários países que o acompanham, não temos a

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

dimensão exata do que essa política perversa afeta a vida cotidiana do cidadão que aqui vive. O próprio pneu e a câmara da bicicleta que me foi gentilmente cedida como meio de transporte, foi possível porque despachei estes dois itens na mala que trouxe.

Com efeito, os trâmites burocráticos alfandegários no aeroporto José Martí foram tranquilos. De todos os aeroportos internacionais pelos quais passei, é o mais simples e modesto, refletindo o que é Cuba. Por outro lado, pela primeira vez vi uma atenção e preocupação com o controle sanitário em face do Covid-19. Sentadas em umas mesas similares às classes escolares, as zelosas e simpáticas enfermeiras colhiam todos os documentos sanitários exigidos, o que inclui o teste de PCR feitos 72 horas antes do embarque.

No formulário de viajante entregue online e o comprovante físico na entrada do País, o qual fica retido pela enfermeira, constava com exatidão o local e o lugar em que ficaria e habitaria nas duas semanas de estada na Ilha. Não sabia eu, porém, dos desdobramentos que teria esse importante controle e rastreabilidade que é feito.

Superado este trâmite inicial, não tendo qualquer problema de passar pelo sistema do Raio-X os meus pertences, os quais inclui os diversos medicamentos que trouxe, procurei a sede da VIAZUL para trocar o bilhete de passagem comprado *online*.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Na espera de quase quatro horas entre a chegada no aeroporto e a partida via terrestre, uma frustração: não foram aceitas, nas poucas lancherias existentes, nenhuma das moedas que tinha: euro, dólar (só aceito no mercado informal, por razões óbvias) e o real (nossa empobrecida e desconhecida moeda). Salvo pelas bolachas recheadas alcançadas por minha zelosa irmã, Maria Regina. E pelas duas águas minerais despachadas na mala maior. Frustração superada pelo festival de carros antigos (muito antigos, diga-se), encontrados no estacionamento do aeroporto José Martí. Mas não só estacionados, pois que circulando de forma desembaraçada, tal como aparecem nos filmes de época nas melhores construções cinematográficas.

Esse cenário belíssimo e pitoresco, de dar inveja à Ana Maria que possui um fusca vermelho ano 1972, é repetido por toda a Havana, bem como em Santa Clara. Após cansativas quatro horas de espera, estaciona um grande e ônibus (novo e gigante) da empresa estatal (frise-se que todas são estatais, pois estamos em Cuba não é!).

Indago a um dos funcionários, devidamente “embecado” (com gravata, inclusive) todo de azul, fazendo jus ao nome da empresa estatal, se era o ônibus certo. Ao aceno de cabeça entendi que sim.

Percebi algo diferente na forma como se operava o embarque. Notei que não havia pressa de ninguém. Além disso, me chamou a atenção de que as inúmeras malas que eram postas no enorme espaço de depósito não eram etiquetadas.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Não entendi. Depois percebi que elas já eram etiquetadas na compra da passagem, sendo que o bilhete era conferido depois na entrega.

O primeiro ponto favorável de se fazer uma viagem de ônibus, em direção ao interior do País, é a vivência que temos com as pessoas comuns que usam esse meio de transporte para longas distâncias. Eu precisava disso. Vivenciar o cotidiano, ir vendo pela lente do próprio povo o modo de vida diferenciado que é um sistema socialista como o de Cuba.

A dificuldade de encontrar o assento certo, pois os números não eram correspondentes, ocasionou um baile de se senta e se levanta. Até que o motorista, simpático e bem-humorado, dirimiu a controvérsia. Estava sentado ao lado de uma senhora, de meia idade, com uma aparência de quem não dormira nas últimas 24 horas (assim como eu).

Não demorou mais do que cinco minutos para estabelecermos uma boa comunicação. Nosso silêncio acabou quando eu a ouvi dizer ao passageiro da frente que tinha saído do Brasil na tarde do dia anterior. Disse-lhe que era brasileiro e tinha saído de Pelotas as 16h do dia anterior.

Conversamos durante boa parte do percurso, afora os momentos em que ambos dormimos, cansados de um percurso longo que estava longe de terminar.

Descobri, de início, que se tratava de uma das milhares de médicas e médicos cubanos espalhados mundos a fora. A Dra. I, assim a chamarei, trabalhou no Programa Mais Médicos, até

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

2018 quando o desastroso (des)governo de Jair Bolsonaro desarticulou este programa.

Também como milhares destes profissionais, casaram-se e firmaram famílias nos países em que atuavam, não mais retornando para a Ilha.

Estava a visitar sua mãe, idosa, e seu filho de vinte e poucos anos que também estuda medicina. Há dois anos, devido à crise financeira, não retorna à sua pátria natal.

A Dra. I. seria importante fonte primária de minhas investigações. Era desenvolta, simpática e inteligente. Além disso não tínhamos problema de comunicação.

Após a saída do aeroporto, passei a presenciar um espetáculo, guiado pela minha nova amiga de viagem, pois passamos pelos principais monumentos e prédios que destacam a revolução e seus principais artífices, com especial atenção e destaque ao Che Guevara. A Plaza de La Revolución se destaca em todo esse cenário. Não tinha a mínima ideia de que encontraria os restos mortais do médico argentino que se tornou herói para este povo sofrido, justamente na cidade de Santa Clara em que permaneceria por duas semanas.

Nas ruas, muitos carros antigos, caminhões também antigos, motonetas e muitas, mas muitas bicicletas. Aliás, este último meio de transporte é o que mais me seduzia. Sabia que tinha uma “magrela” me esperando em Santa Clara. Bastava colocar os pneus e as câmaras e andar.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Na primeira parada, na garagem oficial da empresa estatal VIAZUL, introduzido no ambiente a partir do contato de minha colega de viagem, Dra. I., o simpático motorista veio conversar conosco. Havia uma queixa geral de que o custo de vida estava insustentável, uma vez que os baixos salários não podiam mais dar conta da satisfação dos bens de primeira necessidade. Por um momento pareceu-me até estar no Brasil, onde embora o salário-mínimo não seja tão baixo (algo em torno de 200 dólares), a moeda despencou e o custo de via subiu drasticamente.

Fiz uma conta rápida a partir de uma queixa quase que confidencial que o motorista nos fez: apontou para seu cinto, lustroso de tão novo, dizendo que gastou meio ordenado, ou seja 1.00 pesos cubanos. Algo que corresponde a 10 dólares, enquanto o salário-mínimo é de 20 dólares apenas.

Com efeito, se fizermos uma comparação numérica simples, chegaremos à conclusão de que o salário-mínimo em cuba é cinco vezes menor que no Brasil. Por outro lado, aqui os assalariados arcam desde o imposto indireto (nos produtos e alimentos que consomem), como nas demais áreas (habitação, saúde, impostos diretos etc.)

Em meio a várias paradas, uma mais demorada de quase cinquenta minutos para uma refeição. No simpático local, há uns 100 km de Santa Clara, chamado Para Tí, podia-se comer pizza, pequenos baurus, cachorros-quentes, além de um e

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

aromático café. O mais interessante é que não somente aceitam euros como os próprios preços estão expostos nesta moeda.

Minha colega de viagem sentou-se em uma mesa em frente, com outra recém conhecida. Animada pela possibilidade de comer uma comida quente e salgada após um dia e meio de viagem, antes de começar a deliciar-se apontou o dedo indicador para o prato e acenou positivo para mim. Oferecia-me um pedaço da iguaria, uma vez que compartilhei bolachinhas doces recheadas durante o longo percurso. Agradei a gentileza, na certeza de que em qualquer parte do mundo, os gestos de solidariedade são uma linguagem universal e infalível.

Pedi um café apenas, pois sabia que tinha um verdadeiro banquete com cerdo (porco) na casa de meu colega em Santa Clara. Do troco, fruto dos dez euros que alcancei, recebi uma grande quantia de notas de pesos cubanos. A satisfação de ter tanto dinheiro em mãos foi tanta que indaguei à garçonete se teria como me cambiar mais 20 euros. De pronto operacionalizou a troca, sei lá se justa na equivalência da moeda. O que importa é que me alcançou mais 1.500 pesos e tive a sensação de ter alterado meu status de classe média para um verdadeiro magnata com o bolso recheado de pesos cubanos. Pensei que dali em diante não teria mais privações para comprar o que necessitava, além de meus sonhados charutos cubanos, claro.

Já perto de meu destino, minha colega de viagem acorda e me indaga se eu avisei ao motorista que ficaria em Santa Clara.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

A coitada teria mais uma madrugada inteira para viajar. Chegaria de manhã em sua cidade Natal, atravessando literalmente a Ilha caribenha. De pronto, percorri como um risco o estreito corredor do ônibus, vindo a acertar algumas cabeças com a mão que buscava segurar-se na parte de cima dos bancos. Perdón, perdón... – me desculpei.

Obviamente que havia uma parada obrigatória em Santa Clara. De qualquer modo não relaxei até chegar e ver meu amigo com sua amável esposa, também servidora da mesma universidade em que leciona. Não poderia dar errado a última etapa de meu planejamento. E não deu, não fosse existir uma pandemia (ainda) em curso no mundo todo. E Cuba, por mais que alguns não queiram, faz parte desse mundo.

## 5 OPS! A PANDEMIA AINDA NÃO ACABOU

As despedidas são sempre difíceis. Mesmo quando se conhece a outra pessoa por algumas horas, ou as vezes até menos tempo, é duro pensar que talvez não a vejamos mais. Assim o foi com meu amigo colombiano, que seguiu seu destino e sabe-se lá para onde irá depois, em busca de melhores condições de vida para si e sua família; assim também o foi com minha amiga médica cubana.

Ameniza ver o Prof. Jaime Ruiz e sua amável esposa Roraima, esperando-me na estação rodoviária de Santa Clara. Deixei dois chocolates com a Dra. I., para que pudesse amenizar sua viagem na madrugada, despedindo-me à distância, por detrás das máscaras.

Muito bom reencontrar Jaime, antigo amigo que já nos contemplou por duas vezes com sua presença e seu vasto conhecimento em economia e em marxismo. Sempre amável, falando a despacio um portunhol extremamente correto (risos).

Senti, como sentem os amigos quando se reencontram, que algo o incomodava, embora não escondesse a alegria do nosso encontro.

Peguei as malas, auxiliado por Jaime, após me apresentar pessoalmente sua querida esposa Roraima, começando a

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

realizar um desejo incontido: andar em um destes carros quase centenários que circulam garbosamente pelas ruas da Ilha.

Uma viagem longa, em que Jaime me mostrava alguns pontos da mediana Santa Clara. Ao adentrar na parte inicial do campus da Universidad Central “Marta Abreu”, em que leciona e sua esposa, filha e genro também trabalham, seu orgulho e entusiasmo é notório e incontido. Realmente é uma linda universidade. Prédios bem conservados, muito arborizada, com jardins lindíssimos e toda calçada. Uma grande população de alunos e servidores, e uma avalanche de bicicletas que encantam qualquer amante do pedal.

Ao chegarmos no apartamento em que residem, de propriedade estatal e dentro da Universidade, passei a entender o misto de satisfação e preocupação de Jaime e sua família.

Não poderia permanecer ali com sua família, uma vez que o protocolo sanitário devido ao aumento de casos de Covid-19 foi alterado ao tempo em que voava do Brasil para Cuba. Estavam visivelmente constrangidos. Mostraram-me o quarto que prepararam para mim. Não sabiam nem o que dizer. Mas eu sabia o que dizer a eles.

E lhes disse que o procedimento, a meu entender, estava correto. Venho de um país que foi e é o pior exemplo de combate e postura frente a pandemia. De uma política pública ao reverso: temos que escutar o que nosso Presidente da República diz para fazermos exatamente o contrário do que apregoa.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Deixei evidente que concordo com as regras sanitárias impostas, por mais constrangedoras que sejam, isentando qualquer culpabilidade deles que desconheciam que o procedimento mudaria.

Após a entrega de presentes, especialmente os remédios que representam uma verdadeira “ajuda humanitária”, dirigi-me com Jaime para o hotel de passagem que a Universidade mantém para albergar alunos e professores estrangeiros.

Há de se registrar que o controle e rastreabilidade do governo é que permite a localização dos que ingressam na Ilha, para fins de controle da epidemia. Sabiam, portanto, meu paradeiro, por meio do formulário de turista que entreguei no aeroporto. Sabiam meu endereço e os fins de minha viagem. Com isso, ficou fácil a minha localização e a tomada das primeiras medidas para um isolamento.

De plano, fui orientado a permanecer no Hotel “Los Sauces”, um hotel de passagem junto ao campus da Universidade “Marta Abreu”, de modo que a equipe médica me avaliasse e, ao final de três dias de observação, teria a alta do “exílio sanitário” necessário em tempos de pandemia.

Não tenho dúvidas de que esse momento de isolamento, sem ter sequer internet e acesso ao mundo exterior (o que demorou até conseguir uma habilitação no sistema local), foi de primaz importância para amadurecer estas primeiras crônicas de viagem.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Preocupou-me, apenas, pelo pouco tempo que teria após cumprir o período de isolamento, uma vez que inicialmente tinham me passado de seria de sete dias. Caso fosse, não conseguiria investigar todos os temas os quais me propus e esbocei no começo destas crônicas.

De qualquer modo, ratificou minhas razões pelas quais a pequena Ilha caribenha está com mais de 90% de sua população com todo o calendário vacinal completo, com índices extremamente baixos de óbitos e internações devido ao vírus que não perdoa os desavisados e omissos.

## **6 E TINHA UMA “MAGRELA” PARA TRILHAR NOVOS CAMINHOS**

Nos preparativos de minha viagem, em troca de mensagens pelo aplicativo do WhatsApp, meu amigo Prof. Jaime me enviou uma foto de meu veículo de deslocamento quando da estada em Cuba. Meus olhos saltaram e brilharam quando viram uma bicicleta canadense CCM Targa 10 speed, conforme colacionada nas fotos constantes do anexo destas crônicas.

O que poderia ser um inconveniente ou até mesmo um empecilho, para mim o uso de uma bicicleta é libertador, além de ecologicamente correto e também uma forma saudável de se manter longe das medicações. Durante meados de 2020, quando do pior momento da pandemia, em Pelotas, passei a usar diariamente a bike para manter os exercícios e a mente mais sana. Afortunado por viver, na época, em um condomínio aberto, com sol ou chuva eu subia na “magrela” e percorria todas as ruas, por diversas vezes, garantindo uns 5 km diários de saúde e reforçando a imunologia para encarar o mortal vírus do Covid-19, na época ainda pouco conhecido.

Era uma forma de manter o distanciamento, estando ao mesmo tempo mais seguro, uma vez que usando máscara e realizando exercícios em lugar aberto e arejado, por certo.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Com efeito, se no Brasil usamos mais a bike para o esporte, esta não é a realidade cubana.

Em Santa Clara, pelo que vi e vivi nesta primeira semana, a bicicleta é muito utilizada como meio de transporte. Todos os percursos, incluindo os mais longes, são feitos na conhecida “magrela”. É um festival de bicicletas de todas as variedades e gostos, na maioria antigas, tal como uma diversificada frota de diversos veículos, dentre as quais a motoneta é a principal figurante.

Meu colega deu-me, na época, uma notícia não muito animadora: teria que levar para a bike um par de gomas, uma vez que este artigo também estava em falta em Cuba. Mais um dos itens que o bloqueio econômico impunha, uma vez que os insumos não chegam e, com isso, não é possível o fabrico de vários produtos.

Tive muito trabalho em achar o pneu finíssimo e específico que coubesse nesta speed: um pneu fino, com câmara, de metragem 27x1 e  $\frac{3}{4}$ . Acreditei que em Jaguarão, cidade divisa com Rio Branco, no Uruguai, seria mais fácil de encontrar o produto, haja vista que nossos queridos hermanos também utilizam as bicicletas (mais que veículos), e vimos pelas ruas muitas *speeds* com pneus finos.

Após percorrer três estabelecimentos que vendem acessórios para bicicletas, no quarto encontrei. Mesmo assim, em uma verdadeira operação de guerra, que obrigou o vendedor a catar no seu estoque os dois únicos pneus diferentes

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

(um listrado, que coloquei posteriormente na frente; outro todo preto, posto na roda traseira). Aliviado, vislumbrei o momento em que voaria pelas ruas de Santa Clara com a *speed* (ano 1975, pelo que pesquisei na internet), o que me possibilitaria conhecer melhor a cidade e os seus monumentos que homenageiam a Revolução Socialista.

Confesso que aprendi as regras mínimas do ciclismo, o qual não é comum o uso de capacetes e nem muito menos as roupas coloridas que usamos para pedalar. Em uma das saídas com o Prof. Jaime, que também utiliza a bicicleta como seu meio de transporte na Universidade, me chamou a atenção pela periculosidade da carreteira. Não entendi quando ocupou quase a meia pista, dizendo-me para nunca andar no fio do término do asfalto.

Somente fui atender a sua mensagem na manhã do dia 16.02, quando mesmo chovendo resolvi passear com a Martita (alcunha que lhe dei) pela apertada carreteira que conduzia até o centro da cidade. No retorno, ao passar o perigoso cruzamento que dá acesso à Santa Clara, ouvi várias vozes que murmuravam, embaixo de suas máscaras, algo parecido como “mais no meio da pista”.

Sucede que, mesmo aparentemente sem muitas regras e técnicas de proteção individual, o ciclista tem absoluta preferência na pista. Passei a observar que, ao longo do caminho, formavam-se longas filas de veículos e, na frente, uma bicicleta ia como que trancando o trânsito. Nenhuma

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

buzina! Todos aguardando a vez de poder passar com um mínimo de segurança.

Passei a fazer o mesmo. Martita sentiu-se mais encorajada e valorizada como sua majestade a Sra. Marta Abreu, que lhe dera a alcunha. Senti, sem dúvida, com uma enorme autoestima. Agora, tal como fizemos no Brasil, não precisava ir negociando uma passagem na beira da estrada. Quem deveria esperar seriam os outros veículos e não eu e Martita.

Pode parecer poético, talvez o seja, mas esse sentimento de respeito ao ciclista, bem como aos demais pedestres, reflete um sentimento de humanismo e de respeito ao ser humano que somente pode ser experimentado quando vivido. As teorias não conseguem adentrar neste universo socialista das relações sociais e interpessoais. São estas impressões que pretendo colher e relatar nas crônicas que compõe esta coletânea.

## 7 UMA CIDADE QUE RESPIRA E INSPIRA A REVOLUÇÃO

A primeira saída com a Martita (nome carinhosamente dado à Targa 10 canadense, após a primeira foto postada no monumento de Marta Abreu), ocorreu no domingo (13/02/22).

Já estava entrando no mundo dos desesperados após alguns dias sem pedalar. Somente fazia pedais curtos pelo lindo e arborizado campus da Universidade “Marta Abreu”. Os esportes, por certo, são ótimas drogas que produzem serotonina, dopamina e outras químicas e alquimias que nosso organismo precisa para se equilibrar e ir tocando a vida.

Acordei cedo, no afã de pegar aquela carreteira que por diversas vezes esbarrei devido ao cumprimento de meu exílio sanitário. Confesso que foi um privilégio estar exilado em Cuba, especialmente por saber que a pequena e gigante Ilha que Resiste vem dando exemplos ao mundo no combate à pandemia. Para termos uma ideia, meu Estado, o Rio Grande do Sul, teve até o momento em que escrevo estas crônicas 37 mil óbitos, enquanto Cuba, praticamente com a mesma população (11 milhões), teve somente 8 mil óbitos (ambos em números redondos).

Liguei o strava, na dúvida se conseguiria usar na Ilha. Que dúvida absurda! Por ser via satélite o sistema permite o acesso

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

em qualquer parte do mundo. Tinha que mostrar, no meu grupo de pedal (Turma do Pedal e Pedal Dominguera), que não estava enferrujando na Ilha caribenha.

Ao sair do campus da universidade, como um raio com direção, Martita nem tocava no chão. A sensação de liberdade que se tem em uma bicicleta só sabe quem pratica esse esporte. E ter uma bicicleta, ainda mais do porte e estado de conservação da Martita, para poder circular nas ruas centenárias de Santa Clara, é uma dádiva que poucos tem.

Acredito que se tivesse um veículo automotor, seja uma simples moto ou um carro, não poderia absorver o cotidiano, as minúcias, as impressões mais idiossincráticas deste povo. Precisava, e ainda preciso, entender como o capitalismo já derrotou tantos sistemas socialistas (no plural), enquanto Cuba mantém vigente os ideais revolucionários de *Sierra Maestra*.

Estando em uma das 15 províncias de Cuba (Villa Clara), a cidade de Santa Clara é de porte mediano, com 220 mil habitantes segundo o censo de 2017. Está localizada justamente no centro da Ilha, à 268 km de sua capital, Havana.

Sua maior importância é justamente por estar no centro da Revolução Cubana de 1959, pois foi aqui que Che Guevarra e Camilo Cienfuegos travaram a batalha final que derrubou as tropas milicianas do General Fulgencio Batista. Mas isso contaremos em detalhes em outra crônica.

Já na carreteira, cujos 10 km a percorrer daria no centro de Santa Clara, um cotidiano rico de sentidos.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Impressiona-me os meios de transportes coletivos usados, que vão desde carroças até pequenas motonetas. E claro muitos ônibus antigos, mas em perfeitas condições e funcionando a contento. E assim o povo vai se organizando. Fazendo sinais nas esquinas e subindo e descendo das motonetas táxi. Não saberia eu que utilizaria muito o sistema de motonetas para meu deslocamento até a cidade (algo em torno de 10 km da Universidade).

Chamou-me a atenção uma tagarelice faceira e alegre. Sabe quando estamos em um aniversário ou casamento, quando após certo tempo o “deus Baco” começa a fazer efeito e as pessoas se soltam, ficam à vontade e começam a falar mais alto? Pois é! Isso é o que vi a todo momento nas paradas de embarque/desembarque, bem como nos diálogos entre os usuários e os condutores destes veículos.

No longo percurso, sem pressa alguma, que me perdoe o strava que geralmente serve para registrar os recordes e vencer as metas, passei a observar o modo de vida da população.

Em Cuba não encontramos supermercados, hipermercados, megastores, ou algo que o valha. A lógica do capitalismo, de estocar mercadorias sem saber sequer se as vamos consumir, não cabe no pensamento socialista da Ilha.

Esse pensamento não acumulador me chamou atenção quando da segunda estada do Prof. Jaime Ruiz no Brasil. Nossa amizade começou nos idos de 2016, tendo o acompanhado em diversos eventos e o convidado para participar de nossas

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

atividades extensionistas do CIDIJUS (Projeto de Pesquisa-ação denominado Cidadania, Direitos e Justiça, mantido pela Faculdade de Direito da FURG, o qual sou um dos coordenadores). Dia antes do seu retorno à Santa Clara, pediu-me para comprar noz-moscada, pois alguém da família iria utilizar na feitura de um bolo e o produto era escasso em Cuba.

Conduzi-o a um supermercado perto de minha casa, em que costumava a fazer as compras para a manutenção da casa. Os supermercados são algo instigante. Compramos tudo e não produzimos nada. Sempre me espantou e espanta quando visito as zonas rurais de minha região e não vejo absolutamente uma erva de chá plantada. Nada! Os agricultores, por sua vez, dirigem-se aos supermercados para comprarem os hortifrutigranjeiros, ovos etc. Não é de todo compreensível isso. Mas retornando ao Prof. Jaime, imaginei que, dentro daquele universo de produtos ofertados, cujos lugares de exposição são meticulosamente pensados e planejados para incentivar um consumo por vezes irracional e desenfreado, ele indagou ao ajudante do supermercado onde encontraria o produto buscado. E foi apenas nele seu foco de atenção. Olhou para a haste de ferro que suportava uma quantidade enorme de saquinhos, cujo pó se juntava e formava uma massa escura, pegando somente um deles. Não compreendi sua atitude! Como assim? Poderia levar para sua cidade uma quantidade expressiva de noz-moscada. Indaguei, com um misto de curiosidade e indignação, se não iria pegar mais? Pensei que poderia ser por falta de dinheiro para a compra, razão pela qual

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

disse que fazia questão de pagar. Mas não era nada disso. Só fui entender bem depois seu pensamento. Resultado: a duras penas, após muito convencimento, consegui fazer com que trouxesse três saquinhos da iguaria encontrada na Ilha. não

Aqui não tem supermercados. Vi ao longo da carreteira várias pequenas ou minúsculas quitandas, cujos comerciantes oferecem seus produtos, especialmente frutos, frutas e hortigranjeiros em geral. Muita cebola, alho, bolachas (galletas extremamente deliciosas), artigos diversos para o preparo da comida. Faltam, por certo, muitos produtos. Outros sequer são encontrados, não constando no rol dos itens supérfluos que só no capitalismo encontramos.

Descobri, com facilidade, onde encontrar as pequenas e saborosas bolachas crocantes, à semelhança de um chip, a um preço justo de 25 pesos cubanos (algo em torno de R\$ 1,20). E um carro antigo de cor amarela, parado em uma das esquinas, formava uma longa fila. Parei e fotografei a cena: o portamalas gigante, como são comuns nos carros antigos, cheio destas iguarias preciosas, enquanto uma longa fila, extremamente disciplinada e absolutamente todos utilizando máscaras protetivas contra o Covid-19, aguardava pacientemente (mas com muita conversa), o momento de adquirir o produto.

Outra tenda me chamou a atenção. Muita carne de cerdo (porco), exposta para venda desta que é a carne mais usada na culinária cubana, juntamente com a carne de pollo (frango).

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Continuava, pois, entre uma parada e outra, meu destino inicial de reconhecimento desta centenária cidade datada de 1689, palco da batalha final que deu a vitória dos rebeldes revolucionários. Graças à agilidade a Martita, não tive dificuldades de chegar ao centro da cidade, após percorrer uns 8 km. Não sabia que passaria no conhecido monumento ao Che, cujos trens descarrilhados e a empilhadeira Caterpillar usada na exitosa tarefa, estava no meio do caminho. Seduzido a permanecer ali, segui o caminho na busca do Parque Vidal, na certeza de que mereceria um momento especial e único, bem como uma crônica também singular, para refletir aquele momento especialíssimo de minha estada em Santa Clara.

Despido propositadamente do *google maps* ou de outra ferramenta similar, perguntei a um cidadão qual seria a direção. E depois para um outro, que me passou informações mais precisas.

Adentrei no Boulevard Santa Clara, estranhando que não tinha ninguém de bicicleta, sendo este um dos meios mais comum de transporte. Não desconfiei dos olhares que me foram deferidos, pois não é permitido o trânsito de bicicletas e automotores na pequena rua estreita, similar aos nossos calçadões. Mesmo diante de uma tentativa de me disfarçar de um legítimo cubano, algo me diz, passado o episódio, que sabiam se tratar de um desses turistas desavisados.

Imaginava um parque gigante, com arvoredos infindáveis. Mas a grandeza do local não está no tamanho, mas sim nos

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

seus prédios que ficam ao entorno de um pequeno coreto de ferro.

O parque, que fica bem no meio do centro histórico de Santa Clara, leva o nome de Leoncio Vidal Caro, morto em combate contra a dominação espanhola, no ano de 1896. No seu entorno encontramos o Obelisco, a Glorieta, a “Fuente del niño de la bota infortunada”, o busto em homenagem ao próprio Leoncio Vidal Caro e, a meu ver o mais significativo e impactante dos monumentos, a estátua de Marta Abreu de Estévez, que rendeu o batismo, neste exato momento em que me postei para “sacar la foto” pelas mãos de um obreiro cubano, ao nome de Martita à minha aguerrida speed canadense.

Também encontramos vários prédios históricos, à exemplo do teatro “La Caridad”, erguido pela benfeitora Marta Abreu, cuja fortuna herdada por sua família, juntamente com seu marido, serviu para os fins libertários de independência, conforme veremos em merecida crônica específica.

Este parque, recheado de histórias pré-revolução de 1959, foi o principal cenário de lutas quando do enfrentamento às tropas de Fulgencio Batista, derrotadas pelas ações exitosas de Che e Cienfuegos.

Tomei um saboroso café com um sandwich, em um antigo restaurante situado no parque, não porque estivesse com vontade, mas para ter um pretexto de permanecer um pouco

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

mais naquele sedutor e enigmático palco de muitas lutas libertárias.

Retornando, não foi difícil achar o caminho de volta. Mais uma vez passando pelo trem tombado. Muitas pessoas encantadas com o cenário. Tive que me deter para tirar algumas fotos, contidas na primeira passagem. Em frente, uma loja de souvenir vende pequenas lembranças tendo como personagem a figura principal desta batalha. Seduzido a entrar, sabia que não era o momento, sob pena de comprometer o resto da curta manhã. Teria, eu levado pela Martita, claro, que pedalar mais uns 9 ou 10 Km para retornar ao Hotel “Los Sauces”, no campus da Universidad “Marta Abreu” (agora já uma ilustre conhecida minha).

## **8 MARTA ABREU DE ESTÉVEZ: BENFEITORA E PATRONA DE SANTA CLARA**

Quando conheci o Prof. Jaime Ruiz e este me disse, com um notório orgulho, o nome de sua Universidade (“Marta Abreu” de Las Villas), fiquei curioso quem seria esta personagem que emprestara seu nome à segunda maior universidade de Cuba.

No começo de 2021, graças à pandemia que nos impôs praticamente todas as atividades docentes de forma virtual ou híbrida, tive o aceite para cursar o pós-doutoramento nesta Universidade, sob a orientação do reconhecido Prof. Dr. Edgardo Ricardo Romero. Meus estudos previam uma estada em Cuba, planejada para fins de 2021, que não se efetivou devido ao agravamento da pandemia, vindo ocorrer somente em fevereiro de 2022.

Visitei alguns sítios cubanos à procura da benfeitora que empresta não somente o nome a esta Universidade, mas também é uma unanimidade entre a população local. Já não seria mais uma ilustre desconhecida para mim, representando mais do que um nome estampado nesta importante instituição de ensino e de pesquisa.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Confesso, porém, que uma coisa é lermos sobre uma personalidade importante. Outra, bem diferente, é vivenciar a sua obra. Ir ao encontro com sua trajetória de vida, conhecer seu pensamento e, mais que tudo, suas ações efetivas.

Impressionou-me a história de vida e o legado desta grande e atípica, para sua época, mulher. Nascera em uma família rica, em 13 de novembro de 1845, tendo sido casada com o advogado e político Luiz Estévez y Romano, que sempre apoiou as iniciativas de sua parceira.

Quando recebera sua herança, passou a utilizá-la em prol dos movimentos revolucionários que buscavam a independência de Cuba enquanto colônia espanhola. Foi a principal financiadora da guerra de libertação de 1895-1898, expressando que a liberdade do povo cubano era mais importante do que o risco que sua família corria.

Em uma sociedade ainda escravocrata, ela e seu marido outorgaram a liberdade aos escravos da família, concedendo glebas de terras para que pudessem produzir, sendo que os demais que permaneceram passaram à condição de trabalhadores remunerados.

Sua sensibilidade e humanidade elevadas focaram em ações no auxílio aos mais vulneráveis. No campo educacional criou escolas para meninos, meninas e, também, para as crianças negras que não tinham direito à educação. Sempre atenta às necessidades dos mais necessitados, observou que as mulheres de Santa Clara sofriam para lavarem as roupas nos

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

riachos ao relento. Observou, em viagem realizada pela Europa, a existência de “lavadeiros públicos”, fazendo quatro deles na cidade. Além disso, também investiu na construção de casas populares aos mais vulneráveis.

No campo das artes, além de auxiliar artistas e artesões, construiu uma obra prima que se mantém com o tempo: o teatro de La Caridad, belo prédio situado na frente de sua estátua, na Praça Vidal, a qual passei vários minutos admirando e imaginando como fora sua impactante trajetória.

Afora estes feitos, Marta Abreu financiou a primeira planta elétrica da cidade, bem como construiu um observatório astronômico e entregou máquinas de costurar às mulheres mais necessitadas.

Ledo engano quem pense que esta senhora apenas realizou obras de caridade.

No sítio [www.contraloria.gog.cu](http://www.contraloria.gog.cu) encontramos uma descrição que nos dá a dimensão do seu patriotismo e pensamento independista. Conta que quando do exílio em Paris, assumiu os encargos econômicos da embaixada de Cuba naquele país, além de enviar vultuosa quantia de dinheiro para o Partido Revolucionário Cubano. Ajudou os prisioneiros confinados em Ceuta, Chafarinas, Fernando Poo e outras prisões, além de socorrer as famílias dos deportados de Cuba.

Indo além, subornou funcionários espanhóis para obter informações de guerra, repassando aos rebeldes para que pudessem organizar suas atividades de campo.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Marta Abreu veio a falecer em Paris, onde estava exilada juntamente com seu marido, no dia 02 de janeiro de 1909. Um mês após, inconsolável e abatido com a morte de sua esposa, seu marido se suicida.

Mas impactou-me profundamente as contribuições feitas na área do transporte ferroviário, cujo complexo está construído perto do nascedouro da cidade, no local denominado Loma del Carmen. Além disso, e talvez a intervenção mais conhecida desta ousada mulher benfeitora e independista, fora o financiamento da planta elétrica para Santa Clara. Este complexo, que conduziu Santa Clara a ter energia elétrica antes mesmo de Nova Yorque, data de 1895. Ao lado da estação férrea, inaugurada no mesmo ano, encontramos o prédio da UNE Empresa Electrica Villa Clara, com a seguinte inscrição abaixo de uma mão em forma de raio: “LO QUE NOS UNE: SOLIDARIEDAD, REVOLUCIÓN, ENERGIA.”

Fico, inerte, pensando o que tivemos nestas últimas décadas no Brasil, ao império do movimento, ainda em curso, “neo-reacionário-liberal”. Reflexão incontinenti face à postura tida para com os recursos naturais e nossas empresas públicas.

Nas várias vezes que me sentei no Parque Vidal, olhando sua estátua, após estudar sua história, compreendo melhor o sentimento que esta valorosa mulher despertou e ainda desperta em todo o povo de Santa Clara e a todos que ingressam em seu universo.

## 9 UNIVERSIDAD CENTRAL “MARTA ABREU” DE LAS VILLAS

Sempre ouvi dizer que se queremos ver o nível de vida de um local ou população, basta entrar em uma escola e em um hospital. Se tivermos estes dois itens como parâmetros Cuba está indo muito bem.

Cheguei de quinta para sexta em Santa Clara, tendo permanecido no hotel universitário “Los Sauces”, para cumprir um período de três dias de isolamento sanitário.

Na sexta a tarde instigou-me um grande movimento de alunos deixando o campus, cujas malas de todos os tamanhos e cores, faziam um forte zunido que se ouvia no meu quarto. Vi, igualmente, na esquina em que imbricava a rua central de saída do campus com a carreteira principal, as várias formas de transportes utilizadas na Ilha. A predominância dos pequenos e antigos ônibus, por certo, me fez indagar de ímpeto à simpática e falante camareira que organizava meu quarto.

Indaguei se era período de vacaciones (férias) escolares. Me disse que não. Ocorria esse movimento todo o final de semana. Os alunos que residem nas proximidades, em outras províncias inclusive, passam o sábado e domingo com suas famílias, retornando na segunda.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

O grande movimento de alunos era justificado. Estava estudante e hospedado na segunda maior universidade de Cuba. Com seus quase doze mil alunos, entre os quais centenas de estrangeiros em convênios ou estudando por conta própria, com mais de dois mil professores, suas 12 faculdades, 54 carreiras, 29 doutorados e 44 mestrados, estamos diante de uma grande universidade.

Mas a grandeza de “Marta Abreu” de Las Villas não está somente nestes números, que para uma Ilha pequena como Cuba não devem passar despercebidos. Ao analisar sua página no facebook, encontramos no ícone VISIÓN, a busca pelo ensino de excelência, articulada com o projeto socialista de Cuba. E segue: “formamos con calidad y eficiencia profesionales integrales, con profundo sentido humanista, competentes, cultos, portadores de nuestros valores y comprometidos con la patria”.

O caráter humanista na formação de todos seus profissionais, à exemplo dos médicos cubanos que conhecemos mais profundamente no Brasil, a partir do exitoso programa “Mais Médicos”, é inegável e de fácil constatação.

Hospedado no “Los Sauces”, cujas acomodações são simples, mas de muita qualidade, possuindo cada quarto uma TV, ar-condicionado e geladeira, estou tendo a oportunidade de conviver com os trabalhadores de todos os níveis (professores, técnicos, zeladores etc.), bem como com alguns alunos desta importante instituição.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Nas conversas que tive observei que existem várias formas de acesso à Universidade Pública em Cuba. Sendo a educação toda pública, com acesso por meio de provas é possível o ingresso em uma das faculdades. Em primeiro momento o aluno escolhe o curso, mas pode ser redirecionado em vários casos, inclusive atendendo aos interesses locais (por exemplo, passou em engenharia, mas há necessidade de profissionais na área da saúde, de modo que poderá ser realocado para essa área). Encontrei alunos bolsistas, financiados por seus países de origem ou outras instituições. Há também os alunos que vem de fora do país e estão arcando com seus custos, sem bolsas de financiamento. Caso típico da medicina que, por sua excelência, acaba atraindo os jovens para realizar seus estudos na Ilha.

Todos têm a consciência do papel da Universidade na construção do socialismo e na devolução do saber adquirido em forma de serviços comunitários.

Foi essa consciência, tomando o caso de “Marta Abreu”, que transformou esta Universidade em hospital de campanha quando do forte da pandemia em 2020. Dezenas de alunos e professores se ofereceram para o árduo trabalho voluntário no hospital temporário aqui criado. Os 16 quartos do Hotel “Los Sausés”, em que me encontro hospedado e permanecerei até o final de minha estada, receberam os trabalhadores que entravam em isolamento por quatorze dias. Ouvi relatos que os estudantes das exatas contribuíram para realizar os boletins e estatísticas diárias sobre a doença.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Bem ao contrário no que vimos no Brasil quando do pico da doença. Nossas universidades fecharam as portas, à exceção dos hospitais públicos que mantiveram suas atividades.

Percebo, até porque a pandemia não acabou em nenhum lugar do mundo, um comprometimento e engajamento social elevado de todos os estudantes. Eles tem consciência de que é a sociedade que os mantém. E justamente é esta mesma sociedade que deve ter o retorno de todas estas especialidades.

Mas as aventuras nesta grandiosa e histórica Universidade não param por aí, ao contrário do que tinha imaginado quando pus um ponto final nesta crônica, no parágrafo acima.

Com efeito, na quarta, dia 16 de fevereiro, o Prof. Jaime ofereceu-me gentilmente para fazermos um passeio no campus sede da Universidade, praticamente interligado com o campus em que estava hospedado. Tinha aguçado minha curiosidade quando falou, no almoço que costumeiramente fazia com sua família todos os dias, de que havia os primeiros movimentos de Gue Guevara e seu grupo começara dentro desta Universidade.

Confesso que em todas as leituras que fiz, bem como nas buscas rápidas pela internet, não tinha visto nenhuma alusão a esta passagem.

Partimos em nossas bicicletas, conversando como dois amigos antigos, embora não tanto na linha do tempo, comungando de mundos ora distintos e ora utopicamente vislumbrados.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Ao chegar no campus sede, Jaime passou a enumerar cada prédio, pois há muitas décadas trabalha nesta Universidade da qual se orgulha pertencer.

A primeira sala é justamente o Departamento de História. Detive-me em frente a um mural para uma foto, eu e a Martita a qual fiz questão de fazer aparecer no registro. A foto a direita confirmava o que tinha visto na visita ao Museu e Memorial de Che Guevara: o recebimento do título de honoris causa sem a toga, devidamente fardado como comandante militar.

Ao lado, dando lugar à Sala de História, encontrei justamente o local referido por Jaime, ou seja, aonde o Comandante e seus aliados passaram a pensar e planejar a operação tático-militar que levaria ao último combate em Santa Clara. Consta da placa: “Este lugar se estabeleció inicialmente la base de operaciones dela coluna 8 ciro redondo comandada por Ernesto Guevara al comenzar su avance sobre la ciudad de Sta. Clara. 28 de diciembre 1958.”

Em um muro em frente a esta placa, conforme consta das fotos anexas, é possível analisarmos a estratégia montada, reproduzida no cenário vivo do Museu do Trem Tombado: os fios cortados e a empilhadeira caterpillar arrancando os trilhos para que os trens tombassem.

Todo esse contexto é impressionante!

Não bastasse isso, Jaime me conduziu até outro prédio em que hoje funciona a Cátedra Honorífica “Ernesto Chevara”, que foi neste período transformado em um Hospital para cuidar

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

dos eventuais feridos no combate. Encontramos, ao lado esquerdo da porta do local, uma placa de bronze com as seguintes inscrições: “En este lugar radico el hospital de campaña de la columna 8 Ciro Redondo comandada por El Che al establecer su comandancia en nuestra Universidad. 28-12-58 – 17-7-97.”

Como narrei, não encontrei em nenhum livro ou sítio virtual estes fatos que fazem uma relação direta da Universidade e sua interação/intervenção com a Revolução Socialista que a ação fora partir dali planejada e meticulosamente executada.

Impressiona, pois, a história da própria benfeitora que dá o nome a esta Universidade, bem como seu papel fundamental para a vitória dos rebeldes em 1959.

Para finalizar essa incursão, bem como coroar o que acabo de afirmar, deparei-me com alguns morros com estranhos canos em “L” invertidos saindo de sua superfície. Estavam espalhados em alguns lugares no campus sede. Meu colega me explicou: tratava-se de refúgios, tipo búnquer, feitos na década de 1980, diante das iminentes ameaças de ataques vindas dos Estados Unidos. A população, que era treinada para defender-se se necessário, teria um lugar de proteção. Não chegaram a ser usados, mas registra mais uma vez a valentia e serventia aos ideais libertários desta grande Universidade a qual por um momento tenho o orgulho de fazer meus estudos pós-doutorais.

## 10 E TINHA UMA EMPILHADEIRA NO MEIO DO CAMINHO

Na manhã de 15 de fevereiro, decididamente acordei pensando em rever o cenário dos trens tombados na chamada “Batalha de Santa Clara”, que ao comando do capitão Che Guevara e de Camilo Cienfuegos abriram caminho para a vitória final da Revolução Cubana de 1959.

Com um imenso pesar encostei a Martita em um canto da pequena saleta de entrada para meu quarto no Hotel de passagem, pois não poderíamos ser uma perfeita “pareja” neste passeio. Sabia que ela entenderia!

Tomado por um misto de curiosidade e preocupação, me profilei atentamente em uma pequena fila que se formava na rua principal da universidade, imbicando com a carreteira principal que conduzia ao centro da cidade.

Via atentamente este movimento. Pequenos ônibus e motonetas, faziam uma suave meia lua de retorno na carreteira, enquanto o condutor organizava os usuários que o pagavam com uma nota de 10 pesos cubanos pelo transporte.

Interessava-me aquele meio de transporte intrigante representado pelas inúmeras motonetas que via. Impressionou-me a velocidade audaciosa com que andavam e, mais que isso,

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

tinha curiosidade em saber afinal quantas pessoas comportavam naquele minúsculo carrinho puxado por uma moto (dia o nome motoneta).

O transporte público de cuba é um dos problemas que aparece de forma bem visível. Segundo colhi, as motonetas, cujo preço acessível e a fluidez no deslocamento, resolveu parte desse problema.

Olhei atentamente como os demais se comportavam, para saber como usar o meio de transporte escolhido e, também, como pagar pelo referido serviço que é privado (mas tabelado, como tudo em uma economia socialista planificada, claro).

A ideia original de que comportaria de quatro a seis pessoas caiu por terra. Para meu espanto cabem oito passageiros (quatro em cada lado), com um arranjo em que os joelhos do vizinho à frente não se tocam o tempo inteiro, sem termos o que fazer a não ser ir conhecendo o parceiro quando dos vários pedidos de desculpas feitos – explícitos ou velados.

Fiz um cálculo grosseiro e cheguei à conclusão que aquela motoneta estava suportando mais que meia tonelada de peso, sem contar o condutor que ia o tempo todo buzinando e acenando para seus compatriotas. Alegre e descontraído, na certeza de que temos que viver um dia de cada vez.

Sabia onde era o monumento. Já tinha passado antes com a Martita e seduzido a deter-me, quando reservei um momento especial apenas para essa incursão. Por isso saltei antes da

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

motoneta, parando no primeiro ponto após a rótula que permite o acesso a carreteira para a universidade.

Fui caminhando, pois precisava observar o entorno deste lugar enigmático, tão singular na história de Santa Clara e de Cuba como um todo.

Por todos os lugares encontramos alguma menção ao que ocorrera naquele ponto da estação férrea, que até hoje está em pleno funcionamento.

Chama a atenção as pinturas feitas na sede provincial do PCC aqui em Santa Clara. As belas estampas lembram a Revolução Cubana e sua efervescência atual. Em um muro destaca-se a frase: “Revolución es unidad...” Mas não somente em lugares públicos temos estes movimentos. Em uma pequena casa, em ruínas, vimos estampada em azulejo a foto de Che, enquanto em um outro terreno em que são plantadas sementes, denominadas “Semillas de Combatientes”, está inscrito em um tonel amarelo que certamente abastece de água o plantio, aquela frase clássica de Che: “Hasta la Victoria, Siempre.”

Com todos estes preparativos, não se pode chegar ao memorial dedicado a Che Guevara e aos seus parceiros revolucionários, especialmente a Camilo Cienfuegos, sem uma forte carga de emoção.

A história nos conta que o ditador Fulgencio Batista enviou uma tropa com mais de três mil homens, fortemente armados, para Santa Clara, buscando conter a intentada dos rebeldes que contavam com pouco mais de 300 guerrilheiros.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Ocorre que contavam com o apoio do povo de Santa Clara que desejava se libertar da ditadura imposta por Batista, com apoio do governo norte-americano.

Diante da visível disparidade de armas e de pessoal, os rebeldes tiveram duas ideias executadas com êxito absoluto: cortaram os fios que permitiam a comunicação, bem como utilizaram uma empilhadeira para arrancar mais de trinta metros de trilhos, fazendo com que os trens descarrilhassem e perdessem o rumo.

Após a queda inevitável dos trens que não encontraram mais os trilhos para seguirem seu rumo, os rebeldes atearam fogo nos vagões, obrigando os soldados de Batista a saírem dos trens. Tomaram suas armas e os rebeldes perseguiram a tropa já dispersa até o Parque Vidal. Na fachada do Hotel Santa Clara Livre, o qual encontramos na parte térrea o cine Camilo Cienfuegos, ainda é visível as marcas deste combate.

Após doze horas desta guerrilha, vencida pelos insurgentes, Fulgêncio Batista fugiu do País, dando vitória aos rebeldes.

Eu queria, e fiquei, muito tempo naquele fascinante lugar. Precisava meditar, refletir, entender mais aquele momento. Os trens bem conservados, embora estejam todos a céu aberto, demonstram os efeitos causados pelas balas disparadas pelos rebeldes naquele confronto.

Mas o que me chamou a atenção não foram os vários trens que estão ali expostos. Minha atenção toda ficou voltada para

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

aquele “pequeno brinquedo” exposto em cima de uma pedra, representado pela empilhadeira Caterpillar usada para arrancar os trinta metros de trilhos.

Este pequeno maquinário, que visto de longe mais parece um daqueles brinquedos que presentamos os pequeninos, foi fundamental para esse acontecimento que mudou a história de Cuba.

Passei na loja de *souvenir* exposta na frente do Museu do Tren da Revolução, na *Loma del Capiro*, para comprar alguns regalos e um porta charutos para uso próprio. Todos com a face do jovem guerreiro argentino estampados.

Indaguei, ainda na loja que expõe todos seus preços em moeda nacional (pesos cubanos), não aceitando o dólar para comercialização (uma mínima resposta ao bloqueio insano que é imposto à Ilha), como chegar ao Museo de Che. Lá estaria frente a frente com seus restos mortais, seus e de seus companheiros mortos na guerrilha boliviana em 1967.

Informado que seria “*muy lejo*” (distante), pensei que se estivesse com Martita o problema seria resolvido. Retornaria no outro dia. Mas esta investigação merece uma crônica singular.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## 11 O MUSEU E MEMORIAL DE CHE GUEVARA EM SANTA CLARA

Era ainda muito cedo em Santa Clara, com diferença de duas horas a menos que no Brasil, quando já estava de banho tomado aguardando meu orientador de estudos pós-doutorais, Prof. Dr. Edgardo Romero, vir me buscar para fazermos uma visita guiada pelo centro da cidade.

Ao sair do banho pensei como devia vestir-me para o encontro e as visitas guiadas que faríamos. Sabendo da informalidade dos professores, bem distinta do Brasil e dos demais países capitalistas, optei por uma calça de brim, camisa manga longa quadriculada (o que me fazia passar por um quase cubano na escolha) e um sapato social (única peça que dava um pouco de solenidade ao encontro).

Pensei, por um momento, que iríamos de carro. Aliás, não tinha andado de carro em minha estada, a não ser o táxi que me conduziu do terminal rodoviário até a Universidade.

Ledo engano!

Pouco antes do horário, adentra pelos jardins bem cuidados do Hotel “Los Sauces” o Prof. Romero, com vestes de

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

quem vai para uma atividade de campo: tênis, calça de brim, boné e uma mochila nas costas.

Após as saudações e uma boa conversa inicial, lhe disse que gostaria de priorizar a ida ao Museu e Memorial de Che Guevara, o qual concordou de plano.

Percebi que não teria vindo de carro. Fomos conversando até a saída da Universidade, de modo a ingressarmos em uma fila a espera de uma das tantas motonetas que nos conduziria ao centro da cidade.

Somente vivendo aqui, não como turista, mas experimentando o dia a dia desta realidade, podemos compreender a lógica do pensamento socialista. E a quebra da dicotomia entre trabalho intelectual e trabalho braçal é um ponto central, a meu ver, neste processo.

Não há qualquer distinção entre meu orientador, que é um dos doutores mais respeitáveis em Cuba e no exterior, quando se trata do tema de políticas públicas, ou do Prof. Jaime Ruiz, igualmente outra autoridade em economia política, com outro cidadão cubano que sobe conosco na motoneta.

No caminho, já na motoneta que comportou exatos oito passageiros, devidamente distribuídos nos dois bancos dispostos frente a frente na carroceria apertada do veículo, passamos a conversar com o motorista sobre a capacidade do motor. Descobri, por meio da investigação impulsionada pelo Prof. Romero, que o motor do veículo que nos conduzia era

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

muito potente. Equivalia a um motor do Peugeot 405. Por isso a velocidade e a força nas subidas.

Entre paradas e explicações do contexto da Batalha de Santa Clara, contados a partir do Museu ao céu aberto do Trem Tombado, o qual passamos rapidamente de motoneta, descemos e fomos caminhando pelas apertadas ruas de Santa Clara.

Muitas histórias, contadas a partir de um cidadão que nasceu e fez toda sua carreira universitária e política naquele povoado. Alguém que cujos projetos acadêmicos, envoltos com sua temática de políticas públicas, estão ligados e interligados pelas necessidades da população cubana. Pensa, respira e sonha com um mundo melhor para esta população. Tal como Che fazia, sem qualquer separação entre o fazer e o pensar; entre o ter e o ser; entre o teórico e o concreto.

Quando me disseram pela primeira vez que os restos mortais de Che Guevara e de seus companheiros estavam enterrados em Santa Clara, confesso que foi somente uma informação adicional. Mas quando me vi envolto em todo esse contexto, compreendendo-o de forma vivencial e experimental, estava com uma grande expectativa para suplantar o que via apenas pela internet e pelas imagens do Museo e Memorial.

Com efeito, passei a encontrar parte de minhas respostas perquiridas: por quais motivos Cuba ainda resiste ao capitalismo selvagem e desumano, mantendo os ideais socialistas em suas veias.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

No caminho, o Prof. Edgardo Romero me contou algo que não encontrei nos sítios e livros: a participação efetiva do povo de Santa Clara na construção da grande área do complexo. Confessou-me, com orgulho, que tinha um bônus de 100 horas de trabalho. Não entendi o que seria isso, de modo que perguntei, ingenuamente e com um vício legado do capitalismo, pelo que ele tinha trocado esse bônus. Por debaixo da máscara deu para ver seu riso, respondendo-me que não o trocou por nada. Ele e os milhares de cidadãos que ganharam o bônus por hora trabalhada o fizeram gratuitamente, por acreditarem no grandioso projeto e pela importância histórica que ele tem para todos.

Já distante se avista a gigante estátua de Che, de quase sete metros, feita em bronze pelo escultor cubano José Delaria. Parada obrigatória para uma foto em frente ao médico, escritor, diplomata, guerrilheiro, poeta e outros tantos misteres desse jovem argentino que mudou a história de Cuba e, quiçá, do mundo com sua práxis revolucionária.

A emoção de estar naquele lugar é indescritível. E tenho um enorme privilégio de estar com um colega professor que, além de ter as 100 horas de trabalho enterradas junto com os guerrilheiros que ali repousam, é um profundo conhecedor da história cubana.

Depois de deixar nossas mochilas na área externa, ingressamos na primeira sala de exposição, onde encontramos uma série de pertences pessoais do herói cubano, a começar

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

por seu jaleco de médico encardido pelo tempo, mais anotações manuscritas (que me trouxe um sentimento de identidade devido à letra inelegível), mais armas diversas (baionetas, revólveres, rifles etc.), utilizados durante as guerrilhas que enfrentou.

Como é de praxe nos museus, não é possível tirar fotos no seu interior, de modo que anotei em meu caderno de campo algumas impressões que julguei importantes para socializar nesta crônica.

Por certo que olhando as inúmeras fotos do acervo temos a imagem viva de um cidadão cujo sorriso contagia, cuja simplicidade o iguala aos demais e cuja liderança não precisa ser imposta, uma vez que é nata. Quando Fidel o fez Comandante de todos na guerrilha, sabia disso.

O fato de não se despir de seu uniforme militar não é mero cacoete. Traduz uma convicção de sua práxis revolucionária.

Há uma foto impactante datada de 1959, quando a Faculdade de Pedagogia de “Marta Abreu” o conferiu o título de Doutor Honoris Causa. Ele só aceitaria o título se não tivesse que colocar a toga. E assim foi trajado à cerimônia, destoando o tom oliva ao preto que predominava. Foto esta que pode ser conferida no anexo deste livro.

Mais impactante, ainda, é uma foto de 1964, quando na figura de Diplomata foi representar Cuba, a pedido de Fidel, na ONU. Estava a defender a manutenção da Ilha caribenha rebelde na OEA. Escorado displicentemente em uma parede,

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

aguardando sua vez para fazer o discurso, trajado com o mesmo uniforme militar de sempre, acendeu um charuto e começou a fumar dentro do recinto. Os olhares de reprovação dos demais ao entorno, todos e todas bem-vestidos(as), dão uma dimensão exata de sua figura ímpar e contestadora.

Ao final, a integra da carta que Fidel lhe dedicou. Na área externa, em que o cemitério ao ar livre guarda outras dezenas de combatentes que faleceram (durante e após) esse processo de revolução, encontramos uma chama acessa em 17 de outubro de 1997, renovada constantemente sem apagar.

Adentrando no local em que estão os restos mortais de Che e alguns combatentes, chama à atenção o cenário reproduzido: com árvores e cachoeiras que lembram uma floresta, a ideia foi reproduzir o ambiente da selva boliviana em que foram mortos.

A tumba de Che está ao centro, em destaque, ladeada por outros guerrilheiros e uma única guerrilheira, de nome Tânia, que deram suas vidas na compreensão de que o projeto socialista deveria ser espreado e internacionalizado por todo a latino-américa.

Passei os olhos lendo atentamente os nomes de cada um, com um misto de admiração e respeito. O Prof. Romero me chama a atenção para o de Papi Ricardo. Segundo meu mestre, foi o mais destemido e destacado entre o grupo, mas era muito indisciplinado. O provoquei dizendo que talvez por isso mesmo tenha sido o mais destacado, justamente por ser indisciplinado.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Percebi que um resquício de meu anarquismo primevo queria se manifestar em pleno solo “comunista”.

Teorias à parte, saindo do local de forma impactada, agradei ao Edgardo por ter-me presenteado com esta incursão inesquecível. Disse-me, igualmente emocionado, que de nada adianta um povo viver submisso a um poder, não ser livre, não ter dignidade e justiça social. Vindo de um reconhecido professor que vive em igualdade com os demais cidadãos, compreendi perfeitamente a sua mensagem.

Ao terminar a incursão, com vontade de permanecer por horas naquele instigante e inspirador lugar, terminamos nossa incursão no pátio externo em que se queda um longo cemitério com aqueles que tiveram alguma participação neste processo de lutas por libertação e independência nacional. De um lado a chama acesa por Fidel que não se apaga, de outro um mural com a frase proferida por Che: “Unir és la palabra de orden. Juntos estamos dispuestos a vencer o morir”.

Quando, na atualidade, ouvimos o movimento denominado “Patria o muerte” posicionar-se acerca das diversas temáticas que atingem a Ilha que Resiste, conseguimos compreender melhor suas mensagens a partir do contexto em que se pariu a Revolução Cubana aqui em Santa Clara.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## **12 DEMOCRACIA, RESISTÊNCIA E PODER POPULAR EM CUBA**

Após esta semana em Santa Clara, realizando meus estudos pós-doutorais, mas, sobretudo, convivendo intensamente com a população e em contato direto com ela, começo a entender e, quiçá, a responder a perquirição primeira que me motivou a escrever estas crônicas: por qual ou quais motivos, diante de tanta voracidade do capitalismo e seus atrativos em termos de bens, produtos e consumo exacerbado, Cuba ainda resiste?

Parte desta resposta foi cunhada não apenas na pesquisa acadêmica, mas sobremaneira no cotidiano o qual estou imerso.

A observação deste contexto que nos é estranho e de difícil compreensão, diante dos “olhos capitalistas” com que aprendemos a ver e a viver em nosso mundo, é de fundamental importância para a obtenção desta resposta.

Junto a esse empirismo necessário, ganhei de regalo a nova Constituição Cubana, levada a referendun em 22 de dezembro de 2018, vindo a ser aprovada por 78,30% da população votante (cerca de oito milhões de cubanos e cubanas). Passei a estudar minuciosamente o Texto Constitucional vigente desde 10 de abril de 2019, quando a Asamblea Nacional del Poder Popular a aprovou.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Não tenho dúvidas que a grande riqueza da democracia cubana, que não pode ser considerada autoritária devido ao fato de ter um único partido, o PCC, é o processo de participação local dos cidadãos.

É a partir deste processo extremamente democrático, como tentarei demonstrar, que a municipalidade (ou distritalidade), passa a ser determinante e central na política e estrutura de poder socialista.

Na Constituição de 2019, temos bem ao final (artigos 198 e 199), o que julgo determinante neste processo: o Consejo Popular.

A ideia central pode assim ser resumida: a população é organizada por circunscrições eleitorais, nos bairros, cidades, povoados e zonas rurais, de modo que o conjunto das circunscrições formam um Conselho Popular. É justamente esse Conselho quem exerce o controle sobre a produção, entidades e empresas, bem como a necessidade nas áreas sociais (saúde, economia, assistência, educação, cultura etc.).

O fomento ao debate e discussão, neste Conselho que se reúne periódica e constantemente, é realizado em qualquer local, tal como observei em uma das tantas viagens de motoneta quando várias pessoas estavam ao ar livre, embaixo de um bosque à beira da estrada, realizando uma sessão de debates. O identifiquei por meio de uma faixa branca, com letras azuis e preta, posta no local.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Vislumbrando melhor este processo dinâmico e de extrema participação popular vou citar o caso de Santa Clara, o qual investiguei a partir da fala de diversos cidadãos e da avaliação teórica desse sistema de Conselhos. A Universidade “Marta Abreu”, pertence a uma destas circunscrições. A cada cinco delas, temos a formação de um Conselho Popular. No Conselho terão cidadãos que irão se candidatar como delegados para representar o local em outro instituto político-administrativo fundamental: a Asamblea Municipal del Poder Popular, uma espécie de Câmara de Vereadores, para fazer uma analogia com o Brasil.

Detive-me a observar que não existe campanha política como no nosso caso. Os candidatos e candidatas expõe seus currículos em lugares públicos, tais como tendas e bares, vindo a população local a votar nos seus representantes, cujo voto é secreto e escrito.

Importante frisar que não há nenhuma ingerência do Partido Comunista Cubano (P.C.C) neste processo, o que nada impede que estes delegados sejam militantes do referido, por certo.

Cada circunscrição vai eleger somente um representante, que terá mandato por cinco anos, passando a integrar por igual período o Asamblea Municipal del Poder Popular.

Duas questões pontuais chamam a atenção neste sistema extremamente democrático de participação popular: uma, o fato de estes representantes, tal como os deputados que

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

formaram a Asamblea Nacional del Poder Popular, não possuírem qualquer tipo de remuneração, mantendo seus salários oriundos das profissões que exerceram; e, dois, o fato de poder, a qualquer momento, ser destituídos do cargo, caso os eleitores assim o desejarem.

O processo de relação e conexão direta para com o Conselho Popular está delineado no art. 192 da Constituição de 2019. Vejamos pela importância e riqueza que ele se reveste: “La Asamblea Municipal del Poder Popular para el ejercicio de sus funciones se apoya en sus comisiones de trabajo, en los consejos populares, en la iniciativa y amplia participación de la población, y actúa en estrecha coordinación con las organizaciones de masas y sociales.”

Esta modelagem que prioriza e apodera o poder local dos municípios é tamanha ao ponto destes, por meio dos seus representantes, escolherem os nomes dos Governadores e Vice-governadores das 15 Províncias existentes em Cuba, de modo que o Presidente da República escolha o nome dentre os indicados.

Não existe Poder Legislativo Estaduais (no caso Provinciais), tal como no Brasil. A força política está centrada nos municípios, por sua vez embasada nos diversos Conselhos Populares criados, como vimos.

Com efeito, no artigo primeiro da Constituição aprovada em 2019 é explicitado que Cuba é um Estado Socialista de Derecho y Justicia Social. Por certo que, nesta perspectiva, o

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Partido Comunista Cubano é o único admissível, o que não coíbe, pelo contrário, um debate crítico e apaixonado de teses apontando qual ou quais modelos de socialismo deve existir na Ilha caribenha.

Constatee, na vida cotidiana desta realidade em que vivi nestes dias, um cidadão extremamente preparado sob o ponto de vista do conhecimento e da formação político-ideológica em defesa do socialismo do seu País. Vi muita solidariedade, partilha, humildade. Em uma sociedade cujos salários guardam uma simetria justa e equilibrada. Observei cidadãos que defendem os ideais primevos da Revolução de 1959 de forma convicta e fundamentada. Neste ponto, a universidade e os centros educacionais (formais e informais), são pontos altos que conformam este ideário. Não é a esmo que Cuba não possui analfabetos em sua população e os demais indicadores são elevados.

O exercício do poder local, por sua vez, reforça estas instâncias. As dificuldades pelas quais atravessam – e não são poucas, não arrefecem os ideais socialistas germinados no longo processo revolucionário gestado nestas terras.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## **13 O PROCESSO CONSTITUINTE DE 2018 E A CONSTITUIÇÃO CUBANA DE 2019**

Acompanhei em 2018, desde Brasil, a efervescência dos movimentos sociais cubanos em torno da alteração de sua Lei Maior. Achei instigante quando soube, por meio de meus colegas professores universitários de “Marta Abreu”, que o Reitor Andres Castro Alegría fora eleito Deputado Constituinte. E mais instigante quando soube que para exercer esta missão sublime, não recebera um centavo de pesos adicionais sequer.

Fiquei sem entender essa questão: como um Reitor de uma grande universidade, eleito democraticamente pela comunidade local para exercer a tarefa de auxiliar na reflexão e nos debates que alterariam a maior lei deste País, nada receberia em troca. Estabeleci um parâmetro, como era de se esperar, com nossos deputados, senadores e demais cargos políticos, cujos salários constituem a maior faixa de dispêndios (depois do Judiciário, por certo), no Brasil.

Mas voltaremos a enfrentar essa questão, que julgo de fundamental importância, em outra crônica que se seguira mais ao final.

Neste passo, chamou-me a atenção para as convocatórias, na época, do próprio governo cubano para que a população,

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

especialmente por meio dos seus Conselhos e demais entidades sindicais e de classe, fizesse um amplo e profundo debate dos temas trazidos na nova Constituição.

Hoje, 18 de fevereiro de 2022, presencio algo similar quando da proposta de reforma do Código das Famílias. Sim, famílias e não família. Toda a propaganda que vi, especialmente no canal de TV estatal (“Cubavision”), é de um chamamento para a discussão e apresentação de proposta para as novas famílias ou tipos de famílias existentes em Cuba. Nesta, o leque de famílias é extenso, considerando as questões de gênero, de sexo e, também, as questões migratórias.

O processo de debate intensificou-se a ponto de terem sido registradas 133.681 reuniões para esse fim, com uma participação efetiva de oito milhões e novecentos e quarenta e cinco mil cubanos(as), resultando na apresentação de setecentas e oitenta e três mil cento e setenta e quatro propostas.

Em 24 de fevereiro de 2019 Cuba usa uma forma de consulta bastante utilizada no sistema político, o referendun popular. No levantamento fotográfico constante do anexo desta obra encontramos um chamamento, colado nas portas de entradas dos apartamentos dos prédios residenciais do campus de “Marta Abreu”, para que a população vá às urnas e diga se aceita ou não a nova Constituição. O resultado desse processo é no mínimo interessante: 90,15% da população, o que representa sete milhões dos oito milhões de eleitores

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

devidamente inscritos (números redondos), vai voluntariamente às urnas e 78,30% destes diz sim ao novo Texto Constitucional.

A Constituição vigente desde 2019, traz um regime misto entre presidencialismo e parlamentarismo, com a figura do Presidente da República e do Primeiro Ministro (pouco conhecida ainda), ressaltando como ponto fundamental o Poder Popular.

É nesse contexto que temos a figura do Consejo Popular, já analisada na crônica precedente, bem como da arquitetura montada a partir da Asamblea Municipal (privilegiada nesta construção de poder), bem como nos poderes dado à Asamblea Nacional del Poder Popular, o que equivale ao nosso Congresso Nacional.

Este órgão, que é erigido à “órgano supremo del poder del Estado” (art. 102), deve representar todo o povo e expressar sua vontade soberana.

Resultado de um processo de ampla discussão e debate, esta Assembleia Nacional possui poderes não somente de legislar, como também exercer o controle de constitucionalidade das leis e dos decretos, além de outras atribuições afeitas à um Tribunal Superior, tal como temos no Brasil com o STJ e o STF. Exemplo concreto vimos na letra “b” do art. 108, quando outorga à Assembléia Nacional uma interpretação das leis conforme a Constituição. Compete a esta Assembleia a própria revogação, total ou parcial, de leis ou

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

decretos que não estejam em conformidade com a Constituição.

Analisando suas várias atribuições, constantes no art. 108, encontraremos tarefas que, no nosso sistema, cabem ao Executivo. Exemplo disso é a discussão das metas e planos de planejamento econômico e social, interferência no sistema fiscal e financeiro, política externa, além de exercer a fiscalização dos órgãos de Estado, bem como avaliar as informações das empresas estatais.

O Superior Tribunal Popular (S.T.P), estabelecido de forma autônoma e independente, possui seus juízes eleitos pela Assembleia Nacional, sendo os demais juízes, togados ou leigos, eleitos para exercerem suas atribuições.

Existe em Cuba a figura do Juiz Leigo, que nos é conhecida por um passado não tão distante, quando tínhamos na Justiça do Trabalho os chamados “Juizes Classistas”. A composição das Varas do Trabalho era de três juízes, sendo o do juiz togado que a presidia, depois os juízes leigos representando a classe trabalhadora e a classe patronal.

No caso cubano as composições das juntas e das turmas do TSP são de cinco juízes: três togados, de carreira, mais dois representantes dos trabalhadores (uma vez que não existem classes), indicados pela Central dos Trabalhadores de Cuba (C.T.C).

## **14 O SISTEMA DE SEGURIDADE E SEGURANÇA SOCIAL A PARTIR DO MODELO SOCIALISTA CUBANO**

Minha estada em Santa Clara, nestas duas semanas, não foi planejada para ser uma daquelas viagens de férias. Estar no caribe e não conseguir sequer ir visitar as belas praias da região é pelo menos um indicativo dos meus propósitos.

Como estudioso dos direitos sociais, especialmente nas áreas da previdência e assistência social brasileira, venho me indagando como um país socialista com Cuba faz o enfrentamento de questões centrais vinculadas a estes direitos.

Diante do dismantelamento de nossas políticas públicas da área, bem como dos direitos sociais levados à cabo por meio de várias reformas (Trabalhista, Previdenciária etc), interessa-me investigar como funciona o sistema de acesso aos direitos assistenciais, por um lado, bem como a resolução dos conflitos quando do adoecimento dos trabalhadores.

A questão central trazida pela judicialização destes direitos, especialmente no que respeita às perícias médicas, dramáticas no caso brasileiro, mereceria uma investigação mais detalhada.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Na perspectiva de entender o sistema por dentro, a partir da fala dos seus usuários, passei a sondar esse mecanismo. Neste passo, fiz uma entrevista mais técnica e teórica para compreender estas estruturas, momento em que contei com a colaboração do Prof. Fernando Cherri, titular da cátedra de Derecho Laboral da Universidad “Marta Abreu” de Las Villas.

A começar uma semelhança com o órgão gestor do sistema geral de proteção social. O órgão gestor denomina-se I.N.S.S (Instituto Nacional de Seguridad Social). É ele quem administra, planifica e controla os recursos e gastos com benefícios e prestações. O sistema é dividido em três grandes grupos: a Seguridad Social (que abrange os trabalhadores estatais e todos os demais (por conta própria, microempresários e outros); o sistema de Assistência Social, para auxílios e benefícios temporários, e um terceiro sistema de regimes especiais, destinados aos militares (cujos critérios são os mesmos que o do regime geral), regimes de artistas, ex-combatentes e outros.

Tal como o sistema brasileiro, a idade para aposentadoria é de 65 anos (homens) e 60 anos (mulheres), embora com a Reforma da Previdência trazida pela Emenda Constitucional n. 103/2019, a nossa idade alcance os 62 anos em 2023, agregado um tempo, para ambos, de contribuição de trinta anos.

No que respeita aos benefícios por incapacidade, quando da falta de saúde para o trabalho ou para a vida habitual, temos muitas lições a aprender com o modelo socialista cubano.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

A começar pela impossibilidade de os trabalhadores e trabalhadoras permanecerem sem seus salários quando do adocimento ou, no caso de judicialização, não receberem seus salários até o término dos processos.

Com efeito, é garantido os vencimentos ou salários até o final dos recursos administrativos ou dos processos judiciais.

No caso de benefícios por incapacidade temporária (o nosso auxílio-doença ou o atual auxílio por incapacidade temporária), até seis meses de duração, caso persista a incapacidade o segurado faz um recurso a uma Comissão Provincial (na localidade em que reside), o que evita comumente a judicialização das demandas.

Quando o benefício por de longo prazo, ou seja, mais de seis meses, quando da alta e da manutenção da incapacidade, o recurso administrativo é direcionado ao próprio órgão gestor, o INSS cubano, que o avalia por uma junta médica. Caso não seja aceito o recurso, cuja interposição é obrigatória (diferente de nosso sistema brasileiro), o recurso judicial é diretamente ao Tribunal Superior Popular. Não há recursos intermediários. Da decisão do T.S.P, composto por cinco juízes (três de carreira e dois leigos vinculados ao movimento dos trabalhadores), cabe em 90 dias outro recurso de reconsideração, para o mesmo T.S.P.

Analisando a realidade fática, chego a algumas conclusões a partir do que vivenciei e observei. A começar pelo sistema de saúde considerado exemplar. Cuba vem, desde a Revolução de

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

1959, priorizando a saúde primária, de atenção direta às famílias, em uma medicina preventiva e não curativa.

Caminhando pelas ruas de Santa Clara encontramos de quando em quando uma casa pintada de verde claro com as inscrições C.M.F. Estamos diante do Consultório Médico del la Familia. Os números que constam ao lado são justamente a numeração das casas abrangidas pela área (confira foto no anexo).

O modelo é organizado por quarteirões, nos bairros, de forma localizada. Na verdade, as circunscrições são as mesmas existentes nos Conselhos Populares, tendo em cada local um posto de atendimento médico, com profissionais da saúde que visitam a população em suas casas. Além disso, registre-se, geralmente médicos, enfermeiros e demais profissionais que trabalham nos centros de saúde residem na mesma comunidade.

Essa fluidez e contato com a realidade facilita enormemente quando o cidadão, não importa qual seja seu trabalho ou condição, venha a necessitar do auxílio destes profissionais para encaminhar seus benefícios.

Não há quaisquer dificuldades para a realização de consultas, exames, bem como a aquisição de medicamentos que é feito gratuitamente nas farmácias estatais, a partir do receituário que já constará no sistema. Por certo que, a partir do bloqueio insano à Cuba, patrocinado pelos E.U.A, faltam

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

muitos insumos para a produção de medicamentos, que poderiam ser produzido na própria Ilha que Resiste.

O fato de todos se conhecerem, uma vez que o tratamento com as famílias permite uma relação e interrelação mais estreita entre as equipes profissionais e a população atendida naquele local específico, facilita o trâmite das demandas. A burocracia não serve como obstáculo, como se vê no caso brasileiro no mais das vezes.

Quando tentamos explicar nosso modelo de avaliação pericial não logamos êxito. Há uma distância abismal desse modelo extremamente humanista, cujas equipes deslocam-se cotidianamente às residências das famílias, valorizando os saberes e as culturas tradicionais, para com o nosso modelo técnico-burocrático, em que um sistema de computador se encarrega de dizer, ao fim e ao cabo, se há ou não incapacidade laboral.

Temos inúmeros exemplos dessa modelagem quando da estada dos médicos e médicas cubanas no Brasil. Uma boa parte deles(as), se não a maioria, residiam nos mesmos bairros que os usuários do S.U.S. Sequer tinham carro, utilizavam transporte público ou a nossa conhecida e prestigiada bicicleta, como ocorre aqui em Santa Clara.

Lamentavelmente o (des)governo de Jair Bolsonaro desmantelou o programa “Mais Médicos”, ocasionando um déficit de médicos em várias regiões do Brasil, especialmente

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

naquelas mais precárias em que os profissionais brasileiros não demonstram quaisquer interesses em trabalharem.

Sob o ponto de vista da judicialização, é visto como forma de justiça social a existência dos juízes leigos, que representam os trabalhadores, na composição do Tribunal Superior Popular. Estes juízes, que são eleitos e possuem os mesmos direitos e deveres que os juízes togados, são oriundos dos movimentos sociais. Conhecem a realidade social pois nela tiveram gestadas suas vidas. Espera-se, portanto, que as decisões sejam mais justas.

Busquei investigar, de forma paralela, qual seria o papel da Assistência Social neste sistema protetivo. E o fiz por uma gigantesca preocupação que venho tendo com os rumos que tomou a Assistência Social brasileira, uma vez que se firmou um entendimento, mesmo que velado, que seu destinatário deve ser miserável. Mesmo no campo do judiciário, a toga em terra brasilis, representada por uma elite de servidores públicos concursados que recebem ótimos salários e vivem em condomínios luxuosos isolados do mundo real, há o pressuposto da extrema pobreza para que os cidadãos acessem aos benefícios assistenciais.

Com efeito, a Assistência Social está alocada, juntamente com a Previdência, dentro do Ministerio del Trabajo y Seguridad Social. Ela é uma política protetiva que somente pode ser compreendida em conjunto com o trabalho, propriamente dito, e com a previdência e a saúde.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

A compreensão do que é a Assistência Social em Cuba se reveste de um significado importante para uma visão humanista do ser humano em sua integralidade. Ela representa desde os benefícios pontuais alcançados, passando pelos medicamentos repassados gratuitamente nas farmácias estatais, como os mais complexos serviços hospitalares (cirurgias de alta complexidade, próteses, órteses) à disposição da população.

Caminhando pelas apertadas ruas históricas de Santa Clara, cujas calçadas não permitem o trânsito de mais que duas pessoas, Prof. Edgardo Romero me falou sobre um projeto que sua esposa, Lídia, também professora universitária, estava realizando com uma população determinada. Ao fazer a interlocução, utilizei no contexto de minha fala a expressão vulnerável. O mestre Edgardo me interpelou, com a educação e gentileza que somente os verdadeiros mestres possuem, dizendo que em Cuba não é utilizado esta categoria. Não há vulneráveis. Todos possuem acesso ao mínimo existencial. Não há analfabetismo e não se vê pessoas pedindo alimentos pelas calles (ruas), tal como vimos em qualquer cidade brasileira. Me disse, recorro-me vivamente, que existem pessoas e comunidades que necessitam de questões pontuais.

A partir da vivência nestes poucos, mas intensos dias vividos em Santa Clara, fico pensando em qual sociedade há mais justiça social. Relembro do que passamos no Brasil, diante da “alta-programada”, instituto jurídico/administrativo que estipula aos segurados e seguradas um prazo limite de quatro meses para, milagrosamente, retornarem às suas

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

atividades. A perplexidade vai às alturas quando o próprio judiciário brasileiro não somente aceita esta alta legal, mas aplica a mesma sem qualquer evocação dos demais princípios jurídicos que deveriam proteger a população que mais necessita destas políticas públicas.

Fico pensando nos milhares de usuários do sistema protetivo que já não protege mais, diante de uma operação denominada “pente-fino”, cujas perícias fugazes não perduram mais que 15 minutos e decidem a vida (e a morte) dos usuários. Indigno-me cada vez que um segurado ou segurada perde o benefício por incapacidade temporária porque o S.U.S não permitiu um agendamento dos exames a tempo. Ou, pior, quando sequer o usuário conseguiu um atestado médico no posto de saúde, fato este que agrava na dura pandemia que (ainda) enfrentamos ao tempo em que escrevo estas crônicas.

Derradeiramente, nunca consegui compreender como um sistema de proteção social, aceite um limbo previdenciário-trabalhista, que permite o não pagamento de salários ou benefícios quando o usuário ainda discute seus direitos.

Portanto, antes de reproduzir um discurso padrão, proferido de um lugar comum, de que o socialismo em Cuba é autoritário e opressor, olhemos para nossa própria realidade e tiraremos as conclusões.

## 15 DESMISTIFICANDO OS MITOS

O movimento, ainda em curso no Brasil, o qual venho denominando de neo-reacionário-liberal, que com o (des)governo de Bolsonaro veio a coroar uma espécie de Badfare-State à brasileira (ou Estado Malfeitor), elegeu países como Cuba para dar um tom que vai do sarcasmo à pejoratividade deste sistema.

Comumente ouvimos a expressão “vá pra Cuba!”. Basta discordar de qualquer política vigente, que a saída é apontada para a Ilha que Resiste ao brutal e bárbaro capitalismo que vislumbramos em pleno século XXI.

A primeira mensagem que me passa, quando ouço estas expressões, é a de que temos no Brasil uma sociedade de liberdade plena, com o arbítrio de escolhermos o que comemos, o que vestimos, fazemos, estudamos e até pensamos. Liberdade total e irrestrita. Tanto é verdade que um dos principais argumentos do staff governamental brasileiro se traduzia pelo direito do cidadão em vacinar-se, usar máscara, ir trabalhar (quando a pandemia chegou a ceifar 3 mil vidas em um só dia).

Ao contrário desse cenário paradisíaco, temos o perigoso “comunismo” cubano. Nele, por suposto, não há espaço para a

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

decisão, a escolha, o exercício da democracia e da liberdade de expressão.

Um modelo socialista em que o exército domina absolutamente tudo, imperando um medo constante de ser abordado, interrogado, preso. Ou, o que é muito comum ouvirmos, de que não há espaço para o trabalho privado, sendo tudo absolutamente do Estado. Aliás, paira uma crença (mitológica) de que tudo pertence ao Estado cubano. Um Leviatã de esquerda.

Por certo que uma mentira, repetida muitas vezes, termina por se consolidar em verdade. Isso é fato!

Pretendo com esta crônica, porém, demonstrar que estes vários mitos só se justificam enquanto mitos. Não correspondem, de forma alguma, à verdade dos fatos.

Quero problematizar estas questões trazendo minha experiência ordinatória de vida, durante estas duas semanas que vivi intensamente em Santa Clara.

A começar, não tive absolutamente qualquer dificuldade, afora as severas regras sanitárias que Cuba adota, as quais duvido que algum cidadão do mundo se oponha neste momento pandêmico, de ingresso no País.

Tive receio, por certo, em ser revistado e admoestado devido à grande quantidade de medicamentos que trouxe, a pedido de colegas que estão necessitando de algumas medicações em falta na Ilha por uma única razão: o bloqueio

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

insano estadunidense não permite o ingresso de insumos, utilizados no fabrico de vários medicamentos.

De forma insistente, por várias vezes perguntei aos meus colegas, professores de “Marta Abreu”, se teria algum problema aduaneiro. Sempre me diziam que Cuba está isentando de impostos e permitindo o ingresso destes fármacos, o que é entendido como “ajuda humanitária” diante da grave crise que enfrentam.

Não foi diferente. Ao passar pela esteira detetora de objetos, disse que teria muitos medicamentos e fiz uma indicação que iria abrir a bolsa. Foi-me dito que não havia necessidade sequer de abri-la. Tive mais problemas no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, quando minuciosamente tudo foi revisto, tendo sido me perguntado, ironicamente, se eu trabalhava na Cruz Vermelha. Isso é fato!

Em relação a predominância e preponderância da farda verde oliva, tal como utilizava o comandante Che Guevara, é um outro mito que não se sustenta. Nas minhas muitas andanças com Martita, no deslocamento diário do campus para o centro de Santa Clara, vice-versa, bem como no reconhecimento feito pela cidade, em nenhum momento me senti intimidado. Não fui parado por nenhuma barreira. Aliás, não vi absolutamente nenhuma delas. Pontualmente, tal como em minha região, os guardas de trânsito estavam observando o movimento. Apenas isso!

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Com efeito, há muito tempo não me sentia tão seguro e tranquilo para andar pelas ruas. Sabia que não correria o grande risco que temos em qualquer cidade brasileira.

No que respeita à liberdade, este item merece uma detida análise reflexiva.

Tive vários exemplos, nos mais variados campos, que me permitem fazer um juízo mínimo de valor para julgar este item.

Começo por um ponto que poderia passar despercebido. A liberdade religiosa. E começo por este ponto porque sempre me passaram uma ideia de uma Cuba atea, em que as pessoas não tinham alguma fé ou espiritualidade. Ledo engano!

Nas caminhadas que faço rotineiramente no campus da Universidade, do Hotel de passagem “Los Sauces” até a casa de meu colega Jaime Ruiz, uma vez que todas as refeições principais faço com sua animada e unida família, observei por duas vezes alunos vestidos de branco. Perguntei ao Jaime se eram alunos do curso de medicina ou da saúde. Não eram. Andam sempre vestidos assim por pertencerem a uma religião de origem africana. Presenciei no centro de Santa Clara, precisamente na Praça Vidal, a mesma cena.

O mesmo ocorre com os alunos estrangeiros, que observei aqui no campus universitário, que professam outras religiões orientais. Não há, portanto, qualquer hostilização, mas sim respeito, a estas culturas e opções religiosas.

Quero, avançando neste campo, tocar em um ponto delicado que versa sobre a liberdade. A questão do acesso à

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

comunicação. Isso porque, ao que chega no Brasil, Cuba é uma Ilha hermética em que não entra e nem sai nada que não seja proferido e permitido pela imprensa estatal oficial.

Também não se sustenta esse mito, consistindo em mais uma das (tantas) falácias sobre a Ilha que Resiste.

E começo este ponto fazendo uma alusão a um produto de nosso capitalismo, reconhecido no mundo inteiro pela sua qualidade de excelência: as novelas da TV Globo.

Pois bem, espantou-me a primeira vez que ouvi música brasileira justamente na TV oficial estatal, a Cubavisión. Isso mesmo, a TV oficial está rodando para todo o país a novela “Dulce Ambición”. Quem não lembra desse sucesso da TV Globo? Indaguei, espantado, a algumas pessoas esse fato que achei curioso. Nada de novidade. Me disseram que há décadas veem as novelas brasileiras. Uma após a outra. Sucesso total e absoluto para a “Escrava Izaura”.

Por óbvio que os canais televisivos são críticos ao capitalismo, tais como o canal Caribe, A Russia Today e a TV Rebelde. Obvio que não estamos no capitalismo e as notícias e perspectivas não possuem os referenciais atinentes ao nosso sistema.

A comunicação com o mundo globalizado resta inevitável por meio do uso de celulares com planos da internet, cujo acesso é possível através de contas ou de cartões para este fim.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

A partir dele, o contato com o mundo é inevitável. As redes de *Facebook* e *WhatsApp* são usuais, sendo esta última um canal usual corriqueiro pelos cubanos.

O quarto ponto que destaco acerca deste tema, gira em torno de dois mitos que sempre vem à tona em qualquer conversa que se tenha sobre a Ilha socialista. Diz respeito a propriedade privada, julgando-se que tudo é do Estado, bem como a questão da liberdade de mercado.

Desde 2010 qualquer cidadão cubano pode comprar sua casa, registrá-la, podendo vendê-la quando bem o entender. Assim ocorre com os veículos e demais bens imóveis. Não há qualquer restrição a essa realidade, que perdura há mais de uma década, estabelecendo-se o comércio neste meio, tal como ocorre no Brasil e em qualquer país capitalista.

É de difícil compreensão esta questão da propriedade privada, quando se tem uma concepção arraigada no capitalismo. Não é admissível, a nosso ver e julgar, que não sejamos donos, proprietários dos bens imóveis.

Eu tinha, confesso, igualmente uma dificuldade de compreender como estas questões se resolviam em uma sociedade socialista, diferente da nossa capitalista. Quando meu colega Prof. Jaime me dizia que morava com sua família em um prédio da universidade e de propriedade estatal, não compreendia. Hoje compreendo perfeitamente. E o caso concreto de Jaime, que é de grande parcela dos trabalhadores de “Marta Abreu”, merece uma reflexão.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

O prédio em que residem é cercado de outros prédios que são casas dos estudantes e também os prédios em que ocorrem as aulas. Ocupam os apartamentos, que são de bom tamanho e possuem toda a infraestrutura necessária para viver dignamente, professores, técnicos administrativos variados e demais trabalhadores da universidade. Todos em um mesmo espaço, de forma igualitária. O valor que pagam ao governo é de 20 pesos cubanos (o que equivale a um valor simbólico de 1 peso por mês). Se pensarmos em dólar, o equivalente a \$ 1,10 da moeda norte-americana). Se cambiarmos para o real, o valor de R\$ 6,00. Perquiri, porém, qual seria a taxa de luz e água, mormente porque no Brasil estas taxas, especialmente a primeira, está a preço de ouro. Respondeu que absolutamente nada. Não há qualquer onerosidade nestes dois serviços, e nem em outras taxas e impostos, à exemplo de nossos IPTUs que também são aviltantes. Nada! Todos estes serviços são prestados por empresas estatais, de modo que não há incidência de lucro ou algo que o valha.

Este exemplo concreto que dou é importante, a meu ver, para se estabelecer uma relação de equivalência justa, quando se avalia do salário no Brasil, correspondente a \$ 200, enquanto em Cuba é em média de \$ 20.

Com efeito, a única restrição que observei ainda permanece na propriedade das terras, cujos camponeses são usufrutuários ou concessionários. Ocorre que para eles não faz diferença alguma. A posse se transmite de geração em geração. Não é possível, porém, serem ociosas e nada produzirem. A

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

função social da propriedade, assim como escrevemos em nossa Constituição Federal de 1988 e nunca conseguimos cumprir, é nata. A terra é de todos, devendo produzir. Caso contrário é remanejada. Ponto!

No que diz respeito à liberdade de comércio, ou na escolha do trabalho, o mito de um estatismo exacerbado cai totalmente por terra.

Essa questão me chamou a atenção desde minha primeira ida, de bicicleta, a Santa Clara. Havia muitas, mas muitas motonetas que fazem esse trajeto. Uma após a outra. Uma diferente da outra. Além disso, outros meios de transporte, os mais diversos possíveis, para sanar um dos problemas que existe na Ilha pelo que sondei: o transporte coletivo de pessoas.

Perguntei aos meus amigos cubanos se todas elas eram do Estado. Com ares de ironia me responderam incisivamente que não. Todas eram, ao contrário, de particulares que tem autorização do Estado para fazerem o trabalho. Em muitas há escrita a palavra “Táxi”. Idêntico sistema usado por nós. Sem a existência de motoristas de aplicativos, ainda.

O valor da passagem, em um percurso de quase 10 km, é de apenas \$ 10 pesos cubanos, o que equivale, em reais, a R\$ 0,55 cada passagem. Isso só é possível, por certo, diante de uma economia planificada e regulada de mercado, uma vez que o Governo Cubano fixa um preço mais baixo para que estes trabalhadores autônomos possam executar um trabalho com preço mais baixo para a população usuária.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Ao longo do caminho me chamou a atenção outro detalhe. O número enorme de pequenas tendas, ou até mesmo casas que são transformadas em pontos de vendas dos mais variados produtos, especialmente hortifrutigranjeiros.

Busquei, durante minha estada por aqui, entender melhor isso. Fui descobrindo que também são particulares, privados. Os de maior porte, possuem uma licença e pagam uma taxa para atuarem. Em alguns são os mesmos produtores que colocam à beira da carreteira suas módicas bancas de venda. Outros, parece que não poucos, similares os nossos conhecidos “atravessadores”, que compram dos agricultores e revendem. Todos particulares, privados, portanto.

Presencia-se, no centro de Santa Clara, uma infinidade de empreendimentos de pequeno porte, representados por loja de conveniências, vendas de pequenas *galletas* (bolachas), ferragens, lojas de roupas, de tudo um pouco. E uma quantidade de *Hostels* incontáveis, espalhados por toda a cidade. Todos, absolutamente todos, empreendimentos privados.

Explica-me o Prof. Jaime Ruiz, doutor em economia, que o Estado não pretende onerar estas atividades e seus exercentes, de modo que a legislação tributária atual isenta de impostos os recebimentos anuais até 39 mil pesos cubanos. Isso equivale a pouco mais de três mil pesos por mês.

Por outro lado, é nítido o crescimento exponencial dos denominados Trabalhadores por Conta Própria, o que seriam os

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

nossos autônomos. Espalham-se por todos os lados os mais diversos trabalhos, não cobertos pela rede estatal e sem obstaculização do Estado. Muito pelo contrário!

Desse modo, mitos desfeitos, quando alguém lhe disser que em Cuba tudo é do Estado, pode devolver a questão com uma outra pergunta: - você conhece o sistema socialista cubano?

## 16 UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA E HUMANISTA

Esta, com toda a certeza, é a crônica mais difícil de escrever. Na madrugada deste 24 de fevereiro, à espera para realizar um exame para Covid-19 como condição para deixar Cuba, muitas reflexões e lições tiro destas duas semanas.

Talvez a primeira delas seja justamente a forma como esta pequena Ilha caribenha que resiste ao capitalismo, sofrendo por isso o próprio bloqueio estadunidense, esteja lidando com a pandemia que atinge o mundo todo.

Agora, na partida, faço outro exame de PCR rápido, sob pena de, em positivando, ter de permanecer em quarentena. O antagonismo de procedimentos, em comparando-se ao Brasil, é gigante, uma vez que não há qualquer rigor de nossa País com medidas sanitaristas neste sentido. Não causa espanto, porém, quando os exemplos das lideranças maiores são totalmente contrários à essas regras.

Já narrei, no começo desta coletânea de crônicas, o cuidado e o protocolo sanitário exigido para os estrangeiros. Não declinei, ainda, minha impressão que fica de toda a população quando não sai na rua sem seu “nasobuco” (máscaras). As crianças, de tenra idade, usam esta proteção

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

básica igualmente. Estas, aliás, já vacinadas a partir dos 2 anos de idade.

No campus universitário, mesmo sendo ao ar livre, os estudantes e trabalhadores circulam usando máscaras. Todos os que conversei possuem a consciência da medida protetiva adotada. Absolutamente ninguém duvida das duas vacinas exitosas e comprovadamente eficazes, produzidas genuinamente em Cuba: a Soberana Plus e a Abdala.

Estas medidas, ou seja, medidas protetivas elementares e um calendário vacinal completo que já ultrapassou mais de 90% da população cubana, nos dá uma segurança ímpar, inclusive para exercermos nossas atividades presenciais.

Com efeito, o combate ao Covid-19 e os resultados exitosos, reconhecidos internacionalmente, obtidos por Cuba, estão conectados diretamente com o título desta crônica.

Estabelecendo algumas comparações ao nosso sistema capitalista brutal, veremos que o socialismo adotado na Ilha confluíu para a obtenção destes índices e indexadores que por vezes são igualmente bloqueados pela imprensa internacional. A começar pelo falso dilema do “trabalho versus isolamento social”. Se no Brasil houve uma opção clara na exposição dos trabalhadores à contaminação e à morte pelo vírus letal, em Cuba quando foi preciso houve e há medidas restritivas duras e cumpridas por todos. A vida foi e é colocada em primeiro plano. E deve ser em uma sociedade que se pretende humanista. Os serviços de proteção à população, considerados

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

essenciais, não deixaram de funcionar. No Brasil tivemos o fechamento por mais de ano do próprio INSS brasileiro, bem como dos postos de atendimento do CRAS (Assistência Social), responsável pela feitura do Cadastro Único que dá acesso a todos os programas de transferência de renda (inclusive o auxílio-emergencial). Alegar que o sistema migrou para o virtual, enquanto a população carente não tem internet ou quiçá o aparelho celular (ou quando o tem é vulnerável informacionalmente e não sabe utilizar os sistemas), é pura falácia.

Enquanto tem-se em Cuba uma política protetiva de seguridade social, do INSS local cubano, que garante a prestação de benefícios previdenciários e assistenciais, bem como um processo de judicialização rápido e mais justo, nós tivemos aguçado a operação “pente-fino” em plena pandemia. Traduzindo, para quem não é afeito a estas questões que constroem os próprios causídicos face aos seus clientes, tamanha sua crueldade, tanto os benefícios previdenciários por incapacidade mantidos há mais de dois anos, como os benefícios assistenciais, foram e são revisados pelo INSS brasileiro. Em uma guerra cuja desproporção de armas é evidente: os usuários sequer conseguem no S.U.S os laudos, exames e outros procedimentos, a tempo hábil para apresentarem no INSS.

Em Cuba, pelo que colhi, ninguém foi submetido a uma “operação de morte” aos direitos sociais, tal como entre-nos.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Muito menos nenhum cidadão perdeu seu benefício enquanto recorre no INSS local ou judicializa sua demanda.

E aqui ingressamos em uma seara fundamental. A questão da saúde. Neste ponto, facilmente conclui-se que o sistema cubano é extremamente humanitário, uma vez que dispõe de uma saúde preventiva, à cargo das equipes de saúde, que atendem aos cidadãos em seus domicílios. O acompanhamento não sofre solução de continuidade. É organizado por bairros (circunscrições), tal como o são os Conselhos Populares. Por isso a fluidez e o combate à pandemia de forma rápida e eficaz.

Vamos adelante!

Também relacionada às condições humanitárias, devido ao sofrimento em que ingressam os mais vulneráveis e hipossuficientes, quando dos efeitos de uma pandemia ainda em curso, há de se observar o atendimento às necessidades elementares desta população.

Neste ponto, se em Cuba todos os recursos naturais e as empresas prestadoras dos serviços elementares são estatais, ou seja, mesmo que se forem sociedades anônimas elas devem prestar contas ao Estado, é possível o controle dos preços. É o que ocorre com o combustível, por exemplo. Somente é possível medidas desse cunho em uma sociedade de economia planificada. No capitalismo, baseado na livre concorrência e em um mercado que possui “leis” que o próprio mercado desconhece, quem paga a conta são os mais vulneráveis. Sempre!

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

O exemplo que temos e vivenciamos no Brasil escancara às vísceras esse modelo. Em plena pandemia, não houve perdão das dívidas e tributos aos mais vulneráveis. Por alguns poucos meses restou vedado o corte de água e luz dos inadimplentes, bem como postergados os contratos imobiliários relativos aos financiamentos. E só! Em Cuba, pelo que verifiquei, até hoje vários tributos estão isentos, justamente pela crise econômica que assola a Ilha, mormente quando é afetada uma das suas principais fonte de renda que é o turismo. E, por outro, o bloqueio patrocinado pelos E.U.A trazem inúmeras privações de acessos a bens e a serviços, como demonstrei ao longo destas crônicas. Para se ter uma ideia, no governo de Trump foram impostas 242 medidas restritivas em relação aos cruzeiros, vedando o ingresso em Cuba. Biden, por sua vez, ainda não revogou nenhuma delas.

Em relação ao item desigualdade, ou igualdade, em seu sentido oposto, impossível não tecermos considerações tendo o Brasil como parâmetro. Até mesmo porque em nosso País, temos lamentavelmente um rico material de estudo, vez que somos um dos países mais desiguais do mundo. Rico e pobre ao mesmo tempo. Uma renda per capita alta e uma miserabilidade ou pobreza absoluta que com o (des)governo de Bolsonaro nos guindou a posições maiores no ranking nada honroso da desigualdade mundial. Um agronegócio que se diz pop, por um lado, e a falta de alimentos (especialmente pela suba dos produtos), para grande parte da população brasileira. E assim vai a longa lista.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Temos, na sociedade brasileira, uma disparidade salarial gigantesca, em comparando-se com a de Cuba. E penso não valer o argumento de que esse critério não dever ser considerado, diante das peculiaridades de cada sistema. Acredito que não, por uma razão singela: se em uma sociedade capitalista tudo é absolutamente adquirido com o salário e proventos, por certo que o poder aquisitivo é que permite uma qualidade de vida mais digna e humana, portanto. Além do mais, se estamos falando de humanismo e igualdade, é óbvio que uma análise comparativa me permite avaliar as várias premissas (a meu ver várias delas falsas), a respeito do socialismo em Cuba.

Neste passo, estudei algumas profissões e suas respectivas remunerações. Os professores universitários recebem entre 5 mil a 8 mil pesos, valores mínimos, para início de carreira, e máximo conforme forem avançando na carreira. Os médicos, que são uma categoria muito bem remunerada em Cuba, recebem de 7 a 8 mil pesos cubanos. E os magistrados, por sua vez, valores nas mesmas faixas que os médicos. Indaguei, curioso, quanto percebia um Ministro do T.S.P: o mesmo valor que um professor em final de carreira.

A realidade brasileira, por sua vez, é calcada em uma discrepância salarial absurda. A começar pelos elevados salários do Judiciário brasileiro, cujos salários de juízes em entrância inicial não baixa dos 27 mil reais. O salário de desembargadores, somadas as vantagens pecuniárias que acumulam, gira em torno dos 50 mil reais. A realidade no

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Executivo e nos legislativos, por sua vez, embora em valores remuneratórios menores e variantes, não é outra. O salário-mínimo nacional no Brasil, por seu turno, está atualmente em R\$ 1.212,00 (salário mínimo de março/2022 no Brasil).

Em relação ao dispêndio gigantesco que temos, no Brasil, para manter os salários e demais perdulários de nossas mais de quinhentas mil câmaras de executivos municipais, bem como de nossos deputados estaduais, federais e senadores, vem da Ilha caribenha um inegável exemplo. A começar pelo processo democrático de representatividade. Se no Brasil após poucos meses das eleições o cidadão sequer sabe o nome do candidato que ele elegeu, no sistema cubano o representante é oriundo dos movimentos sociais, devendo a ele a obrigação de periodicamente prestar contas. Caso não o faça, é destituído e eleito novo representante. Não há direito à estabilidade no mandato ou cargo. Outrossim, por serem as circunscrições que elegem seus representantes, a ligação é direta, seja em termos de cobrança, seja pelo efetivo controle do mandato. E, não menos importante, existe a compreensão de que ser político não é ser carreirista, não é uma profissão. Por isso que é vedada a percepção de rendimentos. Cada qual tem sua profissão e a segue exercendo, podendo, se for funcionário público, como na grande maioria dos casos diante do alto grau de estatização dos serviços, ter redução de carga horária, mas não acumulação de salários.

Não tenho dúvida que se tivermos no Brasil algumas medidas de equilíbrio na distribuição dos salários e rendas (pois

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

quem arca com esse ônus são justamente os vulneráveis através do imposto indireto), aliado ao corte dos absurdos valores dispendidos com os políticos, teríamos uma excelente fonte de renda para reverter em benefício daqueles que fazem a riqueza e dela não participam.

## **17 CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO: UMA ILHA QUE SE ATREVE A DESENVOLVER SUAS VACINAS CONTRA A COVID-19**

A produção corajosa das vacinas cubanas sempre me intrigou. Pensava: como um País pobre, com escassos recursos, poderia produzir não uma, mas cinco vacinas contra o vírus letal?

Não me espantava, contudo, o fato de a medicina e a pesquisa em biotecnia em Cuba serem mundialmente reconhecidas. Em 1989, por exemplo, a pequena Ilha se agigantou quando fez a primeira vacina para o combate exitoso da meningite B, assim como a produção de medicamentos retrovirais de combate ao HIV e a Sífilis.

Tão logo desencadeou a pandemia, Cuba passou a desenvolver suas pesquisas, por meio do Centro de Engenharia Científica e Biotecnológica de Cuba, bem como da BioCubaFarma, ambos estatais.

A escolha dos nomes das vacinas dá o tom de ousadia e enfrentamento ao capitalismo e ao bloqueio selvagem capitaneado pelos E.UA: Adbala, já aprovada pelos organismos internacionais, é referência a um poema de José Martí; Manbisa, por sua vez, refere-se aos guerrilheiros que lutaram o

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

contra o domínio espanhol, assim as Soberanas 1, 2 e Plus, esta última já aprovada e aplicada, dispensam comentários.

Resultado dessa equação, mesmo contra o insano bloqueio norte-americano que conduziu a falta de seringas para aplicar as vacinas, vê-se no resultado exitoso da campanha vacinal: mais de 90% de todos os 10 milhões de cubanos e cubanas estão com as três doses da vacina. O que incluiu, ainda, crianças com mais de 2 anos dentro desta conta.

Enquanto o mundo fechava suas escolas, Cuba as reabriu, com os cuidados sanitários devidos, o que se deve fazer. Eu mesmo sou testemunha viva disso. Já contei nas crônicas iniciais estas experiências vividas agora na Ilha.

O resultado de eficácia da Adbala, por exemplo, foi de 92%, enquanto da Soberana 2 foi de 91,2%.

Esta ousadia permitiu que Cuba exportasse suas vacinas para vários países, como o Vietnã, Venezuela, Irã e a Síria.

Por outro lado, enquanto das demais vacinas tem como o objetivo o lucro, por isso são extremamente onerosas, Cuba produziu vacinas de baixo custo, que podem ser armazenadas em geladeiras.

Necessário dizer que toda a tecnologia é produzida pelo setor estatal público, o que permite a desmercantilização das referidas.

Em Santa Clara, quando de minha estada, presenciei um momento que permite afirmar que o sistema de saúde, da forma como é organizada, contribuiu decisivamente para o sucesso da

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

vacinação de mais de 90% da população. Quando estava na casa de meu orientador, seu filho mais novo o chamou porque a equipe do centro médico de sua circunscrição queria falar com ele. No seu retorno me disse que periodicamente é visitado por uma equipe de médico e enfermeiro, que compõe o posto de saúde da família a qual pertence. Naquela ocasião, foi pedido para apresentar os atestados vacinais de sua família, bem como avaliada suas condições de saúde, diante do fato de possuir comorbidades.

Por esta combinação de fatores, a pequena Ilha que Resiste dá exemplo ao mundo de como combater a pandemia, com êxito e determinação.

Esta foi a razão pelas quais não somente cumpri as medidas sanitárias que me foram destinadas, como as elogiei. Lamentavelmente, em meu País de origem eu não posso dizer o mesmo.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## **18 A ÚLTIMA MANHÃ NA CIDADE DE MARTA ABREU E DE CHE GUEVARA E O RETORNO AO BRASIL**

A pandemia tem alterado a forma como entendemos e nos situamos em um mundo globalizado e interconectado. Como medida sanitária, o protocolo exigido na Ilha caribenha ordena a realização de um PCR nas 72h antes de saída do País. Insta observar que é de todo razoável a apresentação do PCR para ingresso. O cuidado para que os viajantes não estejam com o vírus e contamine os passageiros e demais pessoas é uma elogiável regra de segurança adotada por Cuba.

Feito o exame, com a apreensão de que, em dando positivado, todos os planos seriam alterados, uma vez que ingressaria em quarentena obrigatória, o resultado em cinco minutos revela a (ainda) não contaminação com o vírus.

Tudo rápido, realizado pelo serviço médico existente na própria Universidad “Marta Abreu”. Ao final, como se fosse um troféu, ganhei a plaqueta em que repousa o resultado do líquido demonstrando o aval para continuar a viagem.

Dia anterior já tinha arrumado a mala que retornaria ao Brasil. Interessante que vim com duas malas e retornei com uma apenas. Minha bagagem diminuiu pelos medicamentos

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

que deixei, bem como outros pertences os quais resolvi me desapegar e deixar também. Percebi que 70% das roupas que levei eu não usei, na desconfiança de que o capitalismo selvagem que nos é imposto nos conduz ao consumo e cria necessidades que, na verdade, não precisamos para bem viver.

Por certo que, se tivesse feito como as dezenas de turistas brasileiros que estavam comigo no voo e fizeram conexão no Panamá com destino à Miami, eu teria mais sacolas e bolsas agregadas. Não é este o caso da Ilha. Não existem shoppings, megalojas, atrativos e apelos consumistas. No mais pode-se adquirir alguma artesanaria local ou levar, como o fiz ao exagero, claro, muitos e diversos charutos cubanos para mim e para regalar aos amigos.

Tinha pouco mais de duas horas antes do almoço na casa da família do Prof. Jaime Ruiz, que me recebeu todos estes dias para as refeições regulares. Mas precisava ir mais uma vez ao centro de Santa Clara. Precisava passar mais uma vez, das tantas incansáveis e não cansáveis vezes em que olhei o trem tombado e a escavadeira Caterpillar amarela exposta na Loma del Capiro. Assim o fiz!

Por sorte, pois o sistema de transporte público é um dos grandes problemas em Cuba, uma motoneta estaciona. Descem algumas pessoas e outras oito, comigo, preenchem o pequeno lugar que se agiganta e acolhe a todos que aguardavam na pequena fila.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Fiz uma viagem, nos quase 10 km que separam o campus do centro da cidade, de rememoração e, confesso, de saudades. Estava há duas semanas na Ilha. Tinha um duplo sentimento: uma vontade terrível de voltar ao Brasil, pois tudo de mais rico e precioso que tenho está aqui, e uma vontade imensa de ficar ali, naquele lugar em que tanto refleti e aprendi.

Na ida, passei pelos vários micros comerciantes que expõem suas (ou não) produções. São muitos, diversos. Algumas tendas maiores, embora ainda pequenas, mas bem estruturadas, que vendem outros produtos, certamente regularizadas e formalmente reconhecidas enquanto tal.

O motorista da motoneta, um jovem rapaz com um cabelo da hora, bem-vestido, apresentava graxas nas suas mãos, pois certamente tinha que ser o próprio mecânico do veículo que lhe garante o sustento.

No caminho, muitas bicicletas (menos Martita que eu já havia me despedido no dia anterior), carroças que faziam o transporte de passageiros, mais motonetas, muitas motonetas, caminhões também transportando trabalhadores e alguns ônibus mais antigos, com estudantes e outras pessoas. Um desfile de carros antigos. Um cenário de dificuldades, com certeza, mas não de miséria e de vulnerabilidades, tal como encontramos no Brasil.

Em todos os locais, a bandeira de Cuba e alguma lembrança da Revolução de 1959, em que Santa Clara foi cenário decisivo para derrubada da ditadura de F. Batista.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Talvez seja esta uma das boas razões do processo de resistência ao modelo (imposto) capitalista, a qualquer custo. Todos, em alguma ou outra medida, sabem quais são as razões que movem os Estados Unidos da América a impor um insano bloqueio à Ilha, como forma de penalização por não participarem do seu mundo.

Certamente são por estas razões que o povo ainda resiste, com uma organização e debate democrático que prioriza o local, os municípios e bairros. Sabem os altos custos de um capitalismo excludente, cuja riqueza produzida pelos trabalhadores terminam expropriadas por um pequeno grupo

Hora de retornar. As 15h30, o simpático Alexander estaciona seu táxi ano 1960, para me conduzir até o terminal da VIAZUL em Santa Clara. Jaime me acompanha, pois vai visitar sua filha Lienny que já estava em trabalho de parto há uma semana em um Hospital no centro da cidade. Em Cuba as cesárias são exceções. Falamos de pescarias, de remo (minha outra atividade libertária), vindo me contar que faz outros trabalhos além de motorista. É chapista, possui um pequeno sítio em que produz, vindo a pescar e vender o excedente. Diz que em Cuba “a pessoa tem que buscar seu próprio alimento”, e ninguém deixa de trabalhar pois sempre tem o que fazer.

Longa viagem de ônibus até Havana. Já eram quase onze horas quando cheguei. Agora já com pesos cubanos fiz uma boa refeição, pois saberia que não iria comer nas próximas horas (não sabia que seriam muitas horas). Aguardaria até as

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

4h da manhã para fazer os procedimentos de embarque. Não saberia que passaria a noite nos bancos do aeroporto José Martí.

Já na saída, Cuba ainda me deixou muitos ensinamentos.

Não consegui embarcar. Em tempos de pandemia é necessário ter cuidado redobrado na documentação exigida. Faltou um documento da ANVISA que deveria ter preenchido 24h antes. Agora não daria tempo. Perdi o voo. O vazio, e com o tempo veio o desespero.

Para fazer qualquer procedimento precisava de celular com internet. Celular, por enquanto, tinha. Internet não tinha, pois entreguei o chip da Universidad que usara nestes dias enquanto estudante universitário. A obediência ao procedimento protocolar foi aplicada com severidade na hora do embarque. A regra da ANVISA, cujo documento era exigido para o embarque, não poderia ser quebrada. Concordei, pois estavam totalmente corretos, ainda mais em se tratando de regra sanitária.

A internet foi resolvida, precariamente, por meio da compra de cartões pré pagos por 25 pesos cubanos. Ocorre que eram baratos, mais duravam pouco tempo pela intensidade do uso, pois minha família no Brasil tentava fazer o requerimento para me enviar. Foram 5, 7, perdi as contas dos cartões usados. Já na madrugada, exausto, depois de cochilar em uns dos poucos bancos existentes no aeroporto, tento novamente estabelecer contato com o Brasil, quando descubro que já

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

estava sem bateria. Com carregador, mas sem ter como ligar, pois a tomada é diferente de nosso sistema de dois pinos redondos. E sem adaptador ou possibilidade de comprá-lo, após percorrer uma via sacra puxando a pesada mala pelos saguões do aeroporto. Um funcionário o qual abordei, ao que parece de origem africana, falou em inglês comigo dizendo que ficasse calmo pois isso era fácil. Já sabia o caminho que percorri três vezes dando pequenas cargas no meu celular. Pensei na falta que fazia agora meu potente carregador de aparelhos. Deixei de presente ao Jaime e suas filhas, que também são professoras em “Marta Abreu”, pois sei que devido ao estúpido bloqueio estadunidense eles não têm acesso a estes equipamentos.

Seja na compra do cartão, em que a recepcionista do aeroporto me deu todos os informes e auxílio no uso, seja na busca de um único lugar em que tinha tomada de dois pinos compatíveis, seja nas várias vezes em que busquei apoio nas moças da Copa Airlines, que já me conheciam e me chamavam pelo nome, em todas as ocasiões sempre fui bem tratado. Em alguns momentos desconheci que estava em Cuba. A forma como ambos agimos, tratamos os outros e buscamos resolver os problemas, são muito similares. Tal como o povo brasileiro, muito afeto, muito sorriso, muito agrado e bom senso. E muita paciência também, por certo.

Após recarregar minimamente o celular, com uma internet que iria acabar em pouco tempo, fiz uma mensagem de emergência aos meus amigos professores de Santa Clara. Pedi que enviassem alguém da Universidade de Havana, pois estava

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

na condição de estudante em Cuba, de modo a me auxiliar naquele momento difícil.

As 9h da manhã, acordei de um sono de algumas poucas horas, feitos em cima de uma sequência de três bancos no aeroporto, fui à quiche da Copa para avaliar a situação. Desanimado, cansado, armando as estratégias para permanecer alguns dias em Havana, pois pensava que o formulário da ANVISA iria demorar alguns dias para ser emitido, tomei coragem e fui até o local indicado na fatídica noite anterior.

Retornei à quiche da Copa Airlines, quando exitosamente minha querida Ana Maria me disse ter enviado o formulário que iria possibilitar o regresso no próximo voo. Mais uma vez fiquei sem internet. E, também, sem pesos cubanos para comprar. Os cartões que tinha, Visa e Mastercard, devido ao bloqueio que perdura mais de sessenta anos, se tornam inoperantes na prática. No desespero, pois precisada ter internet para acessar o documento, perguntei a dois comerciantes que embalam as malas se existia câmbio para trocar dez euros por pesos. Sabia que o câmbio oficial não condiz com as regras do mercado, estando 1 por 24. Apontaram a direção, mas adiantaram que podiam me ajudar e pagariam mais que o câmbio, fazendo 1 por 30. Feito!

Quando retornei, encontrei o Prof. Rocha, da Universidade de Havana, encaminhado por meus colegas para me auxiliar nas estratégias de permanência na capital de Cuba.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

A atendente, com uma firmeza e convicção animadora, disse ao seu conterrâneo: “não se preocupe, este senhor vai retornar ainda de manhã para o Panamá”, país sede da Copa Airlines em que se faz as conexões para o Brasil.

Sabia que estava dizendo a verdade, razão pela qual dispensei o diligente e simpático colega que conhecia naquele exato momento de dificuldade. Nos despedimos como se fossemos amigos de longa data, restando prometida uma visita à sua Universidade.

Promessa cumprida. Voltaria ao Brasil.

No longo retorno, muitas lições aprendidas na pequena Ilha caribenha que ainda resiste. Esta lição final, em que encontrei pessoas que me auxiliaram em um momento difícil, agravado pela pandemia que não perdoa nenhuma nacionalidade ou condição social.

Quando do voo de retorno, após mais de 13h de voo de Havana à Porto Alegre, descontando a pequena escala no Panamá, percebi algo curioso na tela da viagem de bordo, constante do avançado equipamento de entretenimento da Copa Airlines. Não tinha percebido, até o momento, que não consta o nome de Cuba no mapa. Consta Miami, Cancun e outras localidades. Mas Cuba literalmente está fora do mapa.

Pode parecer simbólico, mas penso que essa é a mensagem que fica: o bloqueio não é só econômico. É um bloqueio sistêmico, em todas as áreas e setores. Até mesmo a produção das vacinas cubanas, cuja eficiência e confiabilidade

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

são atestadas por todos os órgãos internacionais, foram atrasadas pelo bloqueio aos navios que traziam insumos da China.

Mas a Ilha não desiste e resiste!

Ao chegar hoje na Rodoviária de Porto Alegre, para pegar o último ônibus que me levaria até Pelotas, contei sete pessoas dormindo ao relento da calçada que dá acesso ao terminal. Sim, em menos de vinte passos dados, sete vidas estendidas no chão, em situação de penúria total. A maioria jovens, sem rumos, sem destinos. Noite anterior, ao ir para o Hotel, um policiamento militar fortemente armado revistava três carregadores de lixo reciclável. Sem camisas, mãos para cima da cabeça, sua carrocinha estacionada indicava que se tratava de pessoas em situação de rua. Pedintes, muitos, nos semáforos da cidade.

Então, quando alguém lhe disser para você ir para Cuba, siga a orientação generosa (ou não) que lhe foi dada e vá! Viva para entender por que Cuba ainda Resiste.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

# LA HAVANA

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## 19 AS VÁRIAS “HAVANAS”: UMA CIDADE CONTRADITÓRIA E MARAVILHOSA

Cinco de novembro de 2023. Mais uma vez chego ao aeroporto José Martí, que além do aeroporto terá também uma crônica com seu honrado nome.

O tempo ensinou a todos, independente das matizes ideológicas, a se cuidar diante da Covid-19 e de outras variantes que surgiram. Se as regras trazidas pela pandemia foram um grande obstáculo em minha viagem ano anterior (2022), agora que a máscara simplesmente caiu os desafios são outros.

Mas confesso que um ainda se mantém aceso, motivo pelo qual, penso, siga escrevendo sobre esta enigmática Ilha que Resiste: o fato de o socialismo cubano, único no mundo realmente, manter-se vigente e resistindo.

Para além disso, muitas dúvidas e curiosidades sobre a capital de Cuba, cujo histórico de lutas pela liberdade dos jugos coloniais (Espanha e por fim Estados Unidos), é recheada de ingredientes que somente vivenciando e experimentando será possível de perceber. Era o que me propunha.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Por isso, mais uma vez, embora pudesse ter aderido a um sistema turístico completo, que me levaria até a IV Convención Científica Internacional na Universidad Marta Abreu de Las Villas (ICLV 2023), preferi trilhar os caminhos próprios dos mochileiros.

Como vivemos no Brasil, as emoções sempre começam bem antes da viagem. Em meados deste ano de 2023, a empresa 123 Milhas pediu falência, com devolução de passagens e cancelamento de hotéis, passando diuturnamente a me preocupar a validade das passagens. Somente descansei quando a telefonista da COPA AIRLINES me garantiu que as passagens já estavam com a empresa, de modo que podia inclusive escolher os bancos.

Desta feita, a viagem de Porto Alegre à Havana, com escala no Panama, foi bem diferente da minha primeira ida à Ilha que Resiste. Muitos(as) gaúchos(as) embarcaram comigo no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Talvez umas duas dezenas de meus compatriotas que participariam de uma Feira muito tradicional em La Havana.

Quando começaram a falar da tal Feira eu tentei perceber do que se tratava. Eram empresários e empresárias, à busca de oportunidades de negócios na Ilha caribenha. Quando chegamos a José Martí eu escutei uma conversa que gravei em minha memória. Três deles conversavam sobre os negócios e as possibilidades que a Feira trazia, ocasião em que pude contabilizar uns dados interessantes: antes do governo de Jair

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Bolsonaro o espaço destinado aos brasileiros tinha uma participação bem relevante, em torno de 60 empresas buscavam apresentar seus produtos e serviços. Com o (des)governo de Jair, caiu para umas 14, estando atualmente em torno de 30, diante das perspectivas trazidas pelo governo de Luis Inácio Lula da Silva.

Este fato demonstra como os governos contribuem para aproximar ou distanciar os povos, especialmente quando os ideários ideológicos são pautados nos preconceitos.

Cheguei desta vez em José Martí com uma maior tranquilidade do que outrora. Os procedimentos burocráticos, mas necessários, decorrentes da pandemia já não estavam mais presentes. Não observei ninguém utilizando máscaras. Além disso, muito embora a expectativa de permanecer na capital La Habana fosse muito grande, os vários contatos como os queridos José Moreno, vulgo “Pepe”, que juntamente com sua amável e diligente esposa, Devorah Rodríguez, dirigem o HOSTAL DVIP HAVANA, me deram muita tranquilidade. Pepe já havia enviado o taxista Pablo, no horário previsto para desembarque, o que facilitou deveras a chegada na capital.

Eu já não era um desconhecido. Assim pensava. Iria explorar Pablo com a sutileza e o carinho que os amigos se permitem nestas relações. E assim foi nosso longo percurso até a *calle Amistad*. O nome da rua do fantástico *Hostel* não poderia ser mais adequada. Aliás, Cuba é um lugar perfeito para se fazer amizades. Andando por suas estreitas ruas, na cidade velha, compreendi porque Ernest Hemingway viveu por

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

mais de duas décadas em La Havana (1939 a 1960). Suas histórias estão entranhadas nesta histórica cidade. “Meu mojito na Bodeguita del Medio e meu daiquiri na Floridita”, frase assinada pelo escritor de “O Velho e o Mar”, tomou um sentido especial quando visitamos estes dois lugares mágicos e cheios de vida.

Aliás, amigos irão tornar esta minha viagem mais agradável e promissora, quando ao retorno de Santa Clara terei a companhia espetacular de dois colegas professores da FURG (Carlos Machado e Daiani), além do talentoso cartunista e artista Wagner Passos.

O primeiro impacto que tive, adentrando na capital, é fruto de um confronto entre o que já conhecia e o novo que se apresentava. Meu conhecimento de Cuba, que originou as crônicas na primeira versão do livro, ocorreu em Santa Clara, cidade mediana, para os padrões cubanos, com uma população em torno de 230 mil habitantes. La Havana possui 2,4 milhões, trazendo consigo problemas típicos de qualquer cidade de grande porte: lixo acumulado, algumas pessoas em situação de rua (o que não tinha visto na primeira estada em Santa Clara, em 2022), trabalhos informais bastante precarizados (expressão esta que deve ser interpretada com parcimônia, diante do contexto não capitalista que se nos apresenta).

Adotando uma prática que me acompanharia todos os poucos dias que tinha para entender e compreender um pouco

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

da vida em La Havana, preparei minha mochila e sai a caminhar pela cidade.

Pepe (José) e Debora (assim aportuguesei seu nome, Devorah), que todas as manhãs me recheavam de ricas histórias de suas vidas e de sua pátria, me passaram as primeiras dicas para os passeios.

Tinha somente uma condição que me impus: percorrer sempre a pé todos os caminhos, a não ser os mais distantes que demandavam transporte, como conhecer as belas praias de leste.

Subindo a *Amistad*, há três quadras estava no Bulevar de San Rafael, uma espécie de “calçadão” em que encontramos desde pequenas lojas comerciais, vendedores, trabalhadores por conta própria, andarilhos, etc.

Minha primeira investida não poderia ter sido mais exitosa. Subindo à esquerda nesta rua, seduz a imagem de uma estátua posta bem no meio desta rua, representando duas pessoas se beijando. Denomina-se justamente “O Beijo”, que seduz e nos faz parar para ver a beleza da obra de arte. Parei a cada vez que passei por esta estátua, o que faz, contraditoriamente, amenizar e aumentar ao mesmo tempo a saudade da pessoa amada que deixamos no outro continente. Cristalizando um amor nascente.

Ao lado esquerdo da estátua (perceba-se que já usei a expressão esquerda duas vezes, pois estamos em Cuba, não é verdade?), encontramos o Hotel Inglaterra, o mais antigo de

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Cuba. Uma construção em estilo neoclássico, datado de 1875, estando ao seu lado, coladinho, o Café el Louvre, que segundo meu prestigioso informante Pepe, notabilizou-se por ser o local, em meados do Século XIX, em que os jovens insurgentes e independistas cubanos se reuniam para organizar a luta contra a Espanha. Passaram para a história conhecidos como “los jóvenes de la acera del Louvre”.

Seduzido por esta arquitetura e história singular, repleta de prédios seculares, à exemplo do Hotel Telégrafo, o Ibero Star, além do bellissimo prédio do Capitólio a poucos metros dali, atravessei a rua para conhecer o Parque Central.

Em frente aos prédios antigos vimos um desfile de carros também antigos, um mais belo e conservado que o outro. Chama-me a atenção que predomina a cor rosa e vermelho nos carros, que servem de atração turística para passeios dos turistas. Encantados com suas câmeras e celulares, fazem selfies e postam em tempo real o que lhes parece o “sonho de estar em Cuba”. Fico me indagando, eu que faço todos os percursos a pé, conversando com o povo simples e trabalhador, se realmente conhecerão Cuba, ou se apenas realizarão mais uma “sonho de consumo”, próprio do mundo capitalista?

Eu, sem pressa alguma, adentro pelo Parque Central, de onde a visão do Capitólio, com sua cúpula folhada à ouro, quase me desvirtua o intento de adentrar pela parte antiga da cidade (*Ciudad Vieja*). Sabia que esta parte da cidade de La Habana, decretada como Patrimônio da Humanidade pela

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

UNESCO (1982), me daria uma boa noção da história e cultura desse lugar enigmático. Como consta do título desta crônica, que consegue ao mesmo tempo ser contraditória e maravilhosa.

Entendo pelos quais motivos a UNESCO, mesmo já estando Cuba na lista dos países considerados “terroristas”, reconhece a historicidade e relevância para o mundo desta parte da cidade. Venhamos e convenhamos, merece no mínimo respeito uma “senhora” que fez seus 504 anos.

Pede tinha me dado a dica certa: como você tem pouco tempo hoje (domingo, recém-chegado à capital), pegue em direção à *calle* Obispo e conheça parte importante do centro histórico e turístico da parte antiga da cidade.

A Plaza Central é uma divisora de águas. Ultrapassando-a já estamos na parte antiga de La Havana. Mas antes, por um bom tempo, me detive diante a enorme estátua posta bem em seu centro. Mais uma vez a figura de José Martí está presente. Com uma mão levantada, como se estivesse ensinando os milhares de estudantes (formais e informais) que por suas mãos passaram. Cada vez tenho mais presente que “somente o homem culto é liberto”.

Sendo uma das principais ruas de La Habana, Obispo tem em seu começo a famosa Plaza de Armas, onde encontra-se exposto vários exemplares de armas e instrumentos utilizados na Revolução Cubana, indo até o lendário restaurante La Floridita, donde Hemingway parava para tomar seu Daiquiri.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Passear pela parte antiga de La Havana não poderia ter sido o melhor começo de minha jornada por esta cidade que completou 504 anos em 2023. Tudo respira uma história pulsante. E a arte pelas ruas, que vai desde as artesanias singulares às pequenas expressões musicais que passam pelas apertadas ruas da Cidade Velha, bares e restaurantes, dá um sentido especial a esta mágica e contraditória cidade.

A estas alturas o(a) leitor(a) está se indagando por que a expressão “contraditória” faz parte integrante desta crônica?

A resposta, por sua vez, é bastante breve e objetiva, embora complexa: Havana possui alguns problemas típicos de qualquer cidade de grande porte. Chamou-se a atenção o acúmulo de lixo nos containers e a demora na coleta destes, que se acumulam por vários dias nas ruas apertadas de La Havana. A falta de saneamento básico é outro problema ainda não resolvido. Percebi isso mais na parte central da cidade do que na sua periferia, onde temos a impressão que tanto o problema do lixo como do saneamento básico já estão a um bom passo.

Percebi, também, algo que não vira em minhas duas estadas em Santa Clara. Um número de pedintes e andarilhos, bem como uma ponta visível de prostituição, fomentada, com toda a certeza, pelo turismo que representa a segunda maior receita da Ilha.

Há de se registrar, porém, que afora da parte central de La Habana, o que incluiu a parte antiga da cidade, o cenário muda

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

drasticamente: não vimos pedintes, a cidade está bem limpa e organizada, inclusive sob o ponto de vista do saneamento básico. Basta uma volta inteira pela Ilha que o HabanaBusTour, por apenas 10 dólares ou euros nos permite, para comprovar o que estou a dizer.

Mas eu caminhei, e muito, pelos diversos bairros da Ilha. Sempre com uma sensação muito presente, qual seja a de estar em meu próprio país, o Brasil. Aquela sensação de “sentir-se em casa”, aqui cabe como uma luva de pelica.

E foi assim, caminhando pelas ruas de La Habana que fiz uma interlocução com vários cidadãos cubanos e também estrangeiros, curiosos como eu. Interlocução, diga-se, de fácil acesso, vez que a diferença de idioma sempre ficou-se diante da simpatia e afabilidade com que fui recebido.

Foi assim, no segundo ou terceiro dia de minha estada nesta bela e contraditória Capital que, em uma das tantas saídas a caminhar sem ter muita direção, que conheci o seu Jesus. Ele foi uma das figuras marcantes desta viagem. Vou contar um pouco desta história, pois foi por meio deste trabalhador cubano que conheci a menor *calle* (rua) de Cuba, a Calle Enna.

Após tomar um bom café da manhã preparado pela querida Devorah, esposa de Pepe, subi umas três ou quatro quadras pela rua Amistad, buscando encontrar a calle central, uma espécie de “calçada” em que tudo acontece. É fácil andar nesta grande capital, o Hotel Inglaterra, situado ao lado da instigante estátua do “O Beijo”, é ponto de referência para o

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

ingresso na parte antiga da cidade, bastando atravessar a Praça Central em que a gigante estátua de José Martí está a nos ensinar, com sua mão posta sobre o horizonte. O maestro continua a nos ensinar, a nos encantar e nos esperançar com sua vasta obra, como veremos na crônica a ele destinada.

Adentrando pela calle principal da cidade velha, conhecida como Boulevard Obispo, passamos inevitavelmente pela La Floridita, um dos bares preferidos de Ernest. Caminhei pausadamente, sem pressa, sem pensar que “tempo é dinheiro”, pois em terras socialistas estes adágios não têm nenhum sentido.

Ao final da Obispo, sentei-me em um banco para sentir e vivenciar este momento. Os carros antigos desfilavam com os turistas abastados com seus dólares, em direção ao Malecón.

Enquanto observava e anotava em meu diário algumas impressões, para confeccionar estas crônicas que passam a compor este livro, observei que descera do ônibus coletivo um senhor com uma bolsa de mão. Como estava sozinho em um banco na frente da parada, veio em minha direção, nos cumprimentamos cordialmente, ao tempo mesmo em que colocou sua bolsa de mão no banco, ao meu lado, e passou a procurar algo. Sempre atento aos sinais e movimentos, percebi que sussurrou algo como “baforeira”. Percebi, pelo cigarro que levava apagado à boca, que tinha se esquecido do acendedor. Sem perder uma oportunidade para começar um bom papo, ofereci de pronto meu isqueiro. Eu sempre carrego um, pois

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

passsei a apreciar os *habaneiros*, especialmente os artesanais (bons e baratos). Após acender o cigarro, passamos a conversar intensamente, como se fossemos velhos amigos. Me contou que estava chegando de mais uma jornada de trabalho, pois é “cuidador de idosos” em uma instituição, trabalhando todas as noites nesse mister. Ato contínuo, levantei do banco e começamos a caminhar em direção a *calle* Obispo novamente, em sentido contrário. E me contava a história de cada prédio, de cada monumento, com uma memória viva, como se fosse um guia turístico.

Foi justamente ali, ao lado do El Template e da Plaza de Armas, que me disse algo curioso, que passa despercebido muitas vezes das excursões turísticas oficiais: me apresentou com uma ponta de orgulho e brilho nos olhos, a rua menor de toda La Havana, a *calle Enna*. Uma rua de apenas 20 metros de comprimento e 3 metros de largura. Tão pequena que realmente passa ao largo dos turistas que caminham muito rápido ou fazem aqueles passeios guiados em que a pressa é maior que qualquer curiosidade.

Após tantas histórias, ricas de conteúdo, datas e detalhes, fiquei com a sensação de que esta pequenina rua é como o povo cubano: resiste e luta diariamente em um processo histórico peculiar, em busca de independência dos jugos do capital e tudo aquilo de maléfico que ele representa.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## 20 OBA! CONHECI A PRAIA EM HAVANA

Durante as três semanas que permaneci em Santa Clara, em 2023, lamentei não ter conhecido o mar caribenho. Esse feito, por outro lado, talvez tenha me outorgado o título de ter sido um dos poucos brasileiros que foi ao Caribe e não conheceu as praias lindas e maravilhosas desta região singular do planeta Terra.

Das várias vezes que passei na Plaza Central, via os ônibus coloridos da HabanaBusTour estacionados. Indaguei a um falante e faceiro guia turístico que oferecia variados passeios pela Ilha como chegar até a praia por meio deste serviço. Explicou-me qual parada deveria postar-me para conhecer as não tão badaladas e conhecidas Praias *Del Leste*.

Sabia que estas praias, há meia hora de La Habana, não eram apontadas como as melhores, diante de Varadero (que ainda não conheci), bem como das praias de Cayo de Santa Maria, onde passaria cinco dias participando da V Conferencia Jurídica Internacional da UCLV, que ocorreria de 13 a 17 de novembro de 2023.

Na noite anterior fiz uma rápida pesquisa no Google, encontrando as seguintes praias: Bacunarao, Mégano, Santa

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Maria del Mar, Boca Ciega, Guanabo, Jibacoa, Trópico, entre outras.

Na rápida viagem pela HabanaBusTour, chamou-se a atenção um ancião que sentou-se na carreira ao lado oposto em que sentei-me, fazendo-me dividir a atenção entre a paisagem inusitada e sua rápida fala espanhola, justamente para entender o que dizia. Percebi, mais uma vez, o orgulho deste povo quando fala da revolução que conduziu à independência e soberania desta pequena e gigante Ilha. Mostrou, em seu celular, uma foto para uma senhora sentada no banco da frente em que estava. Estiquei-me todo para ver e entender o seu orgulho e faceirice. Era uma foto sua com o Comandante Fidel Castro, devidamente trajado em seu uniforme verde-oliva.

Adentrando uma avenida calcada, de um lado já se via o mar e do outro alguns conjuntos de hotéis, já na primeira parada grande parte das pessoas desceram. Seguindo a orientação de Pepe, desci na segunda praia. Claro que, inquieto como sou, durante o dia eu percorri todo aquele paraíso, pois as praias são emendadas uma das outras, não existindo linha demarcatória, a não ser a linha da imaginação criada em nosso imaginário.

Permaneci o dia inteiro nas Praias del Este. Realmente, quando se trata das praias do Caribe, estamos a viajar em universo totalmente distinto. Desde a areia, muito fina, clara, que nos convida a andar com os pés descalços, assim como a

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

água, ora verde, ora azul, que nos permite ver os peixes a brincar.

Também podemos compreender por que há mais de seis décadas os Estados Unidos da América não desiste de seu projeto imperialista em relação à Ilha que Resiste: há apenas 300 milhas de Miami, antes da Revolução de 1959 a Ilha era como um “motel de luxo particular” dos magnatas norte-americanos. Cuba, heroicamente, prova ao mundo que é possível “um outro mundo”, cabendo aos próprios povos assumirem seu protagonismo e autodeterminação.

Retornei à noite para a Capital, sabendo que teria cinco dias de contato com a praia novamente, pois a IV Convención Científica Internacional da Universidade de Marta Abreu de Las Villas, o qual tinha feito meu estágio pós-doutoral anteriormente (2022), estaria sediada nas belas praias de Cayo de Santa Maria.

E assim foi. Em 13 de novembro de 2023 a empresa estatal Gaviotas nos deixou no belo Hotel Paradisus Los Cayos.

Alguns registros iniciais merecem ser feitos.

Primeiro, a surpresa diante dos grandes empreendimentos turísticos que representam a vasta rede de hotéis e resorts, em torno de duas dezenas, espalhados na costa de Santa Clara. Registre-se que a grandiosidade destes empreendimentos, cuja gestão compartilhada envolve grupos privados (espanhóis, franceses, mexicanos etc.), começa pela via de acesso ao litoral caribenho. Foi simplesmente construída uma longa estrada sob

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

as águas do oceano atlântico, denominada “El Pedraplén”, que com seus 48 km, que interliga Caibarién a Cayo Santa Maria, é considerado o maior viaduto sob o mar em todo o planeta. Também predominou a preocupação ambiental nesta gigantesca obra, uma vez que foram construídas 45 pontes para proteger a fauna e a flora local.

Após esta pitoresca e linda viagem, quando chegamos à entrada do Hotel Paradisus Los Cayos temos um indicio de que continua a grandeza no empreendimento turístico que a Ilha fez, a partir da Revolução de 1959.

O resort, cujo valor está incluído todos os consumos de bebidas e as mais variadas e típicas comidas, não deixa a desejar a qualquer resort em outra parte do mundo capitalista. As opções de lazer e entretenimento são tantas que as 24h do dia se tornam insuficientes. Com toda a certeza.

Atravessando uma estrada pequena de madeira, que transpassa pela mata preservada, chegamos à praia. O azul do mar se confunde com o céu, formando uma pintura que a retina dos visitantes preserva e mantém viva.

Passei a conversar com os(as) trabalhadores(as) do Hotel, para obter informações que me permitiriam escrever estas crônicas. O mais impactante, nesta minha pesquisa empírica, é o fato de ter mais de mil cubanos(as) trabalhando neste empreendimento. Realizam turnos de revezamentos, pois as atividades à noite são permanentes. E fiquei boquiaberto

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

quando me confirmaram que seriam 19 hotéis deste porte, espalhando-se por toda a costa de Cayo de Santa Maria.

Desperta a atenção, sem sombras de dúvidas, a capacidade de os cubanos, um país socialista, portanto, manterem estes empreendimentos de resort de “primeiro mundo”, o que vai desde as estruturas e ofertas de entretenimentos, passando pela variedade de menus, culminando com uma praia de águas límpidas que varia do verde ao azul, ou vice-versa.

Chama a atenção, também, o fato de encontramos no interior do resort uma tenda com uma variedade enorme de livros, inclusive escritos na língua inglesa. Todos, absolutamente, retratam o histórico de lutas e guerras de independência da Ilha que insistem em resistir. Com notória distinção às figuras de Fidel Castro e o argentino Che Guevara. A jovem senhora que atendia a tenda, deixava transparecer o orgulho de fazer parte deste cenário: mostrava cada título, oferecia rápidas mas profundas sinopses, seus olhos brilhavam, me dando a certeza de estar em um lugar enigmático e muito especial.

A praia de Cayo, com suas areias finas que escapam entre os dedos quando se tenta retirá-las de seu habitat natural, oferecia também passeios guiados de vela, bem como a minha outra paixão: o caiaque. E foi assim, em uma das tardes límpidas em que estive por lá, em que o mar emenda com o céu, a ponto de não distinguirmos quem é quem, que pude ir de uma ponta a outra, deslizando sob o mar do Caribe.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Os cinco dias no Evento o qual participei, rico em debates e salas virtuais, às vezes truncadas pelo problema da internet (algo parecido com as nossas por aqui em *terra brasilis*), aliado a este ambiente natural em que a natureza presenteou este valoroso povo, nos anima a cada dois anos (período em que ocorre a Convención Científica Internacional da Universidade de Marta Abreu de Las Villas), a retornar novamente a este lugar.

## 21 FAZENDO UM *TOUR* POR LA HABANA

Dois dias antes de retornar ao Brasil, tirei um dia inteiro para fazer um turismo “desorientado” pelos principais pontos turísticos da Capital da Ilha que ainda Resiste.

Tinha sondado, em pesquisa empírica realizada com os diversos guias turísticos que vendem seus pacotes de “turismo guiado” e devidamente “orientado”, na Praça Central em frente ao enigmático Hotel Inglaterra, qual era a melhor e menos onerosa forma de fazer o que pretendia.

Após alguma insistência para que aderisse ao pacote apresentado, sentia sempre que o fato de ser brasileiro militava em favor de ter um diálogo mais fraterno, menos comercial e mais ontológico. Consegui ver materializado nos fatos o que Martí sempre pregou e magistrou como “nuestra américa”. Realmente os cubanos possuem um sentimento especial para com os demais povos latinos. Sob o olhar atento de Martí, cuja estátua gigante está posta no centro da Praça, com sua mão estendida como se estivesse até hoje a nos ensinar e orientar, obtive a melhor informação: HabanaBusTour, um ônibus que parte a cada uma hora, a um custo de 10 dólares (ou euros, não há distinção na moeda, menos o dólar que não é aceito, óbvio). O sistema é muito simples, de modo que é fornecida uma

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

*tarjeta* que tem validade o dia integral, sendo que o usuário poderá descer onde deseja e permanecer por cerca de meia hora, ou mais se pretender, tomando o outro ônibus com a mesma papeleta que recebe no embarque.

E assim foi. Acertadamente, a primeira curva à esquerda (talvez propositadamente), ingressamos no Malecón, que talvez seja o ponto mais conhecido e propagado da Ilha. Nos seus majestosos 8 km, percorrendo a Bahia de Havana, encontramos castelos, fortalezas e hotéis importantes. Além disso, é um ponto importante para encontros, além de uma boa pesca na Bahia. As ondas são fortes e chegam a lavar em alguns pontos a pista de asfalto.

A primeira parada que fiz, diante das opções que dispunha em um tempo que, aqui, parece passar mais lentamente, foi no Hotel Nacional. Tive azar, não consegui adentrar desta vez em seu interior pois não abria na parte da manhã. Fui recompensado quando do retorno da Convenção de Marta Abreu, pois lá não somente retornei como também tive o privilégio de fazer um tour com meus amigos Prof. Carlos Machado (que já estive diversas vezes em Cuba), mais a Profa. Daiani Xavier (colega da FURG) e o talentoso cartunista Wagner Passos). O Hotel recebe as convenções e encontros oficiais, diante de sua grandiosa estrutura e beleza artística e arquitetônica. Seus jardins dão para o Malecón, de modo que pude saborear um bom habaneiro Partagas, que ganhei do companheiro Carlos Machado, comprados no saguão do hotel.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Próxima parada, após circular um pouco mais pelas paredes de proteção do Malecón, obra datada do início do Século XX, foi a Plaza de La Revolución.

Quando o ônibus adentra o gigantesco espaço da conhecida Praça, palco dos longos e profundos discursos de Fidel Castro, chama a atenção os monumentos em homenagem a Che Guevara e Camilo Cienfuegos, estampados em dois prédios que circundam a mesma. Na estátua de Che, posta na fachada do prédio em que funciona o Ministério do Interior, lemos a clássica frase: “Hasta la victoria siempre”. Na de Camilo, no mesmo tamanho da do Che, gravada no prédio do Ministério da Informática e Comunicação, encontramos uma frase em homenagem a Fidel Castro: “Vas bien Fidel”. Ambas as estátuas insculpidas pelo artista Enrique Ávila.

Para além disso, a praça possui em seu entorno o Teatro Nacional, o Museo Postal Cubano e o Palácio de La Revolución. Mas é o Memorial em homenagem a José Martí, com sua torre gigante de 109 metros, em formato de estrela, que mais chama à atenção de todos os que por ali passam.

Quedei-me por quase duas horas nesta que é uma das maiores praças públicas do mundo, com seus 72 mil metros quadrados, tendo recebido mais de um milhão de pessoas em diversos atos, inclusive nos longos e profundos discursos de Fidel Castro quando em vida.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Mas quero, antes, falar de um fato que não encontrei nas pesquisas realizadas, sendo fruto da pesquisa empírica que realizei nas duas idas à Ilha.

Esta praça, ao contrário do que a maioria imagina, não foi construída na gestão de Fidel Castro, mas sua figura está presente desde seu nascedouro.

Relatos me passarão uma informação instigante e, para mim, inusitada.

A construção desta Praça, denominada de Cívica até a Revolução de 1959, em estilo Francês, remonta à 1920, quando Cuba vivia sua fase de capitalismo dependente dos E.U.A. No começo do governo de Fulgêncio Batista, aliado dos E.U.A que foi deposto pela revolução armada de 1959, como narramos nas crônicas relacionadas à Santa Clara, houve um processo de desapropriação de várias casas humildades, de cidadãos que residiam no local em que esta praça se estenderia.

O valor ofertado pelo governo militar e autoritário, em troca das desapropriações, foi extremamente aviltante.

Os moradores, de forma organizada, passaram a percorrer vários advogados que pudessem os representar. Não lograram êxito, uma vez que ninguém queria desafiar os poderes de Batista.

Foi um jovem advogado, com um pequeno escritório de advocacia situado na “Cidade Velha”, que assumiu a causa de todos os deserdados: Fidel Castro.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Segundo testemunhos colhidos, foram majorados os valores dos bens imóveis objetos das desocupações, vindo Fidel a consagrar-se como aquele que defende os mais necessitados, sem medo de enfrentar o poder vigente.

Por outro lado, tive uma inquietação em relação a autoria desta grandiosa obra. Por quais razões um governo militar-autoritário e submisso ao regime dos E.U.A iria prestigiar o maior líder e mentor da Revolução Cubana, qual seja José Martí? As respostas que obtive dos companheiros e companheiras que viveram esse processo revolucionário extraordinário é uma só: a burguesia e as forças que detém o poder são inteligentes, sabendo utilizar com astúcia suas armas, que nem sempre é a força bruta. Realmente Martí, que ganhará a crônica seguinte, estava arraigado no coração e na mente do povo cubano. Homenageá-lo seria uma tentativa de simpatia e cotejo, diante de um governo impopular e corrupto, que logo ali seria derrubado do poder, com o auxílio deste advogado que ajudou a população a ter seus prejuízos minimizados para que a Praça de La Revolución fosse construída.

Dado este relato, retorno a visita à Torre em forma de estrela, projetada de modo que em seu interior, bem no centro, um raio de Sol bate no busto do grande maestro José Martí.

Para subir até a entrada, testamos nosso preparo físico diante dos desafiadores lances de escada que conduzem até a entrada da torre. Ao adentrar no interior do prédio, nos detemos no saguão com tons de verde, feito em mármore, cujas letras que formam algumas frases de destaque de Martí estão escritas

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

em filetes de ouro. Sim, todas são escritas em ouro, demonstrando a preciosidade de suas mensagens.

Do alto da Torre gigante, consegue-se ter as imagens da capital da Ilha, em cada canto da “estrela” uma vista magnífica desta enigmática cidade.

Conversei com várias funcionárias que trabalham no lugar, na busca de dados e informações que a história oral nos permite conhecer. Queria permanecer ali, lendo as sábias frases cunhadas por Martí, mas sabia que já tinha passado um ônibus com turistas que realizam diariamente este tour pelos pontos turísticos.

Na saída, encontramos no grande estacionamento uma diversidade colorida de carros antigos que fazem este passeio.

Corri para conseguir embarcar no ônibus que vinha chegando quando descia a longa escadaria de acesso à Torre. Rumo ao próximo ponto escolhido: o cemitério Colón.

Começou a chover em Vedado, bairro em que se localiza o Necrópolis de Cristóbal Colón (Cemitério de Cristóvão Colombo), mais conhecido como Cemitério Colón.

Alguns meses antes de ir à Cuba eu tinha estado em Buenos Aires (Argentina) para um congresso do CONPEDI. Em uma das folgas que tive revisei o Cemitério La Recoleta. Sempre gostei de ver as esculturas e obras de arte dos cemitérios. E no caso da Recoleta, sempre é nostálgico visitar os túmulos de Perón e Evita.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Acostumado com o capitalismo de nossos países latinos, que tudo tributa e possui um preço, por óbvio, ingressei no Cemitério Colón e me dirigi a um guichê posto ao lado esquerdo da entrada principal. Perguntei a uma senhora que atendia qual era o valor para ingressar no referido. Tinha pago, meses antes, 1.400 pesos argentinos para revisitar o cemitério portenho. Ela gentilmente sorriu e me disse que eu ficasse à vontade, pois não tinha ingresso a venda. Poderia adentar e ali permanecer até o fechamento de seus portões.

Realmente é imperdível esta incursão pelo Colón. É um dos maiores cemitérios do mundo, com seus 56 hectares e 800 mil “habitantes”. Dos mais ilustres, tais como o venerado General Máximo Gomez, líder da independência cubana do final do Século XIX, passando pelos heróis mortos no ataque ao Quartel de Moncada (1953), em que Fidel Castro e seu irmão Rui Castro foram presos e condenados à prisão, até cidadãos comuns cujos restos mortais ali encontram-se.

O branco do mármore serve de material para esculturas que parecem estarem vivas, contando a história que é presente. Parada obrigatória para o gigantesco túmulo em homenagem aos 28 bombeiros que morreram em atividade no ano de 1898. Seus rostos esculpidos em mármore branco dão uma cena de realidade incrível, justa homenagem aos bombeiros que dão sua vida para salvar os seus. Na grande lapide está escrito: “El Pueblo de La Habana llora su noble sacrificio, bendisse su abnegacion heroica, agradece les dedica este monumento para guardar sus cenizas y perpetuar su memoria”.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Andei muito pelo Cemitério Colón. Perto da pequena capela posta no interior deste encontrei um ancião que parecia estar embriagado. Parei para conversar com ele, uma vez que queria ir até o local em que estavam enterrados os guerrilheiros da Batalha de Moncada. Tinha lido a respeito, uma vez que o 26 de julho é considerado uma data importante para este povo que lutou muito pela sua independência. Fiquei perplexo, no bom sentido, dos detalhes que me deu: não somente a localização do monumento, localizado à direita da capela, como me contou em detalhes esta história em que Fidel e Raul foram também capturados, julgados e condenados há 15 anos de prisão, tendo cumprido somente dois anos pois Fulgêncio Batista anistiou os condenados, ocasião em que os irmãos Castro foram para o México, reorganizando a luta que teria êxito em 1959, como já narrei em crônicas anteriores.

No retorno, uma cena incomum que registrei em minhas retinas e pensamentos. Um jovem postado em frente a um túmulo, fazendo discursos e conversando em alto e bom tom como o ente querido. Parei para o observar de longe. De um lado uma oferenda, como se fosse um aniversário ou algo parecido, e de outro lado uma garrafa com algum produto etílico o qual se socorria e bebia de quando em vez. Parecia pedir conselhos. Talvez fosse sua mãe ou pai, ou alguém muito querido ou querida o qual estava não somente homenageando como se socorrendo, em momento de súplica e ajuda.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Continuei. Tinha que pegar o próximo ônibus para seguir meu aleatório roteiro.

Já eram perto das 17h, horário local (uma hora a menos que no Brasil), quando tive uma percepção que me marcou profundamente: um verdadeiro exército de crianças e adolescentes saindo das escolas. Cada qual com um uniforme com cores diferentes, a indicar o nível escolar, mas todos vestidos com uniformes, assim como vimos no Uruguai. As meninas com suas saias e uns topes que imitam gravatas, formam um bonito visual e me passam algo que vou confirmar ao final destas crônicas: a investida profunda e séria que Cuba faz na educação, seguindo à risca os ensinamentos de Martí para quem “Ser culto es el único modo de ser libre”.

Como último ponto, nosso tour foi seguindo em direção à praia, adentrando na marina em que de início já vimos a foto de um pescador e um peixe enorme, em alusão a um morador ilustre por 21 anos nesta cidade: Ernest Hemingway. A alusão era a sua obra mais célebre, “O Velho e o Mar”, escrita em Cuba no ano de 1951, que lhe rendeu o prêmio Pulitzer em 1953 e o Nobel de Literatura no ano seguinte. Mas detalhes melhores só falando com meu parceiro Wagner Passos, que vasculhou vários lugares pelos quais este grande escritor passou. Uma história que ouvi, porém, me atrevo a contar. Quando Ernest faleceu, Gregorio Fuentes, seu fiel amigo que herdou ainda em vida seu veleiro “Pilar”, bem como outros pescadores que o conheciam e o admiravam, arrancaram algumas partes de bronze de seus barcos, mandaram fundir e

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

com esse material fizeram um busto em homenagem ao “Papa”.

Ao longo da praia, percebi alguns grupos tocando músicas, sendo que alguns deles fazendo homenagens em rituais afro-cubanos, uma vez que é bastante forte a umbanda neste país.

Retornei ao ponto de partida, na Plaza Central, na certeza de que acertei no passeio realizado, lamentando não ter mais tempo para explorar outros pontos e lugares.

## 22 UMA CRÔNICA PARA JOSÉ MARTÍ

Confesso que até a minha segunda ida à Cuba, em fevereiro de 2022, tinha lembrança de que José Martí foi um grande poeta cubano. Não mais que isso.

Quando o avião da Copa Airlines pousou no aeroporto da Capital cubana, vendo estampado no aeroporto seu nome em homenagem, fiquei instigado a pesquisar e a ler mais sobre este herói nacional.

Em agosto de 2023, em evento realizado em nossos programas de mestrado (PPGEA/PPGDJS), ambos da FURG, tivemos a ilustre presença de Ricardo Haesbaert, Presidente da Associação Cultural José Martí, no Rio Grande do Sul.

Ricardo, que realiza um extraordinário trabalho na divulgação da obra de Martí em nosso Estado e em outros rincões afora, proferiu uma palestra de quase duas horas. Fiquei encantado e, tal como ele próprio passa em sua fala mansa e ao mesmo tempo profunda, pelo professor, historiador, poeta, filósofo, orador, teatrólogo, escritor e tantos outros atributos que lhe são atribuídos.

Antes de embarcar para Cuba novamente, busquei nas livrarias e nos muitos sebos existentes em minha cidade de

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Pelotas, literatura para poder escrever sobre este grande personagem que mudou a história cubana.

Não encontrei absolutamente nada de Martí. Fato este que mais me instigou a conhecer e divulgar o pensamento, vivo e atual, deste ilustre pensador cubano.

A minha primeira perquirição foi respondida após a leitura de algumas obras que adquiri em La Havana: por que Martí é conhecido no Uruguai, Argentina e outros países latino-americanos e no Brasil não o é?

Ao longo desta crônica responderei este questionamento. E como consolo, descobri que teve um brasileiro em seu caminho, um dado pouco conhecido de nossa literatura.

Mas quem era esse homem franzino, frágil corporalmente, mas que quando começava a falar seus discursos contaminavam a todos? Quem era este jovem obstinado pela independência de seu País, que tratava a todos cordialmente, com educação e cuidado, cuja personalidade tinha uma força de um vulcão em erupção? Enfim, quais os legados que ele deixou, não somente para Cuba, como para o que denominou de *Nuestra América*?

José Martí nasceu em 28 de janeiro de 1953. Filho primeiro de Mariano Martí, soldado espanhol de Valência, transferido para Cuba quando esta ainda era colônia de Espanha, cuja mãe, Leonor Pérez, também era espanhola das Ilhas Canária. Muito embora seu pai tenha galgado o posto de oficial de artilharia, viviam em condições humildes, com

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

poucos recursos. O casal teve mais sete filhas, tendo sua mãe um papel fundamental no empenho para que Martí pudesse estudar.

Aos doze anos de idade sua vida começou a mudar, especialmente no aspecto cultural e político. Isso porque foi estudar em um bom colégio dirigido por Rafael María de Mendive, o que foi determinante na sua formação como intelectual.

Mendive era um obcecado pela independência de Cuba, tendo participado de várias tentativas de libertação do jugo espanhol.

A luta pela independência já vinha em curso, tendo seu apogeu em 10 de outubro de 1868 quando Carlos Manuel de Céspedes propugnou o grito de “Cuba Libre”, em seu engenho situado em Demajagua. Esta luta, de forças totalmente desproporcionais face o poder da Espanha, ficou conhecida como “Guerra dos Dez Anos”.

Martí narra os feitos heroicos dos mambizes, cujo nomes de Agramonte, Gómez e Maceo até hoje encontramos pelos monumentos em La Habana, assim como o papel fundamental que as mulheres tiveram nesta longa guerra.

Martí e seu fiel amigo Fermín Valdés Domínguez entraram com o corpo e a alma neste movimento, que terminou com o Pacto de Zanjón, do qual a Espanha se comprometia a realizar reformas e ampliar direitos que nunca se efetivaram.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Pelo contrário, seus líderes e simpatizantes foram perseguidos e duramente punidos.

Desde pequeno Martí conheceu os trabalhadores e trabalhadoras do campo, pois tinha oito anos quando seu pai perdeu o emprego e foi trabalhar em Hanábana, região de Matanzas. Conheceu também as crueldades que cometiam para com os negros escravos, a que passou a chamar de “mis negros”.

Esse sentimento de pureza e de solidariedade que os(as) campesinos(as) sempre externam, além do contato com a natureza, marcaram sua vida e sua obra intensamente.

Em outubro de 1869 os dois amigos conheceram o cárcere, uma vez que foi encontrado na casa de Fermín vestígios de um periódico clandestino que escreviam. Martí tinha apenas 17 anos de idade quando lhe puseram um cinturam de ferro preso em uma das pernas, raspam seu cabelo e lhe puseram uma roupa de preto como todo presidiário. Ganhou o número 113. Passou a carregar calcário e queimar estas pedras em fornos, passando pelas mais diversas crueldades físicas e morais.

Este período como prisioneiro em seu próprio país foi fundamental para reafirmar seu patriotismo e ideário libertário e humanista. Horroriza-se diante da forma com que os presos eram tratados, reproduzidos na figura de Nicolás del Castillo, um ancião de 76 anos que vestia roupas sujas de sangue e mais parecia um cadáver ambulante. Ao levantar suas vestes, Martí

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

observou que partes do corpo do brigadeiro condenado há dez anos por ato de insubordinação, estava com feridas e outras partes do corpo já em estágio de apodrecimento. Observou negros presos com cem anos de idade, bem como menores de quatorze anos presos e maltratados.

Por intermédio de um conhecido de seu pai, chamado don José María Sará, conseguiu exílio na Ilha de Pinos, sob sua custódia.

Quando saiu do presídio, escreveu a obra *El presidio politico em Cuba*, quando tinha apenas 18 anos de idade, o qual foi editado e publicado na Espanha e passou a ser um marco na defesa dos direitos humanos.

Martí chegou à Espanha em janeiro de 1871, indo para Madri onde já tinham muitos cubanos que os encontraria. Para sobreviver, passa a exercer os misteres de cuidadores de crianças de famílias cubanas melhor situadas financeiramente, bem como começa a realizar pequenas traduções do inglês para o espanhol. Foi neste período em que se matricula na Universidade Central de Madri, como aluno autônomo. Mesmo pobre, sua “fome” de conhecer e aprender é gigante: visita museus, estuda incansavelmente nas bibliotecas, conhece as grandes obras de arte, lê os clássicos, permanece horas a fio na biblioteca del Ateneo, alimentando-se do saber dos grandes gênios como Cervantes, Calderón, Teresa de Ávila, entre tantos outros.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Foi justamente neste primeiro momento de estada em Madri que consegue publicar seu primeiro livro, *El presidio politico em Cuba*, o qual denuncia a forma desumana com que a Espanha trata sua colônia. Além desse livro, publica também *A república espanhola ante a revolução cubana*.

O movimento pró-independência ganha forças, tendo, por um lado, a simpatia de uma parte da população espanhola que se comove com os escritos de Martí, mas mantendo, por outro lado, a resistência do governo colonial que insiste em manter suas colônias submissas. Duro fato ocorre em 27 de novembro de 1871 quando oito estudantes de medicina de La Habana foram fuzilados, mais outros tantos encarcerados, entre os quais está seu fiel amigo Fermín Valdés.

Os assassinatos destes jovens estudantes, bem como o encarceramento de seu melhor amigo, Fermín, o conduziram ao adoecimento, tendo que realizar um procedimento cirúrgico que o levou ao enfraquecimento. Fato amenizado com a chegada de Fermín à Madri, que foi deportado juntamente com outros presos.

Ambos presenciam a luta interna da Espanha para superar a monarquia, em luta pela república, o qual foi aclamada em 11 de fevereiro de 1873. Martí aproveita o momento e escreve um panfleto em que reivindica a independência também de Cuba. As repercussões política deste escrito o obriga, junto com Fermín, a irem para Zaragoza. Lá vivenciaram um processo de luta e de resistência dos aragoneses, que pretendiam se libertar

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

do jugo monarquista. Martí se soma a esse movimento independentista, ao mesmo tempo em que aproveita para terminar seus estudos acadêmicos. A universidade, segundo ele, é “a verdadeira casa de estudos”. Por isso passa horas e horas a estudar diversas searas: filosofia, direito, línguas, literatura, história, etc.

No começo de 1874 um golpe militar derruba a república e reinstaura a monarquia na Espanha. Martí soma-se aos insurgentes, tendo presenciado a violência sangrenta que a monarquia usa para com os aragoneses.

Sabendo que sua família foi para o México, Martí retorna para Madri, indo depois passar alguns dias em Paris em companhia de seu amigo Fermín. Martí domina o Francês, além de admirar a cultura deste País. Mas tem que partir para o México. Seu fiel amigo o deixa no porto de El Havre, embarcando em um barco à vapor que leva emigrantes. No curso do trajeto, que tem uma parada na Inglaterra, também aporta em La Habana, avistando de perto sua amada cidade que pretende libertar a todo custo das amarras monárquicas.

No final de 1874 Martí chega à terra de Veracruz, no México. Um trem, que passa por entre as verdes florestas, o conduz à capital. O esperam seu pai, já ancião e sem forças laborais, juntamente com seu amigo Manuel Mercado, e suas irmãs Carmem, Amelia e Antonia. Leonor, que estava casada, viria depois de La Habana. E sua irmã Ana não estava presente. Notou sua ausência. As vestes de preto de seu velho

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

pai denunciavam um clima a ser confirmado: Ana tivera um problema cardíaco e veio a falecer.

Martí confirma a pobreza em que vive sua família. Sua mãe e suas irmãs realizam pequenas costuras, enquanto seu pai não possui mais saúde para trabalhar.

Manuel Mercado, fiel amigo da família que tem os ajudado, consegue um trabalho para Martí na conhecida *Revista Universal*. O manejo fácil e hábil das palavras, o conhecimento de várias línguas e dos clássicos, o conduz a realizar escritos, sob o pseudônimo de Orestes, que denuncia a situação dos povos da América, a exploração e tantos outros sentimentos, por meio de poemas, peças teatrais, além de uma oratória inigualável. Por isso seus companheiros diziam que Martí “No es extranjero; es nuestro, es nuestro!”

Esta estada no México, em que Martí não somente mantém sua vida acadêmico-literária, mas começa a ter contato com os movimentos dos trabalhadores e fazer oratórias em suas organizações e eventos, começa a ser desenhado um projeto que envolve o conceito de “Nuestra América”. Este projeto prevê a libertação não somente de Cuba, mas de todos os povos americanos e caribenhos.

Também há de se referir que esta pequena estada desperta em Martí um amor profundo por Carmen, filha do advogado cubano Don Francisco Sayas Bazán. Sua beleza e encanto refletem nas obras deste sensível poeta, que termina por voltar

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

a Ilha caribenha em 1877, buscando melhores condições para sua família.

O contexto vivido em Cuba, quando do seu retorno após seis anos fora de sua terra mater, reforça seus ideais libertários e independentistas: elevada corrupção, forte comércio de escravos, pobreza generalizada da população, combinado com um governo monárquico despótico e autoritário que subjuga os mais humildes.

Passados pouco mais de três meses em La Habana, Martí parte para a Guatemala, o que irá adensar o seu projeto de “Nuestra America”.

Na longa viagem de barco que realizou até chegar à Guatemala, realizou anotações, acumulando material para a escrita. Percebeu a vida difícil dos povos indígenas, em meio a uma prodigiosa e exuberante paisagem coberta de florestas.

Martí levava consigo uma carta do Padre Valdés Dominguéz, direcionada ao Presidente da República daquele país, o qual lhe indicou ao professor e poeta José Maria Izaguirre, que era o diretor da Escola Normal. Este, que já o conhecia devido ao escrito *El presidio político em Cuba*, o nomeou desde logo como professor de literatura e história da filosofia de sua escola.

Na cátedra, o jovem Martí destacou-se não somente entre os alunos como também pela vibrante oratória, ganhando prestígio e notoriedade.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Em fins de 1877, Martí retorna ao México para concretizar a promessa feita à Carmen, casando-se com ela em dezembro deste mesmo ano. Retornando à Guatemala, já casado, Martí se depara com uma nova realidade: uma campanha infame contra o diretor Izaguirre, obriga o Presidente a destituí-lo do seu cargo. Martí, mesmo contra a vontade do diretor e sem a anuência de sua jovem esposa, renúncia ao cargo de professor, perdendo com isso o único salário que tinha para manter sua família. Indagado sobre a renúncia, Martí exclama que não poderia viver com uma injustiça e dar anuência a ela. Retornam em agosto deste ano à sua terra natal, buscando somar forças para a revolução libertadora que tanto acreditava.

Martí e seus compatriotas expatriados podiam retornar à Cuba. Estava vigendo o *Pacto del Zanjón*, mas Martí sabia que a Espanha não estava e nem iria cumprir com as promessas realizadas.

Em 31 de agosto de 1878 ele e sua esposa Camen, já grávida, desembarcam em La Habana. Seu filho nasce em três meses após sua chegada à Ilha.

O contexto em que encontra seus companheiros é bastante desafiador. Uma parte deles se mantem calados, inertes. Outra parte, dos que regressaram, continuam com seus ideais, mas Martí sente que parecem perdidos, tal como um bolo sem o fermento que lhe dê a possibilidade do crescimento.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Mantém sua esposa e seu filho recém-nascido a partir de um pequeno salário recebido de um escritório de advocacia de amigos, além de um soldo conquistado pelo mister de professor em pequena escola. Nas horas de folgas e à noite dedicava-se à reuniões com seus patriotas que aspiravam à libertação de Cuba.

Nomeado secretário da seção de literatura do Liceo Artístico Y Literário de Guanabacoa, Martí aos 26 anos de idade passa a ser o principal orador desse movimento. Sua oratória, ao mesmo tempo profunda e sensível (comovente), a todos(as) encanta. Em discurso de homenagem a Adolfo Márquez Sterling, importante periodista, assim se expressou em relação aos direitos: **“Porque el hombre que clama vale más que el que suplica... Y los derechos se toman, no se mendigan.”**

Martí, juntamente com outros rebeldes insurgentes, à exemplo do periodista Juan Gualberto Gómez, organizaram a resistência para avançar na parte oriental da Ilha. Assim, com poucos recursos, começaram um processo revolucionário armado de libertação, a começar em campo oriental e depois em Santa Clara (que será palco da vitória final somente em 1959).

O grupo reúne-se secretamente em Regla, cujo comitê central é presidido por José Martí. Um delator denuncia o movimento à autoridade local que o prenderam, diante de sua jovem esposa e de seu filho “Pepe”, como o chamava.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Tal como ocorrera na Guatemala, as autoridades coloniais lhe deram a oportunidade de permanecer em La Habana, desde que anunciasse publicamente o apoio ao governo e autoridade de Espanha. Coerente, sem medo da verdade e fiel aos seus princípios, Martí nega-se a firmar seu apoio à autoridade colonial, proferindo a seguinte frase que ingressou para a história: “Martí no es de la raza vendible!”

Em 25 de setembro de 1879, pela segunda vez, agora aos 26 anos de idade, Martí deixa novamente sua família, e agora sua esposa e seu pequeno Pepe, deportado novamente para a Espanha.

Martí permanece por apenas quatro meses em Madri. A saudade de sua família, especialmente quando sequer tem seu filho Pepe para poder beijar e abraçar, o cortam o peito como uma lâmina afiada, segundo a expressão de alguns narradores de sua biografia (Almendros, 1990).

Sua esposa, Carmen, não compreende sua tarefa libertária e revolucionária. Tinha que sair de Madri, cujo ambiente o sufocava e não permitia avançar nos seus propósitos.

Com rápida passagem por Paris, novamente, chega à Nova Iorque em 3 de janeiro de 1880, permanecendo, neste primeiro período em solo Norte-Americano, até janeiro do ano seguinte.

Esta longa estada em Nova Iorque, interrompida somente com uma breve passagem à Venezuela (de janeiro a julho de 1881), foi fundamental para solidificar seu pensamento independista.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Esta nova cidade, a qual já tinham migrado centenas de cubanos insurgentes os quais Martí teria contato, o faria enfrentar a ausência de sua família, agravada pela doença de seu pai que estava enfermo.

Era uma cidade desenvolvida, com vida e pungência. A família de Miguel Fernández Ledesma, que fora também preso político quando tinha apenas 17 anos de idade, lhe forneceu o abrigo inicial que precisaria. Pediu em carta endereçada à sua esposa Carmen que viesse com seu filho para a nova cidade. Argumentou que seu espírito trabalharia melhor se estivesse mais tranquilo.

Empenhou-se em conhecer profundamente a língua inglesa, pois já a tinha enfrentado aos treze anos de idade na tentativa de traduzir para o espanhol alguns de seus maiores poetas.

Entre tantos cubanos que conhecera na mesma casa que o albergava, estava o general Calixto García, chefe rebelde que saiu da prisão após o Pacto del Zanjón. Definitivamente, não estava sozinho!

Ambos passam a participar do Comité de Los Revolucionarios Cubanos de Nova Iorque. Após seu primeiro discurso, com o intuito de dar ânimo e maior coesão aos companheiros e companheiras do Comité, Martí é conduzido ao cargo de Presidente do referido. Tem a difícil tarefa de unir os revoltosos e preparar a nova etapa da guerra por Independência. Seu discurso, sempre forte e convincente,

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

propunha que a nova revolução deveria ser norteadada não pelo ódio, mas pela reflexão.

Ato contínuo, passa escrever artigos de crítica de arte para o conhecido jornal The Sun, bem como para a revista The Hour.

Já em melhores condições financeiras, consegue que sua esposa e seu pequeno Pepe venham para a promissora cidade, hospedando-se na casa de outros cubanos, o casal Manuel Mantilla e sua esposa Carmen Miyares os recebem de forma acolhedora e familiar.

Este primeiro período em Nova Iorque trouxe muito desgaste e inquietação a Martí. Mesmo tendo seu filho Pepe e sua esposa Carmen consigo, as sucessivas tentativas inexitasas de libertação ocorridas no outro lado do Atlântico, o deixavam inquieto e seu espírito não descansava. Sua esposa Carmen, por outro lado, não compreendia seu sentimento de pertencimento a uma América massacrada, cujos povos clamavam por libertação.

Neste quadro, em fins de 1880, Carmen e seu Pepe retornam pra Cuba. Martí, por sua vez, resolve ir para Venezuela, quiçá para tomar um fôlego diante dos feitos de Simon Bolívar, o qual admirava.

Era janeiro de 1881 quando Martí levou doze dias da longa viagem de barco de NY à Caracas. Bolivar representava muito daquilo em que Martí acreditava e vivia: a libertação e união de todos os povos de *Nuestra América* e caribenhos.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Nos seis meses em que permaneceu em solo venezuelano, Martí escreveu vários artigos para o importante jornal *La Opinión Nacional*, mas seu maior feito foi criar e editar a *Revista Venezolana*.

A revista teve somente dois números. No primeiro número, encontramos um artigo sobre o dicionário de vocabulários indígenas, mostrando uma preocupação para com estes povos.

Já no segundo, Martí dedica uma boa parte dos conteúdos em homenagem a Cecilio Acosta, homem sábio e rebelde, conforme narram os cronistas da época. Martí passou a frequentar a casa de Acosta, pelos interesses comuns que tinham, mas este veio em seguida a falecer. Na sua homenagem Martí escreveu: “Aquele cabeça altiva que foi o berço de tantas grandes ideias agora é oca se sem luz, e aqueles lábios que falavam uma linguagem tão viril e galante agora são mudos; e junto à parede do caixão aquela mão que sempre foi o apoio de uma pena honesta, serva do amor e do mal rebelde. Morreu um justo: morreu Cecilio Acosta (...) Quão desconsolador é ver morrer um trabalhador tão grande, nas parte mais difícil da tarefa. (...) E quando ele levantou voo, suas asas estavam limpas!”

As referências feitas por Martí ao sábio rebelde venezuelano falecido, fez despertar a ira do então governador Guzmán Blanco, que era seu maior oponente.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Martí, que se recusou a fazer um elogio sobre a administração pública de Blanco em sua revista, diante das referências feitas à Acosta, em contrapartida, provocou a ira do governante que o chamou no Palácio Presidencial e o “convidou” a deixar a Venezuela.

Em agosto de 1881 Martí retorna de novo a NY. Em cartas trocadas com Carmen, que estava em Camagüey com seu filho e se recusava a retornar pois afirmava que seria “buscar uma miséria certa”, Martí lança-se a um trabalho duro na escrita de suas crônicas e poemas. Passou a escrever, sob o pseudônimo de M. de Z. para diversos periódicos, entre os quais o *La Opinion Nacional*, de sua egressa Caracas, e o *La Nación*, de Buenos Aires, Argentina.

Dias difíceis, em que para sobreviver passou a trabalhar em uma oficina comercial, como tradutor na casa editorial Appleton e como cuidador de livros, passava as noites em seu quarto realizando seus escritos que abasteciam periódicos de diversos outros países na Colômbia, Uruguai, Paraguai, México etc.

Certa vez escreveu que “A todos embriaga el vino; a mi, el exceso de trabajo”, dedicando-se a narrar em suas crônicas e poemas a vida cotidiana, desde a vida dos povos indígenas como a do próprio povo norte-americano.

Sua obra chegou até a Europa, a ponto de o famoso escritor e jornalista argentino Domingo Faustino Sarmiento, que chegou à presidência da república, o considerar o maior

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

representante em língua castelhana e indicar a tradução de seus artigos para os demais países europeus.

Era dezembro de 1982 quando Martí teve a possibilidade de conviver, após dois anos de ausência, sua esposa Carmen e seu filho Pepe. Já estava em melhores condições financeiras, alugando um apartamento novo no também recente bairro do Brooklyn.

Trabalha demasiadamente em seus artigos, o que lhe rendeu a nomeação como redator da importante revista *La América*, além das reuniões com os cubanos insurgentes que residem em NY.

Ao invés do que acreditava, sua esposa Carmen não aceitava o sacrifício que Martí fazia, em detrimento da vida familiar. Seu pai, que foi passar um período em NY, tinha ao mesmo tempo orgulho do jovem Martí (com pouco mais de 30 anos de idade neste período), bem como receio do que enfrentaria ao assumir radicalmente suas posições libertárias e independentistas.

Segue Martí em sua busca por uma *Cuba Libre*. Aproveita seus escritos nos jornais *La Nación* e *La América* para propagar a união dos povos latinos com os caribenhos, especialmente Cuba, a partir de um projeto que denominou *Nuestra América*.

Para materializar esse projeto a partir de Cuba, consegue reunir em 19884 os generais Máximo Gómez e Antonio Maceo, ambos combatentes importantes e líderes da “Guerra dos Dez Anos”.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Nas palavras de Herminio Almandros (1990), pela primeira vez sentam-se ao redor de uma mesma mesa os dois generais caudilhos com um homem civil, José Martí.

O que poderia ser o começo de uma grande articulação para realizar uma guerra armada revolucionária em Cuba, acabou ocorrendo um processo de cisão devido ao modo autoritário como o general Máximo Gómez pretendia levar adiante seus planos. O *modus operandi* que este caudilho vindicava, sem a intervenção civil e sem um processo de debate do próprio plano, ofendeu Martí que se retirou dessa investida que veio a fracassar.

A partir de 1885, Martí passa por um período de reclusão, tendo renunciado à condição de Presidente da *Asociación Cubana de Socorros*. Por outro lado, intensifica sua produção intelectual: realiza traduções para a casa Appleton, publica a novela *Amistad funesta*, enviando seus artigos para vários periódicos de partidos de esquerda, tais como o El Partido Liberal (México), La República (Honduras), *La Opinión Pública* (Uruguai), e tantos outros.

Seu pai morre em 2 de fevereiro de 1887, causando-lhe uma dor profunda. Intensifica seus trabalhos para ter condições de trazer sua velha mãe, dona Leonor, para perto de si.

Para tanto, aceita o cargo de Cônsul do Uruguai em NY, vindo depois a acumular também o mesmo posto, representando a Argentina e o Paraguai.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Sua mãe vem para NY, sendo hospedada na pensão de dona Carmen Miyares.

Martí segue em sua empreitada libertária, passando a se preocupar com as intenções nascidas no próprio império norte-americano. Havia uma campanha manifesta denominada “Cuba para os Estados Unidos”, vindo Martí a opor-se veementemente contra estes propósitos expansionistas estadunidenses.

Em NY Martí, sempre atento a todos os movimentos ocorridos em sua época, percebeu a movimentação dos E.U.A em seu intento de vincular todos estes países latinos, assim como os caribenhos, à sua política expansionista.

Neste ponto, em 1880 assume a presidência da *Sociedade Proctetora de la Instrucción La Liga*, uma entidade que reunia os negros e negras expatriados de Cuba, tornando-se um centro de reuniões para os independistas.

Em 1981 na Conferência Monetária Internacional Americana, Martí já representada oficialmente o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, tendo defendido o direito destes povos em terem a sua própria moeda e não se vincular ao dólar norte-americano.

Martí não representava, portanto, somente Cuba e estes países citados. Era o legítimo defensor de todos os povos latinos e caribenhos, contra os interesses imperialistas do “gigante de botas” que surgia como potência mundial.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Martí acompanha de NY o fracasso, sem supressas, da intentada organizada pelo General Calixto Garcia, denominada Guerra Chiquita (1879-1980).

Sempre apregoava que a “pátria necesita sacrificos. Es ara y no pedestral. Se la sirve, pero no se la toma para servirse de ella”. Asseverava que deveria acabar com as tiranias e construir uma sociedade reparadora, justa e sincera. Uma sociedade de inclusão de todos e todas, sejam brancos, negros, estrangeiros, independente de credos e raças, regida não pela lei da política, mas sim pela lei do amor. Sábios ensinamentos que valem para todo e qualquer processo de independência.

De agosto a novembro e 1989, além das inúmeras atribuições que vem acumulando, Martí dedica-se a construir uma obra que, com o tempo, ganhou uma notoriedade o qual creio que nem o próprio autor pensaria alcançar. Trata-se da escrita de uma revista mensal, destinada a todos e todas as crianças das américas e caribe, denominada *La Edad de Oro*.

A história de Martí com os jovens vem de longa data. Ganhara a vida por muito tempo sendo perceptor de crianças cubanas quando do seu exílio na Espanha. A dedicação foi endereçada ao seu pequeno Pepe, mas também a todas as crianças das Américas e do Caribe, de modo que saibam como vivem os povos, suas histórias, seus problemas, o avanço das tecnologias, mas especialmente de tudo para a formação do caráter destes jovens.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Estas edições somente foram possíveis porque um brasileiro bem situado economicamente, chamado Senhor A. Dacosta Gómez, possibilitou os meios para sua existência. Encontramos na capa da primeira edição a seguinte inscrição em castelhano: *La Edad de Oro. Publicacion Mensual de Recro e Instruccion. Dedicada à Los Ninõs de América. Redactor: JOSÉ MARTÍ. Editor: A DACOSTA CÓMEZ.*

Voltaremos a explorar melhor estas revistas, no tópico seguinte, diante da importância que ela tem no pensamento martiano.

Infelizmente, por interesses opostos a seu intento, advinda dos patrocinadores da revista, teve apenas quatro números pois Martí, sempre fiel a seus princípios, negou-se a escrever artigos com outro enfoque que refugisse ao seu ideário libertário e independista.

O inverno de 1889 faz com que Martí seja obrigado a retirar-se para as montanhas, por orientação médica, eis que doente e necessitando repousar. Tinha 38 anos apenas. Foi neste período que escreveu as poesias que compuseram sua obra *Versos Sencillos*. Escreve Martí:

*Com los pobres de la tierra*

*Quiero yo mi suerte echar.*

*!La esclavitud de los hombres*

*Es la gran pena del mundo!*

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Seu retiro durou pouco tempo. Não poderia permanecer no campo, retornando suas crônicas para os jornais, suas atividades no Consulado do Uruguai, bem como seus trabalhos no turno da noite como professor de espanhol em escola municipal.

Há de se registrar que os anos que se seguem a 1890 deram uma guinada na vida de Martí. Ele sabia que teria que se dedicar mais as atividades práticas, concretas, se quisesse planejar uma revolução em Cuba e as Américas (Central e Latina).

Primeiro passo neste sentido é dado quando passa a se dedicar a dar aulas, gratuitamente, para os trabalhadores negros cubanos de NY. Almendros (1990) narra que sua forma pedagógica era baseada em diálogos e conversas com estes trabalhadores. Sua fala era suave, clara e sábia. E as conversas eram sobre tudo e todas as coisas: política, poetas, história, moral, ciência etc.

Diante da notoriedade, foi guindado à Presidente Honorário da entidade que ajudava a esta parte esquecida da população, denominada *La Liga, sociedad de protección y de instrucción*.

Os negros cubanos e porto-riquenhos o admiravam, chamando-o de El Maestro. E não poderia ser diferente. Martí reunia virtudes e atributos que poucos apresentavam: era extremamente inteligente, brilhante tanto na escrita como na oratória; colocava-se em pé de igualdade com qualquer pessoa,

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

especialmente as mais humildades e vulneráveis; não tinha qualquer intenção a não ser a de liberdade e autonomia a todos os cativos e os povos humilhados e desprezados; definitivamente, não era apenas um cubano, mas sim um homem de *Nuestra América*.

No final de 1891, Martí começa a intensificar seu projeto na prática: renuncia ao cargo de Cônsul da Argentina (devido à pressão feita pela Espanha), bem como do Uruguai e do Paraguai também. Além disso, deixa de enviar suas crônicas ao jornal argentino *La Nación*, bem como renuncia a outros cargos importantes. Em um mundo em que muitas pessoas galgam notoriedade e cargos para se autopromoverem, fica a lição de Martí: “*No quiero preeminencias para mí, sino felicidad para mi patria*”.

Livre destas amarras, a partir de 1891 Martí passa a investir em uma empreitada de construção da revolução cubana, tendo como objetivo principal unir, esclarecer e aglutinar os trabalhadores cubanos residentes em NY, bem como outros grupos residentes em Cuba e em outros países, como Porto Rico.

Sua primeira investida, bem-sucedida, foi no Estado norte-americano de Florida, nas regiões de Tampa e de Cayo Hueso, cidades em que bairros inteiros foram fundados pelos trabalhadores emigrantes da indústria do fumo, especialmente os negros.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Martí começou sua investida por Tampa. Lá funcionava o clube “Ignacio Agramonte”, que era presidido por Néstor Carvonell. Martí participou de uma festa no referido clube, no dia 25 de novembro de 1891. Foi ovacionado pela multidão que o recebera. Vejamos partes de seu discurso:

*Para Cuba que sufre, la primera palabra. De altar se há de tomar a Cuba, para ofrendarle nuestra vida, y de pedestral, para levantarnos sobre ella.*

*Yo quiero que la ley primera de nuestra república sea el ulito de los cubanos a la dignidad plena del hombre. (...) Y a quien crea que falta a los cubanos coraje y capacidad para vivir por sí em la tierra creada por su valor, le decimos: ! Mienten!*

Ato importante ocorre em *La Liga Patriótica Cubana*, quando José Martí funda a *Liga de Instrucción*, propondo algumas premissas que, posteriormente, irão ser as bases para o Partido Revolucionario Cubano (PRC), que terá um papel central na revolução cubana.

Na sua estada em Cayo Hueso, um mês após estar em Tampa, nos narra Herminio Almendros (1990), que a evento tomou uma proporção ainda maior. Ali viviam velhos lutadores que faziam parte do plano de Gómez-Maceo, o que Martí abortou, como já vimos.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Martí ainda estava doente, mas seu espírito estava animado com a adesão dos trabalhadores de Cayo e Tampa. Mesmo enfermo, na cama, mantinha seus contatos políticos com os mais diversos líderes e com os trabalhadores que o procuravam. Em poucos dias retornou aos eventos os quais era o orador principal: Círculo Cubano de San Carlos, Club Patria y Libertade e por outras fábricas que manufacturavam o tabaco.

Martí foi aclamado delegado em *La Convención Cubana*, cabendo a ele não somente redigir as bases do PRC, como escrever seu regimento secreto.

O primeiro artigo do PRC assim foi proposto e aprovado: “El Partido Revolucionario Cubano se constituye para lograr con los esfuerzos reunidos de todos los hombres de buena voluntad, la independencia absoluta de la isla de Cuba, y fomentar y auxiliar la de Puerto Rico.”

A partir da experiência vivida em Tampa y Cayo Hueso, Martí anima-se e passa a participar de várias reuniões em clubes de NY. Com a mesma intenção libertadora e revolucionária, funda, juntamente com outros cubanos e porto-riquenhos, o periódico *Patria*. Tinha claro que a luta pela independência não devia ser um fim em si mesma, mas sim um meio para passar de um regime colonial para um sistema revolucionário. Por isso, na sua concepção desde o início, tinha clareza de que não adiantava apenas alterar o regime. A revolução exigia algo a mais, em uma sociedade em que os homens verdadeiros, negros ou brancos, se tratem com lealdade e ternura, devendo honrar a terra em que nasceram.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

No coração de Nova Iorque, conseguiu perceber do perigo que representava o poderio da “Roma americana”, ou da “República do Norte”, referindo-se ao poder de dominação veladamente pretendido pelos E.U.A.

Por isso, segundo Martí, a revolução tem que ser radical, o que vale dizer ir à raiz das coisas, a fundo, fazendo de Cuba (leia-se todos os demais países latinos e caribenhos), uma pátria de justiça, “donde la libertad quede segura em el ejercicio pleno de ella por todos los hombres, y com la súbita y grandiosa emancipación de las fuentes sujetas del trabajo.”

Martí, embora doente, sentia que a revolução estava em curso. Nas exatas palavras de Almendros (1990): “Com energias físicas empobrecidas y salud débil e insegura, es impresionante la acción que Martí se dispone a emprender ahora. Toda su vida se resume y se agolpa em esa acción. Sus sufrimientos, sus ilusiones, sus trabajos de altísimos méritos, su labor preclara y esforzada de años, han sido como preparación y caminho para la suprema lucha revolucionária que fue siempre su norte y sua pasión”.

As sequelas deixadas em seu corpo durante o período de prisão, o que lhe levou a fazer algumas cirurgias devido a tumores que lhe acometeram, não lhe retirou a capacidade de seguir sua luta em busca da revolução redentora.

A partir de meados de 1892, passa a empreender uma série de viagens e participar de orador em eventos realizados pelos trabalhadores emigrados. Seu objetivo era unir os

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

cubanos, dentro e fora do seu País de origem. Para isso, precisava revisitar uma questão delicada que a luta histórica lhe reservou: rever novamente o General Máximo Gómez e também refazer a aliança com Maceo.

Gómez vivia em São Domingos, vindo em 11 de setembro de 1892, após longa viagem de navio, a encontrar José Martí, recebendo-o de forma generosa e amigável.

Conversaram durante três dias, entrando em acordo para empreenderem juntos à guerra que garantiria o livramento de Cuba às amarras de Espanha.

A reconquista da confiança e apoio de Maceo foi feita de forma indireta. Martí realizou uma longa viagem de NY a São Domingos, passando pelo Haiti até chegar a Jamaica. Perto de Kingston estavam a esposa e a mãe de Maceo, que vivia ainda exilado na Costa Rica. Reencontra estas mulheres as quais tinha grande admiração, sendo a recíproca verdadeira. Retorna à NY em uma viagem que durou 50 dias. Escreve longa carta a Maceo, na busca de tê-lo novamente no front da guerra que iria brevemente aflorar.

Quando retorna a NY reabastece seus artigos para o periódico Patria, partindo para Florida, mesmo ainda doente e com a saúde abalada, para reuniões nos clubes de Cayo Hueso, Tampa e Ocala. Conseguira o apoio de mais de dez mil tabaqueiros que irão contribuir mensalmente para os fundos do Partido.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

É interessante observar que o reconhecimento de Martí era tão grande que perto de Ocala tinha um pequeno povoado cujo nome era Martí City. Incontestável a liderança e o reconhecimento de Martí, fruto de sua práxis revolucionária.

Martí segue sua peregrinação por estes clubes, em Florida e depois na Filadélfia, enquanto em Cuba o clima interno o preocupava deveras. Havia em sua terra mater muita confusão e faíscas de rebeldia que poderia pôr em risco o plano maior da guerra de libertação que vinha planejando.

Conforme se depreende de seus escritos, Martí entendeu ser este o momento para efetivar o plano da guerra libertadora. E assim, em 1.07.1893 chega novamente a Monte Cristo, para organizar a guerra com o General Gómez. Ato contínuo, viaja para a Costa Rica, pois teria que ter o apoio de Maceo que vive em uma colônia agrícola fundada por trabalhadores cubanos.

Gómez e Martí conseguem o apoio de Maceo. Este se dispõe a organizar uma expedição, juntamente com Flor Crombet, Augustín Cebreco e outros veteranos de guerra. O plano consistia em sair de barco, comprado com o dinheiro que o Partido teria em caixa, saindo da Costa Rica até a costa de Cuba.

Antes de embarcar de volta, os estudantes da capital pediram para que fizesse uma conferência na Faculdade de Direito. Mesmo doente, Martí utiliza o púlpito por duas horas, em uma conferência denominada “El Porvenir de América”. Expõe sua tese da Nuestra América. Chama a atenção, neste

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

discurso longo, para os perigos que o imperialismo norte-americano apresenta. Conhecia o “mostro nas suas entranhas”.

Neste final de 1883, tendo agravado suas condições de saúde, Martí intensifica seus esforços para acelerar o momento que entendia final para pôr fim ao regime colonial de Espanha, mas também para evitar os planos estadunidenses. Precisava ser rápido: a Espanha por um lado, pressentindo a organização que lhe ameaçava, intensificava suas táticas para manter a Ilha sob jugo, por outro lado uma crise econômica dos tabaqueiros ocorrida em Florida fechou várias fábricas justamente em Cayo.

Com efeito, no ano seguinte (de janeiro de 1894 até janeiro de 1895), Martí e seus aliados colocam a funcionar o plano denominado “Fernandina”.

Tinha tudo para dar certo, no pensamento dos aguerridos revolucionários. Desde os fundos para financiar a guerrilha, centralizados no PRC, o recrutamento dos homens, as armas, enfim, tudo pronto para a etapa final.

Em abril de 1894 o General Máximo Gómez, juntamente com seu filho, vem para NY para tratarem pessoalmente com Martí os detalhes do ataque fatal.

O General Gómez se comove diante do recebimento entusiasta que vê nos clubes de NY, reconhecendo todo o hercúleo trabalho que Martí fizera até então.

O “Plano Fernandina” residia no seguinte, conforme narra Almendros (1990): um barco, financiado pelo Partido, partiria

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

de São Domingos, enquanto outra expedição, direitiga por Serafín Sánchez e Carlos Roloff saíam de Florida para Santa Clara, sendo que na Costa Rica embarcariam os aliados de Maceo e Flor Crombet.

Gómez deixa seu filho, de nome Panchito, em NY para que acompanhe Martí até a Costa Rica, com o intuito de acertar os detalhes com Maceo e seu grupo.

Em julho deste ano Martí parte para o México, visando obter mais fundos para a empreitada proposta. Retorna a casa de seu fiel amigo Manuel Mercado, que tanto o servira quando lá esteve. Todos o tratam bem, reconhecendo seu gênio e sua humanidade ímpar.

Retorno a NY, aguardando as ordens de Gómez para começar a empreitada. Estava ansioso. Notícias chegavam de Cuba, dando conta de que os insurgentes estavam ansiosos para o ataque.

A ordem chega por meio do General José María Rodríguez, a mando de Gómez, partindo do pequeno porto de Fernandina as três embarcações, de nomes Lagonda, Amadís e a Baracoa, carregadas de homens e de armas.

A embarcação Lagonda partiria de um local bem conhecido por Martí, Cayo Hueso; na Amadís sairá de Costa Rica com Maceo e seus homens, enquanto Martí irá embarcar na Baroa, passando em São Domingos para recolher o General Máximo Gómez e seus aliados.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Mas o “Plano Fernandia” fracassa. Um delator avisou as autoridades estadunidenses que interceptaram e deteram as três embarcações, para o desespero de Martí e de seus aliados.

Martí fica inconsolável. Todo seu trabalho de três anos parece se esvaír ao vento.

Era preciso reagir. Não era definitivamente culpa sua o fato ocorrido, muito embora alguns poucos tentavam plantar esse entendimento nos grupos aliados a ele.

No final de janeiro de 1885, parte Martí para São Domingos, juntamente com Mayía, Collazo e seu amigo fiel Manuel Mantilla. Em 7 de fevereiro irão ao encontro do General Gómez, em Monte-Cristo, São Domingos. Foi justamente em Monte-Cristo que Martí e Coméz escrevem e firmam, no dia 25 de maio desse ano, as bases que devem orientar o manifesto a Cuba do Partido Revolucionário Cubano (PRC), que ficou conhecido como Manifesto de Montecristi.

Este Manifesto... foi impresso e distribuído aos aliados, como forma de manter a união e não apagar a chama da revolução que plantara durante a vida toda.

Antes da viagem para a costa cubana, Martí escreve para o padre dominicano Federico Henríquez e Carvajal. Pela carta escrita é perceptível que sabia não retornaria mais a vê-los. Vejamos trechos extraídos da obra de Almendros (1990): “Para mí la patria nunca será triunfo, sino agonía y deber”. “Quien piensa en sí no ama a la patria.” “Mi único deseo sería pegarme

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

allí, al último tronco peleador: morir callado. Para mí ya es hora.”

Escreve também para suas mãe e irmãs Carmen e María. Ao final da carta emocionada e comovente, diz à dona Leonor: “Abraze a mis Hermanas, y a sus compañeros. ¡Ojalá pueda algún día verlos a todos a mi alrededor, contentos de mí! Y entonces sí que cuidar é yo de usted con mimo y con orgullo. Ahora, bendígame, y crea que jamás saldrá de mi corazón obra sin piedad y sin limpieza. La dencición.”

Após algumas tentativas de seguir para a costa cubana, o barco alemão El Nordstrand aceita, mediante o pagamento de mil pesos, levar o grupo rebelde até a perto da costa da Ilha. A partir daí, um barco comprado pelo PRC os levaria até a Ilha.

Passam duas horas remando, com chuva e fortes ondas, até chegarem a uma praia de pedras, local denominado Playita.

Martí nunca deixou a arte da escrita, mesmo quando destas últimas semanas de sua vida enquanto combatente. Anotam os historiadores que o grupo, o qual estava Martí, teve que atravessar rio e montanhas. E Martí levava consigo um rifle, um revólver, um tubo com mapas de Cuba, além de uma mochila com medicamentos e livros. Escrevia sempre. Anotava tudo. Como se realmente estivesse vendo esse mundo pela última vez. As ricas anotações foram depois reunidas e comentadas por Mayra Beatriz Martínez no livro “Diarios de Campaña”.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

A população humilde e pobre, por onde passavam, iam ajudando e compartilhando o pouco que tinham. Chegam notícias que a polícia espanhola se puseram a caminho, para os perseguirem e travarem uma batalha. Também souberam que Maceo e sua tropa desembarcaram em Duaba e travaram uma sangrenta batalha por lá.

Maceo vem ao encontro do grupo para ajudar Martí e os seus. Triunfante em combate que dava para se ouvir de longe. Martí passa a noite curando suas feridas com os medicamentos que trouxera, não perdendo nunca a poesia: “Qué cariñosas las estrellas a las tres de la madrugada”.

O grupo se detem durante quatro dias na estância chamada Filipinas. Martí e Gómez redigem instruções aos outros chefes, para que seja punido com severidade quem pretenda aceitar promessas e trocas, de modo que não prejudique o pensamento de independência absoluta de Cuba.

Os valentes guerreiros mambises aclamaram Martí como Presidente! Mas ele não queria poder. Não tinha intenção alguma de postular qualquer cargo. Tanto é que se desfez deles para se tornar livre na guerrilha.

Martí escreve para o General Maceo que anda por perto do seu acampamento. Este responde a mensagem que irá encontrá-los em Bocucy no dia 12 de maio, ao meio-dia. Encontram-se no engenho La Mejorana, planejando e discutindo a guerrilha e a forma de governo que virá.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

Já com poucos recursos, Maceo e Gómez pretendem que Martí vá para NY buscar auxílios para continuar a guerra. Martí argumenta que precisa participar de um combate antes de ir.

Sabia Martí que não iria retornar à NY. Por isso afirmara: “vo sé desaparecer, pero no desaparecerá mi pensamiento.” Estava triste e abalado: “Escribo poco y mal, porque estou pensando com zozobra y amargura”, escreve na noite do dia 15 de maio.

Um dia antes de sua morte em combate, escreve sua última carta, endereçada para seu amigo fiel mexicano, Manuel Mercado. Nela está seu pressentimento de que fará o último combate, bem como chama a atenção para o perigo que ronda Cuba e os países latinos. Vejamos:

“... ya estoy todos los días em peligro de dar mi vida por mi patria y por mi deber

– puesto que lo entendo y tengo ánimos con que realizarlo

– de impedir a tempo con la independência de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan con fuerza más, sobre nuestras tierras de América. Quanto hice hasta hoy, es para esso (...) Viví en el monstro, y le conosco las entrañas:

- y mi honda es la de David.”

Era 19 de maio de 1895 perto de Dos Rios. Estavam reunidos todos os chefes para discutir as estratégias da guerra:

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Martí, Gómez, Masó e outros. Chegam notícias de ataques espanhóis em Dos Rios. Saem os líderes e os mambises para a batalha. Gómez ordena que Martí fique na retaguarda, buscando o proteger. Mas como proteger aquele que certamente pensava que havia “alzado de la muerte apetecida”. Este certamente era o momento. O seu momento triunfal, vez que sempre disse que morrer pela pátria era uma honra e o orgulhava.

Martí presencia à sua frente a guerra entre os espanhóis e seus companheiros. Como poderia não participar? Como, diante de tantas tentativas infrutíferas e fracassos não participaria, de alma e corpo, da luta que se tratava à sua frente? Esta era a oportunidade que estava buscando para dar sua contribuição, em uma verdadeira práxis que animou toda sua existência. E assim o fez. Lançou-se à frente com uma arma em punho. Não sei, mas certamente não chegou a matar ou talvez no máximo conseguiu atirar para o alto.

Escondidos em uma moita, recebe uma descarga de balas. Ángel de la Guardia, que o acompanha, vê seu cavalo cair e Martí cai junto, embaixo do animal. Três balas o acertaram fatalmente. Os espanhóis apanham seu corpo como se fosse um troféu. Somente o entregam em Santiago de Cuba, uma semana após, devidamente embalsamado.

Seus restos mortais repousam no Cemitério de Santa Ifigenia, em Santiago de Cuba, no mesmo cemitério em que repousa Fidel Castro, que a história absolveu.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

“El cuerpo hecho polvo está ali; pero Martí sigue y seguirá vivo para siempre, em la memoria y em el corazón de su pueblo. Espejo de humanid es para todos. La Revolución lo lleva em su entraña.” (Almendros, 1990)

A história mostrou que a semente revolucionária plantada por Martí vingou após sua morte. A luta por uma Cuba Livre continuou. Maceo morreu em combate em Havana, fruto de uma emboscada, em 7 de dezembro de 1897. Ano seguinte, em 1898, os temores de Martí se concretizaram: a Espanha se rende aos interesses do “Gigante de Botas do Norte” (E.U.A), ganhando Cuba uma pseudo independência que a conduzindo como colônia do imperialismo estadunidense.

Em 1901 o EUA consegue implantar na constituição cubana a Emenda Platt, a qual possibilitava a intervenção deste como forma de garantir uma suposta independência da Ilha. Os interesses estadunidenses mantiveram-se aceso, razão pela qual a base de Guantánamo até o presente permanece como se fosse seu território.

As sementes plantadas por Martí floresceram e florescem não somente em Cuba mas em toda a latino-américa e caribe. Estavam presentes na guerrilha de 26 de julho de 1953, em que os irmãos Castro (Fidel e Ruy) investiram, inexitosamente, contra o Quartel de Moncada (em Santiago de Cuba). Por esta razão que a resposta dada pelo grupo, quando vários foram torturados até a morte para deletar o mentor do assalto, responderam que foi José Martí o mentor do plano.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

Por certo que esta semente germinou e nasceu a frondosa árvore em 1959, com a vitória final ocorrida na batalha final de Santa Clara. Indago-me se os dez anos em que escreveu suas crônicas para o argentino *La Nación* (1881 à 1891), não fizeram de algum modo chegar na formação de Ernesto Guevara? Ao que tudo indica, analisando a obra do médico e guerrilheiro argentino, tudo indica que a resposta é afirmativa.

De algum modo, a ideia da união de todos os povos latino-centro-americanos e caribenhos, traduzida pelo ideário revolucionário de *Nuestra América*, se mantém acesso e vivo.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

## 23 A EDUCAÇÃO LIBERTA: SEGUINDO OS ENSINAMENTOS DE JOSÉ MARTÍ

Era uma sexta-feira, 17 de novembro de 2023 quando partimos do resort Hotel Meliá Las Dunas, em Cayo de Santa Maria. Estava ansioso para retornar à La Habana. Tinha apenas o sábado, 18, eis que partiria já no domingo de manhã para o Brasil, com a tradicional escala no Panamá feita pela Copa Airlines.

Já trazia na mala vários livros, noventa por cento deles sobre José Martí. Não fosse o excesso de peso que os livros emprestam no pagamento das taxas extras no aeroporto, certamente traria mais e mais obras comigo. O livro em Cuba é extremamente barato. Custa centavos de reais, se compararmos à nossa moeda.

Mas não são somente os livros que trago na mala. Além das lembranças inesquecíveis das belas praias, realmente encantadoras, sedimento fortemente minha convicção de que esta pequena e valente Ilha caribenha ainda resiste porque possui um lastro de cultura que permite manter um socialismo *sui generis*. E mais uma vez é o pensamento martiniano que cimenta este processo.

Com efeito, a educação em Cuba é exemplar.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

O exército de estudantes que observei ao final de tarde, quando fazia o *city tour* pela ilha, mostra dados impressionantes neste quesito: dados apontam como um dos países com menor taxa de alfabetização (em torno de 99,7%), possuindo um ensino público e gratuito, garantido pelo Estado em todos seus níveis, de forma extremamente democrática na tomada das decisões de suas instituições.

Martí apregoou que “Ser culto es el único modo de ser libre”, entendendo a educação como liberdade, apontando que “La ignorancia mata a los pueblos”. E Cuba assimilou bem essa lição de Martí, assim como apostou em um serviço exemplar de saúde pública que é modelo para o mundo.

Na abertura da IV Convención Científica Internacional da UCLV, exatamente dia 13 de novembro de 2023, o Prof. Agustín Lage Dávila faz uma conferência inicial, no belo auditório central da Universidad Marta Abreu de Las Villas.

Sua brilhante palestra, cujo mote era a necessidade de criação de empresas em Cuba, apresentou vários dados que confirmam a minha visão empírica de que a educação/cultura é fundamental para a manutenção da revolução e de suas conquistas.

A BIOFARMA em Cuba, por exemplo, foi fundamental para a produção de tantas vacinas para combate da COVID-19, que deram à Ilha que Resiste uma posição privilegiada nos quesitos relacionados ao número baixo de óbitos em termos comparativos mundiais.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

O investimento de Cuba em biotecnologia é impressionante: a BIOFARMA conta com 32 empresas, 21 entidades de Ciência e Técnica, 80 linhas de produção, mais de 20 mil e trezentos trabalhadores, com 246 doutores e 1.219 mestres.

Por isso, afirmou Agustín, “La Biotecnologia em Cuba no es esencialmente una experiencia científica sino una experiencia de innovacion organizacional, dentro del Socialismo.”

Com efeito, os investimentos de Cuba em educação são maiores que muitos países nórdicos (Noruega, Finlândia, Suécia, por exemplo). Dados do Banco Mundial de 2021 apontam um investimento de Cuba na ordem dos 8,5 do PIB, enquanto a Noruega investiu 7,9 e a Finlândia 6,4.

Não tenho dúvidas que a maior riqueza de Cuba está na educação/cultura, na saúde a que todos e todas têm direito, cujas decisões são tomadas de forma descentralizadas, por meio das juntas locais e distritais.

O verdadeiro exército de estudantes que vi nas duas estadas na Ilha, são uma amostra de como estes investimentos podem manter ainda vivos os ideais revolucionários e humanistas de José Martí.

Mais que isso: são estes(as) estudantes que podem resolver os vários problemas que a Ilha possui, tais como o transporte precário, o problema do lixo urbano, a falta de empreendimentos em vários setores, todos eles agravados por

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

um insano bloqueio internacional, capitaneado pelos Estados Unidos da América, que ocasiona a falta de produtos e matérias primas básicas.

Sim, Cuba ainda resiste e insiste em ser diferente de tudo e de todos os países. Por isso, só indo para Cuba mesmo e vivenciando estas experiências. Não em um sistema turístico, pois arrisca-se a conhecer somente a casca e não o fruto. Cuba é para ver vivida e sentida. Viva à diferença, salve à Ilha que Resiste!

DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

# ANEXOS

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

[www.livrosparaomundo.com](http://www.livrosparaomundo.com)

DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

# SANTA CLARA

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



IGREJA DEL CARMEN: começo da cidade de Santa Clara

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**ESTAÇÃO FERROVIÁRIA:** mais um legado de Marta Abreu, o terminal ferroviário, datado de 1860, ainda em pleno funcionamento.



**TEATRO LA CARIDAD:** erguido por Marta Abreu

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**ESTÁTUA de Marta Abreu, na Praça Vidal: uma homenagem à mulher que marcou a história de Cuba e da Revolução de 1959. Momento em que a Speed canadense que utilizei ganhou o apelido carinhoso de “Martita”.**

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**ALA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA da UCMLV:**  
prédio em que foi planejado em dezembro de 1958 a Batalha de Santa Clara. No muro ao lado encontramos a estratégia utilizada para arrancar os trilhos e cortar a energia elétrica para isolar as tropas de F. Batista.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA: a foto do lado direita revela um fato interessante em que Che Guevara aceita o título de Honoris Causae da UCMLV desde que não usasse as vetustas togas pretas.



SALA DE HISTÓRIA: local ocupado em dezembro de 1958 por Che Guevara, como sede para organizar a batalha final de Santa Clara.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**PARALELAMENTE**, no mesmo prédio, Che Guevara construiu um Hospital de Campanha para tratamento dos eventuais feridos na batalha que viria. Passados sessenta anos a Universidad Central “Marta Abreu” de Las Villas volta a ter novamente Hospitais de Campanha para o enfrentamento da Covid-19.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**UMA UNIVERSIDADE QUE ABRIGA: bunkers encontrados no campus da UCMLV, construídos na década de 1970 para proteger a população de possível ataque norte-americano.**

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**MUSEO “ACCIÓN CONTRA EL TREN BLINDADO”:**  
local em que a Coluna “Ciro Redondo”, coordenada por Che e Camilo Cienfuegos conseguiram, com 300 homens, vender os 3000 soldados de F. Batista. .



**MARCAS DAS BALAS** no vagão descarrilhado, exposto no Museu.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**EMPILHADEIRA CARTEPILLAR utilizada para arrancar mais de 30 metros de trilhos, além de cortar a rede elétrica.**

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**HOTEL SANTA CLARA LIVRE:** nas suas paredes encontram-se as marcas das balas disparadas na Batalha de Santa Clara. Embaixo funcionando o Cine Camilo Cienfuegos.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**HOTEL DEL SUICO:** construído ao lado da estação férrea para alojar professores e viajantes.



**ESCOLA DE MAESTROS,** hoje uma escola primária. Na frente uma frota de carroças-táxi, muito utilizadas para trajetos curtos.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**EMPRESA PÚBLICA/ESTATAL UNE-SANTA CLARA.**  
Mais uma benfeitoria de Marta Abreu que, desde 1894,  
garante a energia para o povo.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**ENERGIA ELÉTRICA: slogan impactante. Os recursos naturais não são privatizados pois são de todos.**

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**MAUSOLÉU DEL CHE GUEVARA:** entrada do complexo construído pela população de Santa Clara em homenagem ao médico/guerrilheiro argentino que mudou a história de Cuba e do socialismo mundial. Nele encontram-se os restos mortais de Che e seus 16 guerreiros mortos na Bolívia em 9/10/67.



**VISTA DA FRENTE DO MAUSOLÉU**

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**ANEXO DO MAUSOLÉU** onde encontram-se enterrados militantes mortos durante e após a Revolução e as lutas independentistas. Ao lado direito encontram-se a chama acessa por Fidel Castro em 17/10/1997, sempre renovada.



**INSCRIÇÃO** encontrada no anexo do Mausoléu, que originou o slogan atual do “Patria o Muerte”.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



PROPAGANDA colada na porta dos apartamentos das unidades habitacionais da Universidade, convocando a todos para participarem da votação do processo constituinte de 2018.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



FOTO DE CHE GUEVARA em azulejo nas imediações da Loma del Capiro.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**PRODUÇÃO DE ORGANOPÔNICOS “Sementes de Combatentes”**. Percebe-se no tanque de armazenamento de água a frase clássica de CHE: “Hasta la victoria siempre”.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**CARROS ANTIGOS** fazem ponto como Táxi no estacionamento do Aeroporto José Martí.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**AGRICULTURA FAMILIAR E COOPERATIVISMO:** agricultor mostra sua plantação em economia familiar, de forma cooperada e com auxílio dos projetos de extensão da UCMLV.



**TREM** transportando óleo diesel e outras cargas cruza pela plantação rumo a Santiago de Cuba. A malha ferroviária é um dos pontos fortes, o que incluiu transporte de passageiros.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**ESTUDANTES** chegando na UCLV: várias e alternadas formas de transportes suprem um déficit no setor.



**CONSULTÓRIO MÉDICO DA FAMÍLIA:** organização territorial que garante o atendimento domiciliar das famílias nas circunscrições demarcadas. A numeração corresponde aos números das residências abrangidas. Saúde de ótima qualidade, pública e gratuita.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



**PEQUENO COMÉRCIO** de venda de hortigranjeiros.



**CAMPO DE FUTBOOL** na Universidad “Marta Abreu” de Las Villas. Similar ao Brasil, um dos esportes mais apreciados.

**JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA**



**CONJUNTOS HABITACIONAIS para alunos da UCLV**



**CONJUNTO HABITACIONAL dos professores e técnicos-administrativos que residem na UCLV**

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Sede da Federação das Mulheres Cubanas: a foto de uma guerrilheira registra o foco da resistência que encontramos em toda a cidade de Santa Clara.



Paradouro situado na autoestrada que liga Havana à Santa Clara: a bandeira de Cuba está presente em todos os lugares.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Frente da Sede Regional do PCC, nas proximidades do Museu Aberto do Trem Tombado: as pinturas e frases vibrantes tornam atual um passado de resistência ainda presente.



FEIRA POPULAR no domingo. Comércio especialmente de produtos hortigranjeiros.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Parte interna de HOSTEL em Santa Clara: são dezenas de pequenas e belas hospedagens montadas em casas de particulares. Uma boa opção para os turistas.



AVICULTURA ALTERNATIVA: empresa pública de produção de ovos em Santa Clara. As inscrições no mural de entrada demonstram o trabalho em equipe e o sentimento de solidariedade e pertencimento dos que trabalham nestas empresas.

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**RUA TÍPICA DE SANTA CLARA:** o casario antigo, datando de mais de quatro séculos, com suas calçadas minúsculas e as ruas calçadas com paralelepípedos antigos, permanecem na memória de quem passa por aqui.

DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

**LA HAVANA**  
**E**  
**CAYO DE SANTA**  
**MARIA**

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

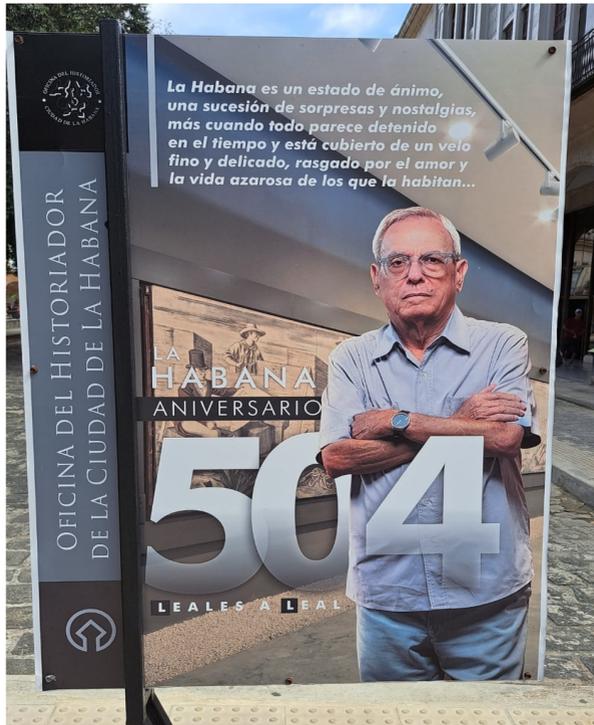


FOTO DE EUSEBIO LEAL SPENGLER: historiador e profundo conhecedor de La Havana, uma homenagem aos 504 anos desta enigmática cidade

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Capit6lio Nacional de Cuba em Havana. Uma r6plica do Capit6lio Norte Americano (com um metro mais alto e mais largo). Pr6dio de 1929 foi sede do governo ap6s a revolu76o de 1959

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Acrópole do Capitólio Nacional de Cuba: coberto com folhas de ouro doadas pela Rússia para resistir a maresia e ao tempo.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



ESTATUA DE JOSÉ MARTÍ POSTA NO CENTRO DA PRAÇA CENTRAL EM LA HAVANA: sua mão levantada acena para um povo que prioriza a educação e a ciência.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Estátua “EL BESO” situada no começo da Calle Boulevard de San Rafael

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Desfile de carros antigos e carruagens na Praça Central em la Havana

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



“LA FLORIDITA”. Parada obrigatória de Ernest Hemingway para apreciar o daiquiri.

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Escola em homenagem a JOSÉ MARTI: centro de la Havana

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Estátua: “LA CONVERSACIÓN” na Plaza e San Francisco de Asís-  
edificio “LA LONJA DEL COMÉRCIO”

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Carros antigos a espera dos turistas na Plaza Central

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Uma guarda de trânsito analisando a documentação do condutor

DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



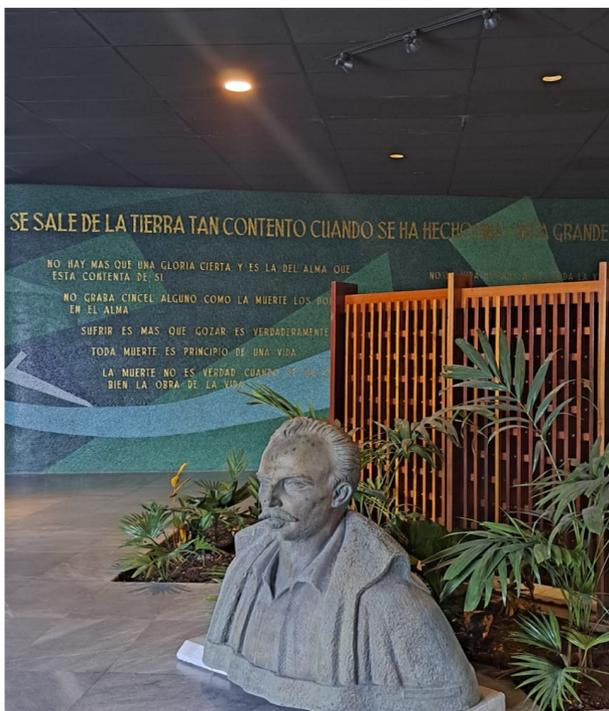
Foto de Camilo Cienfuegos na Plaza de la Revolución

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Prédio com Che Guevara na Plaza de la Revolución

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Lápide de JOSÉ MARTÍ POSTA na entrada do memorial que leva seu nome. Ao fundo frases mais conhecidas escritas em folhas de ouro.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



**PLAZA DE LA REVOLUCION: Ponto turístico de  
visitação obrigatória**

DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



MEMORIAL JOSÉ MARTI

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



MEMORIAL JOSÉ MARTI

DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



FOTO DA NECRÓPOLE DE CRISTÓVÃO COLÓN: 56 hectares de muita história e linda iconografia.

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Foto do interior do Cemintério Cristóbal Cólón

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Monumento em homenagem aos bombeiros mortos em incêndio de 17/05/1890

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Lápide em reconhecimento aos bombeiros mortos no incêndio Cemitério Colón

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Cooperativa de cocheros: lindas e bem cuidadas, as carruagens desfilam pelas ruas de La Havana

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Simplicidade: um investimento em educação similar aos países europeus

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Adolescentes indo para escola em La Havana

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Estudantes saindo da escola no “PASEO MARTÍ” ou “PASEO DEL PRADO”. Ao fundo o MALEC

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Uma tarde de domingo no MALECÓN

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Praia em Cayo Santa Maria

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Praia em Cayo Santa Maria

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA



Praia em Cayo Santa Maria

## DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste



Esse é o Caribe! Praia dentro do Resort Melia Las Dunas-Cayo Santa Maria

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

**A SOLIDARIEDADE**  
**NÃO SE BLOQUEIA**



DE VOLTA A CUBA: a ilha que resiste

## A ASSOCIAÇÃO CULTURAL JOSÉ MARTÍ DO RIO GRANDE DO SUL (ACJM/RS)

*Por Ricardo Haesbaert – Presidente ACJM/RS*

A Associação Cultural José Martí do Rio Grande do Sul completou 40 anos em 25 de Julho de 2024. 40 anos de lutas e de defesa da autodeterminação dos povos e da integração latino-americana e dos povos do mundo através da cultura.

Realizou, neste tempo, ações de solidariedade tanto nacional como internacional, além das Brigadas de Solidariedade com Cuba. Produzimos dois CDs, “Trovas da Pátria Grande” em 2008 e “José Martí Em Canto” em 2014 lançados em Porto Alegre-RS, Montevideo-Uruguai e Havana-Cuba. Além disso lançamos vários livros. Em especial, o livro de crônicas do Zé Ricardo, no dia do aniversário de José Martí, em 28 de Janeiro de 2023, “Cuba a Ilha que Resiste”, e agora, somos presenteados com o livro “De volta a Cuba: A Ilha que Resiste”. Livros imprescindíveis para quem ama a literatura.

Livros que possibilitam conhecer a história de um povo que faz uma revolução socialista e resiste a um bloqueio por

## JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

mais de 64 anos por parte do maior império econômico, militar e midiático, o império estadunidense.

Conheça um pouco do nosso trabalho e nos siga nas redes sociais. Teremos o maior prazer em escutar suas sugestões e opiniões sobre o trabalho que desenvolvemos. Hasta La Victória Siempre. Venceremos!

Boa Leitura, afinal , José Martí já dizia: “POVO CULTO É POVO LIVRE”

#TumbaElBloqueo

#CubaMelhorSemBloqueio

#SolidariedadeNãoSeBloqueia

Endereços :

Rua Vigário Jose Inácio, 303 3ºandar, Porto Alegre, RS, Brasil, 90020-110

<https://www.youtube.com/JoseMartiRS>

Instagram @josemartirs

<https://www.facebook.com/>

[AssociacaoCulturalJoseMartiRS](#)

@CUBAVSBLOQUEO2024

Celular whatsapp: (51)99678-6011 - (51)996612191